Antologia Portuguesa

PALADINOS DA LINGUAGEM

1 3U.

Livrarias AILLAUD e BERTRAND
PARIS — LISBOA

8 2

Ministério da Instrução Pública

Secretaria Geral

Considerando que à excepção dalgumas raras jóias do património literário nacional, se não conhecem geralmente as obras primas da literatura portuguesa, muitas delas de difícil aquisição pela antiguidade ou raridade das suas edições;

Atendendo a que a *Antologia Portuguesa*, organizada pelo escritor Agostinho de Campos e publicada pela Livraria Aillaud, procura obviar àqueles inconvenientes, oferecendo ao público uma colecção onde fique arquivada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas;

Atendendo ainda a que a forma material como a *Antologia Portuguesa* é apresentada, a torna verdadeiramente agradavel e atraente e, portanto, de fácil vulgarização e largo proveito educativo:

Manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, **que seja louvada a Livraria Aillaud pelo seu patriótico empreendimento,** em vista dos altos benefícios que essa casa editora vai prestar à divulgação das preciosidades da literatura nacional, com a publicação da *Antologia Portuguesa*.

Paços do Govêrno da República, 24 de Abril de 1920. — O Ministro da Instrução Pública, *Vasco Borges*.

Diário do Govêrno, II Série, n.º 98, 28 de Abril de [illegible]

ANTOLOGIA PORTUGUESA

PALADINOS DA LINGUAGEM

PRIMEIRO VOLUME

Printed in Portugal

Antologia Portuguesa

VINTE E TRÊS VOLUMES PUBLICADOS, A SABER:

SÉCULO XV: *Fernão Lopes*, três volumes.

SÉCULO XVI: *João de Barros*, um volume; *Trancoso*, um volume; *Camões Lirico*, 1.º, 2.º e 3.º volumes.

SÉCULO XVII: *Manuel Bernardes*, dois volumes; *Frei Luís de Sousa*, um volume; *João de Lucena*, dois volumes.

SÉCULO XIX: *Alexandre Herculano*, um volume; *Guerra Junqueiro*, um volume; *Eça de Queiroz*, dois volumes.

SÉCULO XX: *Augusto Gil*, um volume; *Antero de Figueiredo*, um volume; *Afonso Lopes Vieira*, um volume.

SÉCULOS XIV a XX: *Paladinos da Linguagem*, três volumes.

SEGUIR-SE HÁ:

Camões Lirico, 4.º, 5.º e 6.º volumes.

LaPor. Gr
P1535

Antologia Portuguesa

organizada por

AGOSTINHO DE CAMPOS

PALADINOS DA LINGUAGEM

I

SEGUNDA EDIÇÃO

403750
10.6.42

LIVRARIAS AILLAUD e BERTRAND
PARIS — LISBOA

LIVRARIA CHARDRON
PÔRTO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

1926

Todos os exemplares vão rubricados pelo organizador
da ANTOLOGIA PORTUGUESA

Composto e impresso na Tip. da EMPRÊSA DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS
Rua do Diário de Notícias, 78 — Lisboa

INTRODUÇÃO

Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin
Est toujours, quoiqu'il fasse, un méchant écrivain.

(BOILEAU, *Art Poétique.*)

... A língua do pequenino Portugal... Foi essa e não outra a que primeiro praguejou com a tempestade oceânica; e a primeira que traduziu a alma das imensas distâncias — a saüdade...

(JOÃO RIBEIRO *Páginas de Estética.*)

Desagradecidos Portugueses, e desnaturais são, os que, por desculparem sua negligência, culpam a pobreza da língua.

(D. ANTÓNIO PINHEIRO.)

... Graciosa engua, con quien sola la portuguesa puede competir, en ser dulce, y agradable.

(CERVANTES.)

INTRODUÇÃO

I

PRELIMINARES

PRETENDE êste livro ser colecção, homenagem e incitamento: colecção de lugares selectos de escritores lusitanos já mortos, e que de qualquer maneira se referiram à nossa língua para a glorificar, para a defender e para a conservar ou fazer progredir; homenagem à memória ou aos serviços de muitos dêsses *paladinos da linguagem,* amorosos dela cada um a seu modo: alguns com paciente e miúda inteligência de sábios e outros com instinto de poetas, ardente e apaixonado;—incitamento, em-fim, aos moços portugueses de hoje, para que, de olhos postos no exemplo de tantos escritores nossos de outrora e de sempre, aprendam com êles a amar, a venerar, a defender a fala que herdámos dos maiores, e que nos cumpre transmitir aos vindouros rejuvenescida, sim, mas não desraïzada:—capaz de

acompanhar o desenvolvimento e avanço das ideias, dos factos ou das artes, mas sem perder o Norte da sua origem e da sua tradição, da sua autonomia e da sua individualidade.

Como homenagem ou como incitamento, justificar-se hão por si próprios o valor e a eficácia do volume; como colecção, porém, não lhe será fácil livrar-se inteiramente das pechas que acompanham tôdas a colecções: a de serem pueris ou arbitrárias, e a de ficarem sempre incompletas.

Contra a eventual acusação de puerilidade escudar-nos há não só o exemplo douto e sério da velha Academia Real das Sciências de Lisboa, que abriu o seu Dicionário com um capítulo de *Memórias e louvores da lingua portuguesa que se achão em diversos autores*, mas também o de José Silvestre Ribeiro, que nos seus *Primeiros Traços* apresenta um catálogo de intuito e sentido idênticos.

Arbitrária é certamente a escolha de muitos dos autores apresentados e dos trechos transcritos, que poderiam ser estes ou outros, dada a impossibilidade de se apresentar ou transcrever tudo e todos, a não ser numa publicação muito extensa, que logo alienaria, pelo excessivo pêso e espessura, o carácter leve e fácil que queremos manter nestas nossas compilações de vulgarização e propaganda.

Supomos todavia que, apesar da relativa brevidade com que foi feita — e por culpa da qual nos terá de-certo escapado aqui e ali matéria mais apropriada ao nosso intuito do que alguma da que colhemos — a colecção de *Paladinos de Linguagem* servirá ao intuito que a fêz nascer.

Se tivéssemos nos limites regulamentares dêstes volumes folga para tanto, não deixaríamos de incluir na série das transcrições algum trecho de Barbosa Machado, Luiz António Verney, Santa Rosa de Viterbo, Frei Fortunato de S. Boaventura, Cunha Rivara, Evaristo Leóni, Borges Carneiro, Inocêncio Francisco da Silva, Latino Coelho, Silva Túlio, Sousa Viterbo, Gonçalves Guimaraes e vários outros eruditos que muito trabalharam pela vernaculidade e boa conservação da nossa língua. A sua ausência do corpo do volume não significa esquecimento ou ingratidão, nem tira a esta selecta o seu principal valor, que é o de suscitar e agitar uma longa série de problemas, sempre insolutos, e portanto sempre actuais, relativos à língua nacional.

Nenhuma ideia preconcebida, ou antes: nenhum exclusivismo fanático nos guiou a mão e forçou a escolha dos trechos apresentados e dos autores que os assinam. Por isso incluímos entre estes Eça de Queiroz e Fialho de Almeida, prosadores acusados de graves delitos contra a vernaculi-

dade, mas que nem por isto deixaram de muito amar a língua em que escreveram e de lhes prestar a seu modo serviços de altíssima valia. Por isso, também, tirámos de Camilo um passo que à primeira vista parecerá contraditório com a sua invariável atitude de mestre exímio da linguagem.

*

* *

Dissemos que o principal valor dêste livro consiste na ocasião que proporciona, de suscitar e agitar muitos problemas concernentes ao estudo da língua nacional.

A latinidade do português, comparado com a das linguagens suas irmãs; a história das invasões francesas no domínio da língua; a luta contra o galicismo no léxico e na sintaxe; a interminável contenda entre puristas e progressistas; o confronto dos dotes prosódicos e estilísticos da nossa língua e da francesa, sua inimiga e rival; o inventário objectivo das belezas e riquezas do português; o traçado de um plano de conservação e defesa da linguagem, desde a escola à literatura, ao jornalismo e às publicações administrativas e legislativas; a observação e confissão serêna dos defeitos do português como língua

culta e moderna, se é que os há; a sua capacidade expressiva como veículo de ideias gerais e filosóficas; a sua concisão ou prolixidade; a sua aptidão para instrumento de música vocal; o seu presente e o seu futuro no Brasil: — todos êstes tópicos (e são apenas citados os que de momento nos ocorrem) designam cada um de per si matéria vasta e funda para outras tantas relevantíssimas teses académicas ou universitárias, e até para volumosos tratados doutorais.

Depois, e a propósito de cada um dos nomes de muitos autores adiante seleccionados, impôr-se há naturalmente a todos os espíritos curiosos dêstes assuntos a pregunta seguinte: ¿ Porque não temos, e quando teremos, uma série razoável de monografias sôbre os serviços prestados à língua portuguesa por um Sá de Miranda, um João de Barros, um António Ferreira, um Camões, um Filinto, um Castilho, um Camilo, e tantos outros?...

E' um mar de assunto, aberto à curiosidade, ao estudo e ao trabalho das autoridades já formadas e das gerações que, agora ainda sem asas para voarem, um dia breve receberão o encargo de erguer tão alto quanto possam — e nunca será de mais — o legado mais precioso que nos herdaram os nossos grandes séculos e os nossos grandes homens: a chave mestra da nossa individualidade colectiva; a fiança mais sólida da autono-

mia futura de Portugal e do Brasil; a belíssima língua que fêz de um pequeno povo duas grandes nações.

*

* *

Sem fôrças próprias que nos permitam tocar sequer de leve num só dêsses tantos e tão altos problemas, vamos fazer o pouco que podemos, dentro dos limites estreitos do tempo e do espaço material que nos resta no presente volume — e dentro de outras barreiras, essas, por nosso mal, mais apertadas ainda, pois as levanta contra o nosso desejo a grande falta que temos de sciência, e de adivinhação que a substitua.

Vamos, simplesmente, em fácil prática, apenas animada de algum senso-comum, discorrer um pouco sôbre quatro ou cinco pontos que mais nos ressaltaram diante do espírito, em-quanto organizávamos a colecção de *Paladinos da Linguagem*. Oxalá consigamos atingir o alvo próximo e largo que tivemos em mira — e que não passa de isto: encaminhar amenamente os mais jovens e menos cultos dos nossos leitores a estudos mais sérios do que os nossos ensaios. Anfitrião ignorante não poderá oferecer-lhes mais do que um leve aperitivo para a sua vindoura fome de saber suculento.

II

DOIS SÍMBOLOS

Costumamos dizer familiarmente, de qualquer pessoa simples, franca, chã, sem papas na língua e com o coração ao pé da bôca:

— É *pão pão, queijo queijo.*

Ao contrário de tantas outras expressões pinturescas do nosso falar, esta frase fàcilmente se explica por si só. O homem que põe ao léu o que sente, e chama às coisas pelo seu nome, sem subterfúgios nem eufemismos, diz *pão* quando quer dizer *pão,* e *queijo* quando quer dizer *queijo.*

Não há nada mais expressivo, nem mais claro. E no em-tanto inventou-se e corre mundo uma história, aliás engraçada, para explicar aquela frase: inventou-se que um Português rústico, ouvindo um dia falar um Francês que chamava *pain* ao pão e ao queijo *fromage,* concluíra ser o francês uma língua de trapos, inexpressiva e confusa, que dava às coisas nomes extranhos, arrevesados, e sem nenhuma correspondência razoável com a natureza delas.

—¿Que vem cá a ser *pain*? Que vem cá a ser *fromage*? preguntava o nosso ingénuo compatriota. Pão, *pão;* queijo, *queijo,* assim é que é. Assim vêem-se logo as coisas, quando se fala nelas: quem diz *pão* está a ver o pão: leve, branco por dentro e com a sua côdea loira por fora; quem diz *queijo,* logo sente o queijo, pesado, salgado e amanteigado, massudo ou com grandes buracos. *Pain, fromage,* não indicam nada. Pão, *pão;* queijo, *queijo.* Assim é que é!...

Com tôda a sua aparente insignificância esta historieta concretiza e exemplifica uma lei psicológica universal: a da tendência que teem todos os indivíduos rudes e todos os povos, sobretudo os mais incultos, para suporem que a língua que falam é a única boa, a excelente, a verdadeira entre tôdas.

«Estas duas palavras *tupi* e *guarani* (diz o General brasileiro Couto de Magalhães, na sua obra *O Selvagem),* não significavam entre os selvagens que delas usavam senão tríbus ou famílias que assim se denominavam. Se no Paraguai qualquer disser *guarani nhenhem* para traduzir a expressão *língua guarani,* ninguém o entenderá; porque, para êles, o nome da língua é *ava nhenhem,* literal: *língua de gente.* A expressão *ava nhenhem,* para exprimir a língua falada por

êles, mostra-nos que a ideia que tinham das outras é que elas não eram línguas de gente. O mesmo diremos a propósito da língua tupi. Se dissermos a qualquer Índio civilizado do Amazonas: *fale em língua tupi,* êle não entende o que lhe queremos dizer; para que êle entenda que queremos que se expresse na sua própria língua, mestér é dizer-lhe:

— *Renhenhen nhenhengatu' rupi,* literal: *fale língua boa pela,* isto é: *fale pela língua boa.*»

Para o selvagem, como para o tal Português do pão, *pão;* queijo, *queijo* — as línguas estranjeiras são, como diz o mesmo general Couto de Magalhães, compostas de sons ininteligíveis, semelhantes ao canto dos passaros ou aos gritos dos animais. Língua boa, língua de gente, é apenas a que êles próprios falam.

A nossa língua não é de-certo a única boa; mas a nós basta-nos que ela seja, como é, uma das melhores.

*
* *

Parelha de tendência do povo rude para considerar a sua língua como a única língua de gente, existe nêle uma outra, contraditoria com esta: é a facilidade infantil com que o povo esquece a pró-

pria língua, mal entra em contacto com outra, e logo passa a aprender e a estimar esta com prejuízo da sua.

Isto vem-lhe da simplicidade vegetativa, dos objectivos estreitamente práticos que a fala tem para êle, da mesquinhez do vocabulário e da grosseria da sintaxe que lhe são necessários para transmitir as suas pobres ideias e os seus sentimentos rudimentares.

Um saudoso colega meu — o professor Castanheira, da Casa Pia de Lisboa — contou-me que, tendo emigrado de Espanha para França, em seguida ao desastre de uma guerrilha carlista em que tomara parte, conhecera entre os seus companheiros de emigração e de exílio um cocheiro espanhol, que foi ganhar o pão exercendo em Paris a sua profissão civil. Passados meses, reencontraram-se os dois, e o professor preguntou ao cocheiro pela sua vida, inquirindo principalmente das dificuldades que êste haveria encontrado para se apropriar da nova língua.

Mas o rude espanhol não tinha encontrado dificuldades nenhumas, e pelo contrário, achava já, no francês, uma linguagem muito mais fácil e muito mais racional do que o seu antigo e abandonado castelhano.

— Basta dizer (explicava êle) que em francês se podem exprimir com uma palavra só muitas

coisas que os Espanhóis dizem por muitas palavras...

—?!...

—Por exemplo: nós dizemos *eso-es-lo-mismo*. Quatro palavras, não menos. Pois em francês é logo de uma vez «sàmètègal» — e pronto.

Para aquele homem simples «ça m'est égal» era uma palavra só. E igualmente simples são, por exemplo, os nossos Portugueses do povo dos Açores, que emigram para os Estados-Unidos, aprendem logo a falar o inglês mascavado e reduzido de que precisam, e, quando voltam, se se lhes pregunta pela sua nova língua, respondem às vezes assim:

—Sim. Lá na América fala-se inglês. É uma língua como a nossa. As palavras que lá teem são as mesmas que as de cá, quási tòdas. São as mesmas, mas querem dizer outras coisas. Um fósforo não é fósfóro, é «mecha» (match); e um vapor é «estima» (steamer)...

Êstes dois selvagens iguais e contrários — o que imagina ser a sua língua a única língua de gente, e o que, ouvindo e mal falando outras, as acha sempre iguais à sua e até melhores do que ela — são muito interessantes em si mesmos. Mas são também simbólicos das duas correntes contrárias que sempre se revelam na defesa ou na prática das línguas nacionais.

Um dêles representa a tendência purista exagerada e fechada, desejosa de fazer voltar a linguagem a modelos antigos e já mortos, tratando-a como se ela fôsse uma língua morta — a única língua de gente, digna de ser embalsamada, mumificada, envôlta em fachas, para que se não corrompa o cadáver à menor aragem vinda de fora.

O outro, ao contrário, dá-nos o esquema do homem que, a falar e sobretudo a escrever, se deixa desnacionalizar fàcilmente, porque não pôde ou não quís aprender bem a sua língua, e por isso a não ama nem respeita, e assim se encontra desarmado para se defender do convívio com outras, pois nem sequer é sensivel à beleza individual de cada uma, começando pela sua própria.

III

A "VERDADEIRA AURORA DAS LETRAS"

Escreveu Garrett que D. João I, «o eleito do povo e o mais nacional de todos os nossos reis, deu ao idioma pátrio valente impulso, mandando usar dêle em todos os actos e instrumentos públicos, que até então se faziam em latim». E acrescenta que aqui se deve *pôr a data da verdadeira aurora das letras em Portugal* (1).

Se isto fôsse textualmente verdadeiro, e se fôsse possível encontrar vestígio escrito de semelhante ordem régia, D. João I figuraria nesta colecção como o primeiro *paladino da linguagem*, e a série das transcrições abriria com o texto do seu decreto «auroral».

Infelizmente a nossa alma de coleccionadores haverá que penar *per omnia saecula*, na vã rebusca de uma peça fantasiada pela imaginação do grande mestre romântico.

---

(1) *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa.*

A data da verdadeira aurora das letras em Portugal, tal como Garrett a concebera, esfuma-se nas confusões e oscilações de mil factos miúdos; e, em vez de apresentar-se como ponto individuado e bem nítido na sucessão dos tempos, assemelha-se antes a uma linha indecisa e quebrada, onde o mais que pode ler-se é que já antes de D. Denis muitos documentos públicos seculares eram redigidos em vulgar, e que já depois do seu reinado e de alguns dos seguintes, muitos papéis públicos eclesiásticos eram ainda escritos em latim (1).

Inextricàvelmente confundidos, o crepúsculo da latinidade e a aurora da linguagem nacional escrita não podem destrinçar-se por meio de um texto legal histórico, de D. João I ou de qualquer outro rei, anterior ou posterior a êste.

Em 1893, quási cinco séculos depois de morto D. João I, ainda a Universidade de Coimbra, ao dar-me os meus próprios diplomas literários, se servia de um pergaminho dobrado em dois, atestando de um lado, em latim, que êste seu indigno filho espiritual, «Portucale natus, Baccalaureatus Gradum in Juris Facultate laudabiliter et honorifice in Academia nostra adeptus est», etc.; e cer-

(1) V. João Pedro Ribeiro, *Observações históricas e críticas.*

tificando na outra parte, em português, que o mesmo bacharel se habilitou a fazer, como fêz com efeito, a sua Formatura em tantos de Junho de 1892.

Tenaz até o ponto de manter-se ainda nos nossos próprios dias, esta simbólica associação das duas línguas, mãe e filha, em dois documentos públicos pegados, e a mim mesmo referentes, ajudou-me a desistir de encontrar a lei inaugural atribuída por Garrett a D. João I, e por outros ao próprio D. Denis.

Razão devem ter, a êste respeito, aqueles que supõem que a substituïção da língua latina pela vulgar nos documentos públicos civis se foi gradualmente impondo e propagando na medida em que o latim se aprendia e sabia cada vez menos. D. João I não teria fôrça para obrigar a Igreja a redigir em linguagem os seus documentos; e é portanto de crer que nem se lembrasse de promulgar uma ordem tão absoluta como a que Garrett lhe atribui: mas nem por isso deixa de haver na sua vida, aliás tão recheada de serviços e iniciativas úteis à Grei, uma data de grande momento para as letras portuguesas, e principalmente para o desenvolvimento do gôsto da prosa venácula expositiva e didáctica.

Tal data foi aquela em que o triunfador de Aljubarrota e de Ceuta deliberou repousar dos seus

trabalhos de soldado, escrevendo ou mandando escrever em linguagem o *Livro da Montaria* (1), e dando assim á Côrte o grande exemplo que logo frutificou em seu filho D. Duarte, autor do *Leal Conselheiro* e da *Arte de bem cavalgar tôda sela;* e em seu neto D. Afonso V, autor do mais antigo código nacional e *o primeiro rei que ajuntou bons livros e fez livraria em seus paços* (2).

(1) Publicado em 1918 pelo erudito e benemérito académico sr. Francisco Maria Esteves Pereira, por ordem da Academia das Sciências de Lisboa.

(2) Assim o diz Rui de Pina, sendo certo que já D. Duarte *ajuntara bons livros* nos seus paços.

IV

D. DUARTE, FERNÃO DE OLIVEIRA E SÁ DE MIRANDA

D. Duarte abre a nossa série de *Paladinos da Linguagem* com algumas curiosas regras para a boa tradução do latim em português, que a meu ver lhe dão certo direito ao título de primeiro gramático nacional, na ordem cronológica.

A D. Duarte segue-se logo, no texto do presente volume, aquele que por todos é considerado como tal: o padre Fernão de Oliveira, autor da *Anotação da lingua Portuguesa*, impressa em 1536, e reeditada no Pôrto em 1871 *por diligências e trabalho do Visconde de Azevedo e Tito de Noronha.*

Fernão de Oliveira é bom exemplar daqueles admiráveis homens do Renascimento, que para tudo serviam e em tudo interessavam: foi padre e foi soldado, foi diplomata e latinista, foi navegador e gramático; e escreveu em português, além da citada obra sôbre a língua, um trabalho de ar-

quitectura naval (o *Livro da fabrica das naus)*, outro de arte da guerra *(Arte da guerra do mar)* e a tradução de um tratado latino de agricultura, de Lucius Columella! (1).

Sá de Miranda lutou tôda a sua longa vida com a língua, para a transformar no instrumento perfeito de expressão poética que depois serviu aos líricos e épicos das nossas grandes épocas. *Eu risco e risco,* dizia êle. *Emendo muito. Ando com meus papeis em diferença: nunca acabo de os lamber, como a ursa aos filhos mal proporcionados...*

«Custou-lhe imenso (diz a sr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcelos) acomodar a língua materna, aquele português velho e relho dos heróis de África e da Índia, que ouvira e falara na sua juventude, às finas e profundas ideias novas...» E acrescenta: «Só depois de uma luta porfiada é que a rude fraseologia do Cancioneiro de Rèsende se podia transformar naquela formosa linguagem que admiramos nos *Lusiadas* e na Lírica

(1) Sôbre Fernão de Oliveira devem ler-se *O padre Fernando de Oliveira e a sua obra nautica*, do sr. Lopes de Mendonça; e os *Episódios dramaticos da Inquisição Portuguesa,* do sr. Antonio Baião.

camoniana. Entre Rèsende e Camões está Miranda...» (1).

Pela sua renovação das formas poéticas, diz o sr. Teófilo Braga, Sá de Miranda *abriu a senda por onde havia de elevar-se Camões* (2). E o grande quinhentista, o grande trabalhador e aparelhador da língua, assim o advinhou, quando disse *Fiz o que pude!;* e ainda quando, comparando a linguagem a uma nau que lançava aos mares do futuro, lhe desejou, *ao dar da vela ao vento boa-viagem.*

— Pois cá vamos com Deus, venerando paladino da poesia vernácula; e não temos senão que louvá-lo e louvar-te, pela viagem feita desde ti a Camões, e de Camões a Bocage, a Soares de Passos, a Quental, a João de Deus, a Bilac e a tantos outros!

---

(1) *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, Halle, 1885, pág. C e CI.

(2) *Hist. da Lit. Port., II, Renascença*, Pôrto, 1914, pág. 152.

V

BARROS E FERREIRA

O QUE Sá de Miranda e em seguida Ferreira tentaram fazer para o verso, com respeitável boa vontade, mas sem êxito imediato correspondente ao esfôrço, conseguiu-o João de Barros na prosa sem custo visível e com magnífica eficácia. Miranda e Ferreira eram homens inteligentes, trabalhadores, bem intencionados e bem inspirados. João de Barros foi um génio, como mostra o resultado fácil e triunfante da sua obra, comparada à dos dois.

João de Barros era um pedagogo nato e além disto um espirituoso trocista, que às vezes nos faz còrar de termos inventado fórmulas que já eram muito dêle há mais de três séculos e meio.

Isto mesmo me aconteceu a mim, que há quinze para vinte anos me queixava de que entre nós se exigisse aprendizagem para sapateiro, ao passo que se improvisavam professores — e mais tarde fui encontrar no *Diálogo em louvor da nossa linguagem* a mesma ideia vertida quási nas mesmas

palavras: «Uma das coisas menos olhadas que há nestes Reinos é consentir em tôdas as nobres vilas e cidades qualquer idiota e não aprovado em costumes de bom viver pôr escola de ensinar meninos. E um sapateiro, que é o mais baixo ofício dos mecânicos, não põe tenda sem ser examinado. E êste, todo o mal que faz é danar a sua pele, e não o cabedal alheio; e maus mestres deixam os discipulos danados para tôda a sua vida...»

Falando, no prólogo da segunda *Década* da *Ásia*», acêrca da facilidade com que qualquer bicho-careta se julgava apto, já naquele tempo, não só para fazer a História, mas para a criticar, quando feita por outros — diz assim o admirável João de Barros:

«¿Que se pode esperar do edifício das letras, o qual o autor dêle faz comum a tôdalas gentes, principalmente o da História, em que assim os doutos como ignorantes são licenciados para arguir? A qual licença não teem na escritura de alguma particular sciência, porque na Gramática, na Lógica e Retórica, etc., sòmente julgam os professores dela e não o vulgo...»

Isto é lapidar, e até palpitante, na sua oportunidade de aplicação a estes nossos progressivos dias, em que, mal se funda uma escola nova, logo se apresentam centenas de candidatos a uma só cadeira de História, convencidos de não haver

nada mais fácil do que decorar hoje as historietas que amanhã depositarão sôbre os rapazes.

Mas, pròpriamente a respeito da vida e conservação da linguagem nacional, há no «*Diálogo*» um passo em que magnificamente se revela o poder de advinhação que tinha João de Barros. E' o ponto em que êste fala da acção lenta mas forte do tempo sôbre a língua, e do cuidado que devemos pôr em que tal acção se não torne contra ela:

«O Tempo faz as coisas tão naturais como a própria natureza. Êste nos deu a elegância latina, êste nos trouxe a barbaria dos Godos; êste nos deu «cha» e «xa» dos Mouriscos; e êste nos pode fazer ricos e pobres de vocábulos, segundo o uso e prática que tivermos das cousas...»

Nem mais, nem menos. Tomemos a palavra «prática» no sentido antigo em que Barros certamente a empregou — no sentido de «conversar» ou «falar» — e logo veremos que não há que tirar nem pôr, três séculos volvidos, à sua definição do que deva ser a conservação progressiva da língua:

Tenhamos primeiro o «uso», isto é: a civilização, a cultura, a sciência das coisas, ou, por outras palavras, saibamos e pensemos, «para termos que dizer». E assim teremos depois, naturalmente, a «prática», quer dizer: falando e escre-

vendo, exprimiremos aquilo que pensarmos e soubermos, vestindo com símbolos orais e escritos, nossos, próprios, as ideias e os sentimentos que do «uso» tivermos recebido, e só dêle podemos receber.

Cultura sem língua, não a há. Mas também não pode haver língua rica, e pura ao mesmo tempo, onde quer que se deixe atrasar a cultura do povo que a fala, tornando-o assim subordinado e tributário de outras culturas — e portanto de outras línguas mais cultas.

*
* *

Dificílimas de compreender, e mesmo de sentir, são as comparações que João de Barros faz entre o português, o espanhol, o francês e o italiano — o que mostra mais uma vez quanto há de predominantemente subjectivo nestes inúteis confrontos de sentimento e de gôsto. Segundo o gôsto e o sentimento do autor do *Diálogo*, a única língua apresentável, depois do português, é o espanhol, apesar de *desfalecido em vocábulos*, por ser das três a que mais se escreve como se fala, a que menos consoantes leva perdidas, e — razão suprema — a que mais se conforma com a latina. O francês tem, diz êle, ditongos tão arrevesados que, para os proferir, é preciso fazer

nos beiços esgares capazes de *amedrontar meninos;* e há orador que, *para não cair neste perigo, rodeia setenta vocábulos!*

João de Barros fala também do genovês, língua tão bárbara (na sua opinião) que os que a falam não a podem escrever, e *o que escrevem é em toscano, ou em latim corruto.*

Aqui o Mestre confundiu a conveniência com a natureza, deslembrado de que os Genoveses escreviam em toscano, ou em latim corruto, porque êste era desde a Idade-Média a linguagem escrita universal, e aquele se estava tornando, por obra e graça do divino Dante, a nova língua culta e escrita de tôda a Itália.

Ainda hoje todos os Genoveses continuam a falar genovês entre si, e escrevem italiano, mesmo de uns para os outros. É o que se dá com todos os dialectos da Península Itálica, e com o siciliano, ao contrário do que acontece na Alemanha, onde só o povo menos culto persiste nos seus antigos falares locais.

Se João de Barros tivesse ouvido mais o genovês, é de crer que o encarasse com menos antipatia, ao encontrar-lhe, como eu lhe encontrei, grandes consonâncias com o nosso português do norte.

*
* *

Como o Índio tupi ou guarani, como todo o homem rude e inculto, também os nossos velhos patriotas portugueses, muitos dêles cultos, e cultíssimos até, para o seu tempo, imaginavam ingènuamente que a sua língua, a nossa língua, era a única boa, a verdadeira língua de gente.

O que êles criam e diziam em seu louvor faz-nos rir, muitas vezes. Mas faz-nos rir sobretudo quando esquecemos que a cegueira ou ingenuidade das suas exagerações elogiosas eram muitas vezes a justa reacção nacionalista, a defesa patriótica da língua portuguesa contra a invasão do castelhano.

O historiador da *Ásia*, o pedagogo da *Cartinha* e do *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, supunha também, com candura de Índio tupi ou guarani, que o português era a melhor, senão a única língua de gente, como quando deixava correr que o espanhol é *desfalecido de vocábulos*, e que os Franceses fazem nos beiços, para pronunciarem os seus ditongos, *esgares de amedrontar meninos*.

Mas, a par destas imaginações descabidas, ¡ quanta observação lúcida e quanta previsão justa!

Foi êle o primeiro que notou a beleza da obra da expansão ultramarina da língua, *tão amada e espantosa, que como novo apóstolo, na fôrça das mesquitas e pagodes de tôdas as seitas e idolatrias do mundo, desprega, prègando e vencendo, as Reais Quinas de Cristo, com que muitos povos da gentilidade são metidos em o curral do Senhor.*

Foi êle quem primeiro disse que a maior, a mais duradoira conquista, era a transplantação da linguagem:

«O mais certo sinal que o Romano pode dar, de ser a Espanha súbdita ao seu império, não serão suas crónicas e escrituras (porque estas, muitas vezes, são favoráveis ao senhor de quem falam); mas a sua língua, que nos ficou em testemunho de sua vitória... As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia, e em tantas mil ilhas fora da repartição das três partes da Terra, materiais são e pode-os o tempo gastar. Mas nada gastará doutrina, costumes, linguagem, que os Portugueses nestas terras deixarem...»

Apesar do zêlo teórico com que êle próprio procurava filiar o português no latim, e até consubstanciá-lo com êste, foi João de Barros o primeiro português do Renascimento que se atreveu a sonhar e a expor o princípio profundamente naciona-

lista e progressivo de abrir a instrução infantil com a aprendizagem da língua pátria e não da latina: «*Não te pareça trabalho sobejo entender tanto na própria linguagem, porque, se fores bem doutrinado nela, levemente o serás em as alheias.*»

Depois do autor da *Ásia* muitos escritores clássicos portugueses, nos séculos XVI, XVII e XVIII, se ocuparam em louvar e defender a língua em que escreviam. Mas nenhum o fêz com a forte originalidade dêste grande adivinho.

*
* *

A seguir a João de Barros é o Dr. António Ferreira (cronológicamente, porque no entusiasmo êste admirável paladino da linguagem não tem quem o exceda) o mais consciente, e ao mesmo tempo o mais comovedor.

É êle quem diz que a única glória a que aspira, para prémio da sua obra, é que a posteridade junte ao seu nome, como título e honra suprema, o apelido de *amigo da língua:*

«! Ah, Ferreira (dirão) da língua amigo! . . .»

É o que primeiro e mais insistentemente se insurge contra o uso dos escritores portugueses

do seu tempo, que todos prosavam ou versejavam em castelhano; e, reforçando a prédica com o exemplo, não escreveu em tôda a sua vida, curta mas meritória, uma palavra que não fôsse portuguesa.

A língua é digna; indignos são aqueles que a desprezaram, em vez de a cultivarem quanto merece:

Floresça, fale, cante, oiça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde fôr,
Senhora vá de si, sobêrba e altiva...
Se *até aqui esteve baixa e sem louvor,*
Culpa é dos que a mal exercitaram,
Esquecimento nosso, e desamor.

Sentindo como ninguém a eternidade da língua, Ferreira traça à sua geração o caminho verdadeiro e indica-o ainda às gerações seguintes, como o patriarca previdente, zeloso da conservação do seu sangue, e tão preocupado do presente como do futuro:

Mas tu farás que os que a mal julgaram,
E inda as estranhas línguas mais desejam,
Confessem cedo ante ela quanto erraram,
E *os que depois de nós vierem vejam*
Quanto se trabalhou por seu proveito,
Por que êles para os outros assim sejam.

Palavras de oiro, dignas de figurarem como divisa das nossas aulas secundárias e superiores de Português, e úteis para *memento* de tantos jovens escritores do nosso tempo, mais apressados em publicar o que escrevem, do que solícitos em aprender a escrever.

VI

RIQUEZAS DA NOSSA LÍNGUA

GABANDO a riqueza da nossa língua disse FRANCISCO DE MORAIS, autor do *Palmeirim de Inglaterra*, que *em copiosidade de palavras nenhuma da Cristandade lhe faz vantagem.*

FREI AGOSTINHO DE SOUSA viu na prosa de Frei Luis de Sousa *ser a linguagem portuguesa tão abundante de palavras, tão rica de bons termos e, pela mesma razão, tão perfeita, como as melhores da Europa.*

Critério mais complexo é a êste respeito o de JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS, autor da *Eufrosina.* Êsse entende que a nossa língua *com o seu cabedal é tão rica, que lhe achareis alfaias ricas de que as outras carecem;* mas, ao mesmo tempo, declara *querer raivar* com aqueles Portugueses que a difamam de pobre, *não lhe consentindo alfaiar-se do alheio,* como se *o principal cabedal das copiosas não seja o mais dêle emprestado.*

Conheço desde muito novo (não, de-certo, como mestre acabado, mas sempre e ainda agora como estudante curioso) as seis mais gradas línguas europeias. Apesar disto — ou por isto mesmo — nunca pude compreender bem o verdadeiro alcance da afirmação tanta vez lida e ouvida, de que certa língua é riquíssima, e certa outra pobrezinha.

Creio, ao contrário, que as línguas cultas são tôdas igualmente ricas para os usos modestos da comunicação vulgar, igualmente remediadas para a expressão literária ou filosófica, igualmente pobres, quando se lhes apresentem exigências demasiadas, ou ideais, de exactidão, de minúcia ou de riqueza, como na interrogação angustiosa de Olavo Bilac:

«¿Quem o molde achará para a expressão de tudo?»

Evidente é de-certo que uma alma simples, seja qual fôr a língua em que se exprima, encontra não só fàcilmente, mas inconscientemente, o molde imediato para a expressão de todo o pouco que sente e que pensa. Mas não é menos certo que o artista da palavra, sedento de cunhar em belas e precisas formas pensamentos altos ou complicadas sensações, luta por tôda a parte com iguais dificuldades, qualquer que seja a sua nacionalidade

e a sua linguagem. Na vitória sôbre essas inevitáveis dificuldades é que consiste a maravilha da arte; e o que nisto há de mais maravilhoso é que o artista tem de construir e constrói sempre o seu raro instrumento de expressão só com os materiais que lhe fornece a língua rude e bárbara do povo.

Aquele que se julga obrigado, para exprimir ideias ou sensações literárias, a fabricar de inventiva o seu vocabulário, ou a procurá-lo noutros povos, ou mesmo noutras épocas da sua própria fala nativa, não parece ser um verdadeiro artista, pois que logo falha à limpidez e à clareza — virtudes primordiais da linguagem, senão antes razões de ser da sua mesma existência. Um escritor nacional que me obriga, para o compreender, a saber francês, ou a tirar da estante o *Elucidário* de Viterbo, ou ainda a fazer estudo novo e especial da sua nova e especial maneira de dizer — é para mim, no fim de contas, um escritor estranjeiro. A boa e verdadeira arte, a arte mais nobre e mais difícil, está, creio eu, em obter com palavras de todos os dias formas de expressão que nos agradam e nos deliciam, porque nos parecem, além de claras e belas, raras, novas e imprevistas.

No entretanto, se é certo que tôdas as línguas cultas devem considerar-se igual ou quási igual-

mente ricas de vocabulário e facilidade de expressão, não o é menos que umas há mais bem dotadas que outras, no tocante à riqueza de sonoridade e à variedade morfológica e sintáctica.

Encarada por esta face, não tem a língua portuguesa que envejar a nenhuma, e muito menos à francesa, pela qual os literatos portugueses se foram deixando apaixonar desde longos anos, com infidelidade adulterina à legitima fala nacional.

Manuel Severim de Faria, e outros paladinos da linguagem, teem-se extasiado perante a nossa fartura de sinónimos e as nossas riquezas de derivação. Isto, porém, são miúdos, moeda para trocos; e a nossa língua, louvados sejam o povo que a formou e a literatura que a fixou e poliu, não é milionária só de tais vinténs.

Entre as riquezas realmente avultantes do português podem citar-se as seguintes:

I. A formação passiva com **se**:

Vendem-se chapeus, teem-se visto.

II. Os superlativos latinos em **íssimo.**

III. Os adjectivos, participios passivos, e até advérbios deminutivos, como *bonitinho, esfarrapa-*

dinho, cedinho. Já ouvi uma noiva dizer ao noivo: *Senta-te aquizinho*; e no Brasil são freqüentes expressões destas: *está chuviscandinho; o menino ficou dormindinho.*

IV. A formação de tempos passados compostos com **haver,** para evitar a repetição de **ter.**

V. O infinito pessoal, tão útil para nos libertar um pouco do atravanco do *que*: *para fazeres,* em vez de *para que faças.*

VI. A supressão dos possessivos e a sua amiüdada representação por *lhe, lhes: lavaste as mãos, matou o irmão, dói-lhe a cabeça.*

VII. A supressão dos artigos definido e indefinido, e a inexistência de partitivos:

António é excelente poeta; Paulo é bom filho.
Quero pão; dê-me água.
Os montes, campos e árvores.

Verdade, Amor, Razão, Merecimento,
Qualquer alma farão segura e forte;
Porém Fortuna, Caso, Tempo e Sorte
Têm do confuso mundo o regimento.

(CAMÕES)

Compare-se a êste respeito a nossa língua com a francesa, e ver-se-há que fonte de monotonia é para esta última o despotismo dos factos contrários.

XIII. O *Mais-que-Perfeito simples*, que muitos escritores contemporâneos fazem mal em desleixar, porque constitui mais uma segurança de variedade, o portanto de beleza artística, permitindo evitar a repetição dos auxiliares.

IX. O *Futuro do Conjuntivo*, que nos liberta da repetição do presente do indicativo, a que são obrigadas quási tòdas as outras línguas cultas.

X. A liberdade de colocação do adjectivo antes ou depois do substantivo — fonte de variedade e de realce que não conhecem o inglês e o alemão.

XI. Certos determinativos curtos e enérgicos, que faltam, ou não são assim empregados em algumas outras línguas, como *tal; qual; tanto e quanto* com significação de *tão grande* e *quão grande;* e *uns*, plural ilógico, mas que nos dá uma cambiante de sentido diversa da de *alguns* ou *quaisquer*.

XII. Uma das melhores riquezas da língua portuguesa é a sua abundância de fórmas verbais diferenciadas para cada pessoa do singular e do plural. A ela devemos a possibilidade de suprimir quási normalmente o pronome sujeito e de evitar assim na linguagem literária repetições que tornam o discurso monótono, dando-lhe toada de ladainha, que só o hábito nos impede de sentir com desagrado na prosa de outras línguas, menos ricas em flexões de conjugação.

Abramos o *Lys Rouge,* que é talvez o romance mais cuidado de um dos mais requintados estilistas franceses contemporâneos. Abramo-lo na primeira página, onde Anatole France trabalhou de-certo com esmêro, e leremos o seguinte, nas dezoito ou vinte linhas que abrem o livro.

«*Elle* donna un coup d'œil aux fauteils assemblés devant la cheminée, à la table à thé, qui brillait dans l'ombre et aux grands gerbes pâles des fleurs, montant au-dessus des vases de Chine. *Elle* enfonça la main dans les branches fleuries des obiers pour faire jouer leurs boules argentées. Puis *elle* se regarda dans une glace avec une attention sérieuse. *Elle* se tenait de côté, le cou sur l'épaule, pour suivre le jet de sa forme

fine dans le fourreau de satin noir autour duquel flottait une tunique légère, semée de perles où tremblaient des feux sombres. *Elle* s'approcha, curieuse de connaître son visage de ce jour-là. La glace lui rendit son regard avec tranquillité, comme si cette aimable femme, qu'*elle* examinait et qui ne lui déplaisait pas, vivait sans joie aigüe et sans tristesse profonde.»

Seis vezes aparece o pronome *elle* neste pequeno trecho, repetindo-se exactamente de três em três linhas, o que por ventura não aconteceria, se a língua francesa não tivesse reduzido a uma única forma fonética as flexões verbais de uns poucos de tempos e modos das suas três conjugações regulares, por forma que hoje se vê forçada a exprimir da mesma maneira as três pessoas do singular e muitas vezes ainda a terceira do plural *(j'aime, tu aimes, il aime, ils aiment; j'aimais, tu aimais, il aimait, ils aimaient,* etc.).

E' evidente que assim tem o pronome de ser chamado a cada passo, para exercer a função que o verbo por si só já não é capaz de cumprir: marcar sem auxílio exterior as modalidades ou diferenciações pessoais da conjugação.

Pior ainda acontece, naturalmente, com o inglês, o alemão e tôdas as línguas que, como estas, são

ainda mais pobres do que o idioma francês em formas verbais. Mas nada disto se dá com a nossa língua ou com aquelas que mais se lhe assemelham; e esta riqueza de flexões deve conservar-se com zeloso respeito, porque à beleza estética e literária importa mais que as línguas sejam abundantes e variadas, do que faceis de aprender por estranhos.

À êste respeito disse o VISCONDE DE CASTILHO, num artigo do *Arquivo Pitoresco* (1):

«Outra liberdade nossa, de que nos querem a tôda a fôrça despojar, e que nós devemos forcejar por manter a todo o custo, é a de omitirmos o sujeito, tôdas as vezes que êle não pode deixar de se entender. Assim o *eu*, o *tu*, o *vós*, o *èle*, o *èles*, o *ela* e o *elas*, com que o pobre do francês anda todo empecilhado, quási que não aparecem na escrita de quem sabe o que é português. — O francês diz: *je vins, le vis, je vainquis;* o português: *cheguei, vi, venci.* — O francês: *tu es un lâche; tu as battu une femme; tu n'est pas digne de porter le nom d'homme;* o português: *covarde és; espancaste uma mulher; não mereces nome de homem.* — O francês: *je lui ai dit que si elle voulait, elle pouvait bien*

(1) Citado na excelente *Revista da Lingua Portuguesa*, Rio, 1920, n.º 3, pág. 11.

déjouer ce piége qu'elle m'avait tendu; o português: *disse-lhe eu que, se ela quisesse, bem podia destramar o laço que me armara.* — Com as supressões desta espécie encurta-se notàvelmente a escrita, e saí logo muito mais elegante.»

XIII. Outra riqueza da nossa língua, das maiores e das mais desprezadas por tôdas as gerações que mamaram o leite adulterado da francesia, consiste naquele privilégio herdado do latim, e a que CASTILHO chamava a *liberdade do hypérbaton*: a liberdade de variar a construção da frase ou do período, alterando e até invertendo a chamada *ordem directa.*

Admirador, e com tòda a razão, desta preciosa regalia, tão útil à variedade da escrita, ao realce do pensamento, à expansão fácil do estilo, o grande mestre defendeu-a e preconizou-a com insistência, empenhando-se acima de tudo em demonstrar com exemplos a vantagem enorme que neste ponto o português leva ao francês:

«Uma diferença característica dos períodos francês e português (diz CASTILHO no mesmo artigo já anteriormente citado) é esta: que o francês se adstringe, quási sem excepção, à chamada *ordem gramatical,* colocando primeiro o sujeito,

depois o verbo, por último o complemento, quer êste seja atributivo, quer objectivo; isto é: ou designe predicado ou paciente, segundo a natureza neutra ou transitiva do mesmo verbo. O português, quanto mais genuíno, tanto mais propende para pôr primeiro o verbo, e depois o seu agente; e se constantemente o não faz, é porque algumas vezes lho embarga a suprema lei da clareza, outras a da harmonia. Assim, quando o francês diz: LE ROI ÉTAIT Á CETTE ÉPOQUE Á VERSAILLES; o português traduz: *Estava el-rei naquele tempo em Versailles.* = IL LE PRIA DE L'ÉCOUTER. *Pediu-lhe o ouvisse.* = CETTE INVENTION A ÉTÉ UNE DES PLUS AVANTAGEUSES. *Foi êste invento um dos mais prestadios;* ou, *foi êste um dos mais prestadios inventos;* ou, *dos inventos mais prestadios um foi êste;* ou, *invento foi êste dos mais prestadios.* Para êste caso ainda haveria mais variantes, desenganadamente preferíveis, por parte da vernaculidade, àquela forasteira construção. Assim como acabamos de ver que o nosso uso prefere a anteposição do verbo ao sujeito, assim se pode observar que também o complemento do verbo se lhe prepõe com muito acêrto; e para não irmos trazer os exemplos de mais longe, aí vão alternadas frases da oração dominical numa e noutra língua: QUE VOTRE NOM SOIT SANCTIFIÉ; sujeito, verbo, atributo; *Santificado seja o vosso*

nome; atributo, verbo, sujeito. QUE VOTRE RÉGNE ARRIVE; sujeito, verbo; *Venha a nós o vosso reino;* verbo, sujeito. QUE VOTRE VOLONTÉ SOIT FAITE SUR LA TERRE COMME AUX CIEUX; sujeito, verbo, complemento atributivo; *Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu;* verbo, complemento atributivo, sujeito. DONNEZ-NOUS AUJOURD'HUI NOTRE PAIN QUOTIDIEN; verbo, complemento objectivo; *O pão nosso de cada dia nos dai hoje;* complemento objectivo, verbo,»

São ainda hoje oportunos, se não mais necessários até que no seu tempo, estes conselhos e ensinamentos de CASTILHO. Convém que os tenham sempre em vista os mestres liceais e universitários de Português; mas devem guardar-se da exageração contra-producente a que êle fêz subir o seu entusiasmo, quando se lembrou de nos propôr para modêlo de liberdade sintáctica o alemão — a língua culta europeia cuja sintaxe de colocação está sujeita a regras mais firmes, mais apertadas e mais despóticas.

VII

O PORTUGUÊS E O ITALIANO

Um dos problemas que mais preocupam a maioria das pessoas que discutem as qualidades da língua portuguesa é o seguinte:

— ¿Será esta língua própria para o canto?

Convém, a propósito, ter em vista um facto de observação constante e universal: — que a língua cantada é diferente, e muito diferente, da língua falada. Por instinto artístico, mais ainda que por deliberada manha técnica, é o cantor levado a adaptar o melhor que pode as palavras à função musical, valorizàndo com relêvo o que nelas há de melódico, e atenuando, pelo contrário, as asperezas ou fealdades que encontra,

A fonética de cada língua varia, aliás, segundo os usos diferentes que dela fazem aqueles que a falam. A língua cochichada, a língua da conversação corrente, a língua do orador na tribuna, a

do actor no teatro — apresentam modalidades fonéticas que as distinguem consideràvelmente umas das outras.

No próprio uso corrente da nossa língua, cada um de nós emprega, segundo as circunstâncias, pronúncias diferentes, umas mais cantadas que outras, da mesma palavra falada.

Se eu proferir o nome *Maria* no meio de uma seqüência narrativa, sem necessidade de o sublinhar especialmente, das três vogais que nêle existem e são os seus elementos sonoros, apenas o I será audível a mais de um metro ou dois de distância. O primeiro A terá de contentar-se com ser baçamente ciciado, e o último pode até sumir-se de todo, atropelado pela primeira sílaba da palavra seguinte.

Se, porém, me fôr necessário avisar ou chamar uma pessoa daquele nome, que esteja algum tanto afastada, a palavra *Maria* será proferida com tôdas as suas três vogais muito explicadas, e até muito cantadas; e é mesmo quási certo que, para tornar aquele nome mais sonoro, lhe acrestentarei um O ou um E — uma das vogais mais sonoras da respectiva escala. Assim *Maria* será transformado em O'-MA-RI-A ou E'-MA-RI-A, e parecerá mais uma cantiga que uma palavra.

As preguntas que nós fazemos aos outros são mais cantadas do que faladas, porque assim nos

convém para que sejam ouvidas e eficazmente respondidas. A lei do menor esfôrço domina, portanto, o uso prático de tôdas as línguas, levando-nos intintivamente a dar à nossa fala o *quantum satis* de sonoridade, e não mais do que isso.

Mas, aplicadas ao uso artístico, como instrumentos musicais, tôdas elas encontram em si mesmas a elasticidade necessária para se tornarem mais sonoras, relevando, prolongando, exagerando o elemento vocálico, e, pelo contrário, adoçando, atenuando, sacrificando estèticamente os ruídos consonânticos mais duros e mais desagradáveis.

Podemos, pois, dizer afoitamente que o português é uma língua musical, tão apta para o canto como as que mais o sejam, se alguma existe que o seja pouco, ou muito menos que outra qualquer. Desta última hipótese é que nos será lícito duvidar, desde que, livres de preconceitos, apliquemos ao estudo e discussão do fenómeno a observação natural e o raciocínio desempoeirado de snobismos, patriotismos e imbecilidades repetidas e consagradas.

Uma destas imbecilidades é a que, repetida por muita gente, consagrou o italiano literário como um prodígio único no mundo: a língua cantável ou cantante por excelência, espécie de *volapük* ou de *esperanto* da música vocal.

Antes de prosseguirmos na análise ou na dissecação de semelhante preconceito, será útil ponderar as seguintes observações do insigne pianista e erudito musicógrafo português, sr. José Viana da Mota:

«Grande vantagem tiram os Inglêses e os Americanos da desvantagem de não terem companhias líricas permanentes: contratam artistas dos três grandes países produtores de óperas, da Itália, da França e da Alemanha, para cantarem o repertório de cada nação na língua em que as obras foram escritas, ouvindo assim cada obra na sua forma original.»

«Seria óbvio repetir aqui quanto se tem dito a respeito da dificuldade de traduzir uma poesia para outra língua do que aquela em que o poeta a ideou, pois a sonoridade, o ritmo, o espírito, a construção, a sintaxe de cada língua formam um elemento indispensável e intraduzível da poesia, constituem mesmo a sua parte fundamental.»

«A ideia de um poema está tão indissolúvelmente ligada ao idioma, que rigorosamente não há tradução de uma obra poética. Traduzir é alterar, como diz o batido rifão: «traduttore, traditore».

«Ora se isto se dá no domínio da literatura

pura, em grau muito mais intenso se verifica quando a palavra é aliada à música, porque então já não é só o ritmo, a sonoridade da língua que se altera, é ainda a declamação, a acentuação que se corrompe. Imagine-se o que é o «Barbeiro de Sevilha» ou a «Carmen» cantada em alemão. Mas também o «Tristão» perde por ser cantado em italiano ou francês: perde a significação filosófica e simbólica, inveterada no idioma alemão e que a música reproduz admiràvelmente. Mas, mesmo entre idiomas de mais próximo parentesco, a trasplantação altera sempre o carácter: compare-se a «Manon» em francês e em italiano, ou o «Rigoleto» em italiano e em francês.

«Quanto mais nacional é a música, mais intraduzível é o «libretto.»

«Vieram-me à mente estas reflexões, ouvindo a «Aida» depois do «Tristão» e recordando-me da última vez que ouvi a «Aida», que foi em Berlim, com Caruso e a admirável Dostinn (que cantava em italiano as scenas com Radamés). A música de Verdi contém implicitamente a língua italiana, como a de Mozart; e os Alemães nem sabem quanto perdem em ouvir o «Figaro» e o «D. João» em péssimas traduções alemãs. Uma obra vocal não se deve traduzir (1).»

---

(1) V. *Diário de Notícias,* Lisboa, 26 de fevereiro, 1920.

A conclusão que se tira destas autorizadas e sensatíssimas observações é que nenhuma língua, nem sequer o prodigioso italiano, se avantaja ao português, por exemplo, para servir de veículo de interpretação ou transmissão de qualquer criação musical portuguesa — canção popular, *lied* literário ou ópera — de assunto, inspiração e composição nacional, nossa.

Mas, independentemente dêste caso particular, ¿poderá ainda ter-se em pé o preconceito de ser o italiano, mais que nenhuma outra língua dêste mundo onde há tantas, a rainha das línguas cantáveis e cantantes?

Não o creio, pelas seguintes razões:

Em primeiro lugar, não me parece fácil demonstrar objectivamente que o italiano literário seja língua mais vocálica, e portanto mais musical, do que, por exemplo, o francês, o espanhol e o português.

E, ainda que o fôsse, tal facto não me demoveria, pois insisto em que tôdas as línguas possuem bastante elasticidade fonética para se tornarem mais sonoras quando tal lhes convém. As modulações e *floriture*, em que tanto se comprazem os artistas do *bel canto*, não são proïbidas a quem cante em chinês, búlgaro ou biscainho.

*
* *

Depois de ter notado que o alfabeto tem vinte consoantes e apenas cinco vogais, diz a sr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcelos que nas próprias línguas onde predomina o elemento vocálico estão em maioria as consoantes. E acrescenta:

«Mesmo na língua italiana, a língua do *bel-canto,* em que tôdas as palavras terminam em vogal, há nos catorze versos de um soneto qualquer (têrmo médio) 185 vogais e 221 consoantes. *Em português contei 174 vogais e 203 consoantes.*» (1)

Vê-se daqui que a nossa língua não faz má figura, com o seu cabedal de sonoridade comparado ao do próprio italiano. A estatística da ilustre professora é até favorável ao português, que na mesma proporção do italiano apresentaria **208** consoantes em lugar das **203** encontradas.

Mas não pára aqui a demonstração scientífica da riqueza musical da nossa língua:

«Em alemão (continua a sr.ª D. Carolina) há

(1) *Revista Lusitana,* vol. 21.º, 1918, pág. 28.

um esqueleto consonântico mais robusto. Temos sílabas com cinco sons consonânticos, por exemplo em *pflückst, pflügst, schlägst, drückst, bringst.* Em português êle é mais brando e reduzido do que em **qualquer outra das línguas neo-latinas,** em virtude da queda de *l, n, d, g,* intervocálico... O ouvido e a língua nacional amam a simplicidade; tendem à maior comodidade em forma e beleza possível, e ao menor esfôrço possível: ao emprêgo da *vis minima.* Quási tôdas as sílabas constam de dois ou três sons. Temos dois em *dá, lí, vi, dê, sé, fé, pé.* Temos três em *vai, lei, rei, meu, teu, seu;* apar de duas vogais uma consoante, ou mais exactamente uma vogal e uma semi-vogal que juntas constituem um ditongo. Em outros casos agrupa-se com a consoante explosiva (*p-t-k* ou *b-d-g*) uma líquida ou uma vibrante, por ex. em *crê, pra*(do), etc. O máximo são quatro sons: duas consoantes iniciais agrupadas, vogal, e uma consoante final (nasal, líquida, vibrante ou sibilante) por ex. em *três, cruz, prol, traz, grei, frei, greis, freis.* Creio que não há nenhuma com mais de cinco sons. E mesmo entre essas, em que há portanto quatro consoantes, **mal haverá uma que seja popular.** Só me lembro de *trans* em *transpôr, transparente.* Mas tais sílabas, o povo, quando as emprega, alivia-as, dizendo *traspôr,* ou cortan-

do-as em duas, dizendo *estra* (ou *estram*). A minha lavadeira, que é de Paranhos, diz sempre *estramparente*. E todos nós, apesar das nossas pretensões de gente culta, dizemos por ex. *estraviar* em vez de *transviar*. E todos nós procedemos de modo semelhante com os vocábulos que em latim principiam com o grupo *sp, st, sk,* (*s* impurum). Em vez de *scutu* dizemos *escudo; estudo* em vez de *studium; espôso* em vez de *sponsum*. Os três sons *sku, stu, spon* eram compactos de mais para o ouvido musical dos Portugueses...»

*

* *

O argumento da *doçura*, que em geral se considera como a grande virtude do italiano, na sua função de língua cantante, também não parece feliz.

A doçura das palavras está quási sempre, senão sempre, no sentido que lhes damos, e não nelas próprias. Os vocábulos *amor, meigo, doce,* são doces, porque exprimem cousas doces. Mas um Alemão que desconheça o português não lhes encontrará doçura nenhuma, embora se lhe afigurem também dulcíssimas as palavras alemãs *Liebe, zärtlich, süss,* correspondentes àquelas.

O *amor* chama-se em sueco qualquer cousa

como *chèrleque* (ortografando à nossa moda): palavra esta que, a um Português que a oiça pela primeira vez, ou mesmo pela segunda, parecerá mais apropriada para significar *arenque defumado,* ou *óleo de fígados de bacalhau.* E, no em-tanto, tenhamos como certo que o amor se diviniza em Estocolmo como em qualquer outra parte; e que não parecerá depois menos divino àqueles que lhe chamam *chèrleque.*

Há quem suponha que a doçura do italiano está na abundância de vogais, e principalmente da vogal *i*, que de mais a mais aparece muito como som final das palavras.

Analisando de perto esta opinião, logo veremos que numa longa seqüência oral de palavras italianas não pode haver muito maior número de vogais do que numa série equivalente de palavras de outra língua qualquer, visto que tôdas as línguas se manifestam pelo emprêgo alternativo de consoantes e de vogais. Depois, não parece difícil reflectir que, sendo átonos os finais italianos em *i*, fica *ipso facto* consideràvelmente reduzida a sua musicalidade, e também a sua doçura.

O italiano literário é uma língua admiràvelmente enriquecida e embelezada por uma literatura admirável. É, quanto às formas e aos sons, uma combinação equilibrada e feliz, sem as asperezas guturais do alemão ou do espanhol.

Dizer dêle isto é fazer-lhe justiça e passar-lhe a merecida carta-de-mercê de língua agradável e musical. Mas chamar-lhe *doce* é diminuí-lo, e até insultá-lo: uma língua *doce,* se tal coisa existisse, seria uma língua imperfeita e impotente, além de ridícula; porque as línguas, como instrumentos estéticos e até como simples intérpretes da alma dos homens que as falam, não podem contentar-se com exprimir ou sugerir a *doçura.*

Mas ¿ será com efeito o **i**, que tanto abunda no italiano, o mais doce dos sons vocálicos?

Já ouvi dizer que sim, e provar o asserto com palavras nossas: *filha, carinho, lindo, bonito, meiguice, menina.* É bem certo que estas seis palavras são doces; mas já o é muito menos que a doçura lhes venha do som.

Aqui vão outras seis que rimam com elas, e no em-tanto não despertam em nós o mesmo sentimento açucarado: *gorilha, toicinho, rugindo, delito, tolice, sentina.* E nas palavras *arripia, horrível, cínico, malandrim, catinga,* abundam os **ii** tónicos, e falta sensívelmente o mel ou a sacarina sentimental.

Quem gostar dêste jôgo poderá entreter-se durante longos serões a demonstrar que tôdas as vogais servem a tôdas as línguas para exprimir a suavidade e a aspereza, a ternura e a repulsão.

O **u**, por exemplo, que parece e em certo sentido é antípoda do **i**, predomina em muitos vocábulos evocadores de sentimentos agradáveis ou ternos: *luz, cruz, arrulha, pelúcia, azul, veludo, murmúrio, pluma, espuma.* E todavia êsse mesmo **u** é capaz de despertar em nós sensações ou ideias diametralmente opostas, até sem sair da mesma combinação vocabular.

Basta analisarmos o que se passa cá dentro, ao lermos cada uma das frases seguintes: *Leve como a espuma. O bandido espuma de raiva...*

Mas, suponhamos que, por isto ou por aquilo, o italiano é uma língua doce, e depressa concluiremos que lhe não prestamos com isso favor nenhum. Tal suposição levar-nos-ia a ofender a língua do *bel-canto* com a velha injúria que já vem do grande João de Barros, e consiste em chamar-lhe *língua de mulheres.* Injúria profundamente ingénua, aliás, porque parte do falso princípio de que as mulheres são sempre poèticamente femininas — femininas no sentido doce, brando, ameno e fraco; e porque supõe, sem reflectir, que duas quitandeiras de Milão ou de Nápoles não teem competência lingüística para despejarem uma sôbre outra, quando se zangam, a expressão rascante e máscula dos sentimentos nada femininos, no sentido poético, trasbordantes dos

seus corações azedados e das suas goelas salgadas pela fúria forte e franca.

¿Imaginarão porventura os paladinos universais do *italiano doce* que, quando um sargento italiano comanda a sua tropa, esta se delicia a ouvi-lo, e, arrebatada pela doçura, deixa cair as armas, e grita *bravo,* e pede *bis*?...

Lisboa, 30 de Maio de 1920.

A. de C.

PALADINOS

DA

LINGUAGEM

I

D. Duarte, rei de Portugal

(1391-1438)

DA MANEIRA PARA BEM TORNAR (1) ALGUMA LEITURA EM NOSSA LINGUAGEM

PRIMEIRO: conhecer bem a sentença do que há-de tornar, e pô-la inteiramente, não mudando, acrescentando, nem minguando alguma cousa do que está escrito.

O segundo: que não ponha palavras latinadas, nem de outra linguagem, mas tudo seja em nossa linguagem escrito, mais achegadamente ao geral bom costume do nosso falar que se pode fazer.

O terceiro, que sempre se ponham palavras que sejam direita linguagem, respondentes ao latim, não mudando umas por outras, assim que onde êle disser por latim

---

(1) *Traduzir.*

scorregar não ponha *afastar*, e assim em outras semelhantes, entendendo que tanto monta uma como a outra; porque grande diferença faz, para se bem entenderem, serem estas palavras própriamente escritas;

O quarto, que não ponha palavras que, segundo o nosso costume de falar, sejam havidas por desonestas;

O quinto, que guarde aquela ordem que igualmente deve guardar em qualquer outra cousa que escrever deva, *scilicet*: que escreva cousas de boa substância claramente, para se bem poder entender, e formoso o mais que êle puder, e curtamente quanto fôr necessário, e para isto aproveita muito paragrafar e apontar (1) bem.

(*Lial Conselheiro*, Cap. XCVIII.)

(1) *Pontuar*

II

Fernão de Oliveira

AUTOR DA MAIS ANTIGA GRAMÁTICA PORTUGUESA

(SÉCULO XVI)

Em tempo de el-rei D. Afonso Henriques *capapelle* era nome de uma certa vestidura; e não sómente de tanto tempo, mas também antes de nós um pouco, nossos pais tinham algumas palavras que já não são agora ouvidas, como *compengar*, que queria dizer *comer o pão com a outra vianda;* e *nemichalda*, o qual tanto valia como agora *nemigalha* (1), segundo se declarou poucos dias há uma velha que por isto foi preguntada, dizendo ela esta palavra. E era a velha a êste tempo, quando isto disse, de cento e dezasseis anos de sua idade. Estas (diz Cícero no *Terceiro Livro* a seu irmão Quinto), as velhas, digo, nos diz êle que guardam muito a antiguidade das línguas, porque falam com menos gente.

---

(1) = *nem migalha*.

Acarão, que quere dizer *junto* ou *a par;* e *samicas*, que significa *por ventura;* e outras piores vozes, ainda agora as ouvimos e zombamos delas; mas não é muito de maravilhar (diz Marco Varrão) que as vozes envelheçam e as velhas alguma hora pareçam mal, porque também envelhecem os homens cujas vozes elas são. E isto é verdade : que a formosa meninice depois de velha não é para ver; e, assim como os olhos se ofendem, vendo as figuras em que êles não contentam, assim as orelhas não consentem a música e vozes fora do seu tempo e costume. E mui poucas são as cousas que duram por tôdas ou muitas idades em um estado, quanto mais as falas, que sempre se conformam com os conceitos ou entenderes, juízos e tratos dos homens; e êsses homens entendem, julgam e tratam por diversas vias e muitas : às vezes, segundo quere a necessidade; às vezes, segundo pedem as inclinações naturais.

O uso destas dicções antigas (diz Quintiliano) traz e dà muita graça ao falar, quando é temperado e em seus lugares e tempos. A limitação ou regra serà esta, pela maior parte : que das dicções velhas tomemos as mais novas e que são mais

vizinhas do nosso tempo; assim como também das novas havemos de tomar as mais antigas e mais recebidas de todos, ou da maior parte.

Ainda porêm que não sempre isto é acertado; porque muitas vezes algumas dicções que há pouco são passadas são já agora muito aborrecidas, como *asem*, *ajuso*, *acajuso* (1), *a buso*, *hoganno* (2), *algorrem* (3), e outras muitas. E porêm, se estas e quaisquer outras semelhantes as metermos em mão de um homem velho da Beira, ou aldeão, não lhe parecerão mal; mas tambêm não sejam muitas, nem queiramos vangloriar-nos por dizerem que vimos muitas antiguidades; porque, se essas dicções antigas que usamos (as quais, sendo moderadas, nos haviam de aformosentar) forem sobejas, farão muito grande dissonância nas orelhas de nossos tempos e homens.

(*Gramática de linguagem portuguesa*, 1ª. ed. 1553; 2ª. ed. 1871.)

---

(1) *Para baixo, cá para baixo.*
(2) *Êste ano.*
(3) *Alguma cousa.*

III

Francisco Sá de Miranda

(1485-1558)

... Já que fiz
Aberta aos bons cantares peregrinos,
Fiz o que pude, como por si diz
Aquele um só dos líricos latinos.

Provemos já esta nossa linguagem
E, ao dar da vela ao vento : boa viagem! (1)

(*Poesias* de F. S. de Miranda, ed. de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Halle, 1885, *Égloga Encantamento* (dedicatória) pág. 476.)

---

(1) A sra. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos nota, a pág. 856 da sua edição monumental de Sá de Miranda, que a égloga *Encantamento*, donde tirámos, por benévola indicação da mesma senhora, os versos acima transcritos, é *o primeiro ensaio*, feito pelo poeta, *de uma égloga ao modo italiano escrita em português*. A' sua acção de iniciador e introdutor do *dolce stil nuovo* se refere ali Sá de Miranda, dizendo que fêz « aberta aos bons cantares peregrinos » e comparando-se a Horácio (« aquele, um só dos líricos latinos » que, diz a sábia

comentadora, se gabou *com razão de ter introduzido as formas métricas da Grécia na sua pátria.*

Tendo assim *feito o que pôde*, Sá de Miranda, que dedica esta égloga a D. Manuel de Portugal, primeiro imitador de Miranda, segundo a sra. D. Carolina Michaëlis, termina a dedicatória ao discípulo com aquela exortação, verdadeiramente digna de um mestre consciente de ter aparelhado a língua para descobrir *novos céus, novos mares* de expressão literária culta:

Provemos já esta nossa linguagem
E, ao dar da vela ao vento: ¡ *Boa viagem*!

IV

João de Barros

(1496-1579)

AQUELA linguagem portuguesa que em Europa é estimada, em África e Ásia por amor, armas e leis tão amada e espantosa, por justo título lhe pertence a monarquia do mar e os tributos dos infiéis da terra. Aquela que, como um novo apóstolo, na fôrça das mesquitas e pagodes de tôdalas seitas e idolatrias do mundo, desprega, prègando e vencendo, as riais Quinas de Cristo, com que muitos povos da gentilidade são metidos em o curral do Senhor...

(Prólogo ou Dedicatória da *Cartinha,* na Introdução da *Gramática da Língua Portuguesa.)*

*
* *

. . . . . .

PAI. ... Uma destas (línguas) é a italiana, outra a francesa, e outra a espanhola.

FILHO. ¿Qual destas há por melhor e mais elegante?

PAI. A que se mais conforma com a latina, assim em vocábulos, como na ortografia. E nesta parte muita vantagem teem a italiana e espanhola à francesa; e destas duas a que se escreve como se fala, e que menos consoantes leva perdidas. E nesta ortografia a espanhola vence a italiana; e mais (1) teem entre si os Genoveses (que não é terra da Tramontana, nem transalpina — como êles dizem — mas uma parte da flor de Itália); os quais, de bárbara, não podem escrever sua linguagem, e o que escrevem é em toscano, ou em latim corrupto.

FILHO. Pois muitos dizem que a língua espanhola é desfalecida de vocábulos; e que, quanta vantagem tem a italiana à castelhana, tanto excede esta à portuguesa; e que em seu respeito se pode chamar elegante.

PAI. Certo é que a limpa castelhana

(1) Isto é: Mais consoantes perdidas (que se não pronunciam), etc.

muito melhor é que o vasconso de Biscaia e o ciciar cigano de Sevilha, as quais não se podem escrever. Mas quem houver de julgar estas linguagens há-de saber de ambas tanto, que entenda os defeitos e perfeições de cada uma. ¿Que se pode desejar na língua portuguesa que ela tenha? ¿Conformidade com a latina? Nestes versos, feitos em louvor da nossa pátria, se pode ver quanta tem; porque assim são portugueses que os entende o Português, e tão latinos que os não estranhará quem souber a língua latina :

O quam divinos acquiris terra triumphos :
Tam fortes animos alta de forte creando.
De numero sancto gentes tu firma reservas.
Per longos annos, vivas tu terra beata.
Contra non sanctos te armas furiosa paganos.
Vivas perpetuo, gentes mactando feroces
Que Aethiopas, Turcos, fortes Indos das salvos :
De Jesu Christo sanctos mostrando prophetas.

Filho. Parece que vai essa linguagem um pouco retorcida e fora do comum uso que falamos...

Pai. O autor que fêz estes versos, por guardar a quantidade das sílabas e a ordem dos pés, não falou como em oração

soluta. E já deves ser avisado por doutrina de teu mestre que de uma maneira falam os poetas, e de outra os oradores.

FILHO. — Um dos primeiros latins que me êle mandou fazer foi êste : « *O fermosa Maria nova ara com tua vaca nova.* E eu cuidava que em isto ser linguagem não podia ser latim; té que palmatoriadas mo fizeram entender...

PAI. — Aí começarás tu de sentir o louvor da nossa linguagem : que, sendo nossa, a entenderá o latino, porque é sua. Esta prerrogativa tem sôbre tôdas as linguagens presentes : majestade para cousas graves, e uma eficácia varonil (1) que representa grandes feitos. E o sinal onde se isto mais claro vê é na música, que naturalmente acêrca (2) de cada nação segue o modo da fala : linguagem grave, música grave e sentida.

FILHO. — De aí viria logo o provérbio que dizem : *Espanhóis choram, Italianos uivam, Franceses cantam.*

---

(1) Barros diz *baroil*
(2) = *em, entre.*

Pai. — Bem adequaste o provérbio. E ainda que não seja para a linguagem, verdadeiramente assim o podes ter na música; porque a prolação (1) e ar que temos da linguagem, diferente das outras nações, temos no modo de cantar, porque mui estranha compostura é a francesa e italiana à espanhola; e as guinadas e diminuição que fazem ao cantar, fazem na prolação e acento da fala. E para um Francês formar um seu próprio ditongo faz nos beiços esgares que pode amedrontar meninos — cousa de que um natural orador foge, e, por não cair neste perigo, rodeia setenta vocábulos.

Certo assim a (língua) francesa, como a italiana, mais parecem fala para mulheres que para homens, em tanto que, se Catão fôra vivo, me parece se pejara de a pronunciar. Nesta gravidade (como já disse) a portuguesa leva a tôdas; e tem em si uma pureza e sequidão para cousas baixas, que se lhe pode pôr a taxa que Pérseo (2) punha aos versos de Vergílio, os quais

(1) = *pronunciação.*

(2) Aulus Persius Flaccus, poeta satírico latino do tempo de Cláudio e Nero (34-62).

dizia serem tão de sôbro e cobertos de casca, que se não podiam abrandar... A linguagem portuguesa que tenha esta gravidade não perde a fôrça para declarar, mover, deleitar, e exortar a parte a que se inclina—seja em qualquer género de escritura. Verdade é ser em si tão honesta e casta, que parece não consentir em si uma tal obra como *Celestina* (1). E Gil Vicente, cómico que a mais tratou em composturas que alguma pessoa dêstes Reinos, nunca se atreveu a introduzir um centúrio português, porque como o não consente a nação, assim o não sofre a linguagem. Certo, a quem não falecer matéria e engenho para demonstrar sua tenção, em nossa linguagem não lhe falecerão vocábulos; porque de crer é que, se Aristóteles fôra nosso natural, não fôra buscar linguagem emprestada para escrever na

(1) Comédia espanhola cujo verdadeiro título é *Calisto e Melibea*, chamada também *Celestina* do nome da personagem principal, brutalíssima alcoveta. O sentido dêste período e do seguinte resume-se nisto: a lingua portuguesa é demasiado grave (honesta e casta) para nela se poderem tratar assuntos baixos e grosseiros.

filosofia e em tôdas as outras matérias de que tratou...

FILHO. — A língua portuguesa, onde desfalecer com verbo e nome que compreenda em breve (1) alguma cousa, ¿poderá formar algum verbo aprazível à orelha sem falar por rodeio?...

PAI. — Sim: porque a licença que Horácio dá em sua *Arte Poética* para comporem vocábulos novos, com-tanto que saiam da fonte grega, essa poderemos tomar, se os derivarmos da latina.

FILHO. — O outro dia, em uma lição que nos leu, nosso mestre trouxe esta autoridade de Túlio: *Nas palavras não há cousa tão áspera que o uso não faça branda e suave.*

PAI. — ... Pois as cantigas compostas do povo, sem cabeça, sem pés, sem nome ou verbo que se entenda, ¿ quem cuidas que as traz e leva da terra? ¿Quem as faz serem tratadas e recebidas do comum consentimento? O Tempo, pois êste faz as cousas

(1) = *numa só palavra.*

tão naturais como a própria natureza. Êste nos deu a elegância latina; êste nos trouxe a barbaria dos Godos; êste nos deu *xa* e *cha* dos Mouriscos; e êste nos pode fazer ricos e pobres de vocábulos, segundo o uso e prática que tivermos das cousas. E não te pareça trabalho sobejo entender tanto na própria linguagem; porque, se fores bem doutrinado nela, levemente o serás em as alheias...

... O mais certo sinal que o Romano pode dar de ser Espanha súbdita ao seu império, não serão suas crónicas e escrituras (porque estas, muitas vezes, são favoráveis ao senhor de quem falam) mas a sua linguagem, que nos ficou, em testemunho de sua vitória. E, quanto entre as cousas materiais é de maior excelência aquela que mais dura, tanto acêrca (1) das cousas da honra são de maior glória as que a memória mais retêm. Exemplo temos em tôdas as monarquias, pois se perderam com a variedade do tempo e fortuna das cousas humanas; porêm deixou a língua latina êste sinal do seu império.

(1) = *entre*.

que durará eternalmente. As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia, e em tantas mil ilhas fora da repartição das três partes da Terra, materiais são e pode-as o tempo gastar. Mas nada gastará doutrina, costumes, linguagem, que os Portugueses nestas terras deixarem...

(*O Diálogo em louvor da nossa linguagem*, Coimbra, 1917, edição do prof. Luciano Pereira da Silva.)

V

Francisco de Morais Cabral

(† 1572)

VAI trasladada na verdade (a *Crônica de Palmeirim de Inglaterra)* quanto ás aventuras e acontecimentos. Se tiver alguma falta, será na composição das palavras, de que meu engenho carece. Traduzi-a em português, assim por me parecer que satisfaria vossa (1) inclinação, como por não ser dos que fazem o contrário (2), querendo encobrir seus defeitos, tornando a culpa à rudeza de nossa língua que, a meu juízo, pelo que tenho visto, em copiosidade de palavras nenhuma da Cristandade lhe faz vantagem...

(Prólogo do *Palmeirim de Inglaterra*, 1.ª edição, Évora, 1567.)

---

(1) Francisco de Morais dirige-se à « Ilustríssima e muito esclarecida princesa D. Maria, Infanta de Portugal, filha de el-rei D. Manuel. »

(2) Dos que escrevem em latim ou castelhano.

VI

Luís de Camões

(1525-1580)

Sustentava contra êle (1) Vénus bela,
Afeiçoada à gente lusitana
Por quantas qualidades via nela
Da antiga tão amada sua romana :
Nos fortes corações, na grande estrêla
Que mostraram na terra tingitana,
E na língua, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é latina.

(Lusíadas, Canto I, Estr. 33.)

---

(1) Sustentava parecer contra Baco, no concílio dos deuses.

VII

Jorge Ferreira de Vasconcelos

(† 1585)

Eu tenho em muito a (língua) portuguesa, cuja gravidade, graça lacónica e autorizada pronunciação nada deve (1) à latina, que vo-la exalça mais que seu império... Por isso eu quero raivar com os seus naturais, que a taxam difamando-a de pobre, e não lhe consentindo alfaiar-se do alheio, como que (2) o principal cabedal das copiosas não seja o mais dêle emprestado; e a portuguesa, com o seu, é tão rica, que lhe achareis alfaias ricas, de que as outras carecem...

A linguagem portuguesa é conhecida em partes em que a hebreia, grega e latina nunca fôram vistas nem ouvidas; e se os

---

(1) = *cede.*
(2) = *como se.*

Portugueses se prezassem dela como das armas, deixariam escrituras de mores façanhas, que os Hebreus de incredulidades, os Gregos de fábulas e os Latinos de deidades, dando mostras delas e dela, que até aqui esteve encouchada sem poder surgir, escusando-se de muitas guerras (1).

(Prólogo da comédia *Eufrosina*.)

(1) = desculpando-se (os Portugueses) com as muitas guerras, que não davam vagar para que a língua se pulisse na escrita.

VIII

Diogo Bernardes

(1520-1605)

Nunca permita o Céu, nunca tal mande
Que, merecendo nome meus escritos,
Êste na voz do povo em muitos ande.

¡ Contentasse-vos eu, raros esp'ritos
Que nos ides a língua enriquecendo
Nas rimas e na prosa, em altos ditos !

¡ Ditosa língua nossa, que estendendo
Vás já teu nome tanto, que, seguro,
Inveja a tôda outra irás fazendo !

(*O Lima*, Carta IV *(a D. João de Castelo Branco)* pág. 132 da edição de 1761.)

IX

Dr. António Ferreira

(1527-1563)

Carta a Pero de Andrade Caminha, pedindo-lhe que deixe de escrever em castelhano

Teu nome, Andrade, de que é bem que esperem
O de que se já sempre espantarão
Quantos te veem, quantos depois vierem ;
Teu raro sprito, de que se honrarão
As Musas, que de si tanto te deram
E que tarde outro como a ti (1) darão ;
Os bons escritos teus, que mereceram
Ou ouro ou cedro, pois já nessa idade
Nos mostras nêles quanto em ti quiseram
As Musas renovar a antiguidade : —
Em teu amor aceso me levaram
A esta sã e confiada liberdade :

Do que se antigamente mais prezaram
Todos os que escreveram, foi honrar
A própria língua, e nisso trabalharam.
Cada um andava pola mais honrar

---

(1) = *como tu.*

Com cópia, com sentenças, e com arte,
Com que pudesse doutras triunfar.
Daquela alta elegância ¡quanta parte
Deves tu, Grécia, àquele tam louvado
Poeta, que assi soa em tôda a parte!
E tu, grão Tibre, ¿de que estás honrado
Senão com a pureza dos escritos
Daquele Mantuano celebrado?
Garcilasso e Boscão, ¡que graça e spritos
Destes à vossa lingua, que princesa
Parece já de tôdas na arte e ditos!
E ¿quem limou assi a lingua francesa
Senão os seus Franceses curiosos
Com diligência, de honra e amor acesa?
E vós, ó namorados e engenhosos
Italianos, ¡quanto trabalhastes
Por serdes entre nós nisto famosos!
Assi enriquecestes e apurastes
Vosso toscano, que será já tido
Por tal, qual para sempre o vós deixastes...

¿Qual será aquele povo tão perdido
Que a si não seja mais afeiçoado
Que a outro estranho e pouco conhecido?
¿Que bárbaro não diz: « Mais obrigado
Sou eu a aproveitar a mim e aos meus,
Que àquele que de mim está arredado? »
Getas, Arábios, Persas e Caldeus,
Gregos, Romãos e tôda a outra gente
Nascem, vivem e morrem para os seus.
Havermos nós agora, a um excelente
Capitão português de quantos temos,
De que se espanta e treme o Oriente,

Querer mostrar a ordem que devemos
Guardar na guerra em língua estranjeira,
Quão certo, Andrade, é que nos riremos...
« ¡ Êste, dirias, em vez da maneira
Nos querer ensinar como vençamos
Faz outra gente contra nós guerreira ! »
E tanto é mais razão que o nós sintamos,
Quanto maior proveito nos cabia
E quanto mór o dano que esperamos.

O que entre a antiguidade mais se havia
Por infâmia, era desprezar a terra
De que um era filho, e em que vivia,
Contra a qual não sómente se diz que erra
O que a desamparar, trair, vender,
Ou lhe mudar a boa paz em guerra,
Mas quem, com quanto dizer e fazer
Em seu proveito pode, o não fizer,
Ou seja com bom braço ou bom saber.

Duas cousas sómente se hão mester
Na República boa : corpo e alma.
Ditosa aquela que ambos bons tiver :
O corpo, que por ferro, frio e calma
Rompa e passe sem temor ávante ;
A alma que seja tão pura e constante
Em seu proveito e honra, que pareça
Ter sua glória e bem sempre diante,
E que na paz e guerra se ofereça
A com prudência e conselho a ajudar,
Por que chamar-se filho seu mereça.
Por isso o grande Deus nos quis formar
Por suas santas mãos de carne e esprito
Porque de ambos havíamos de usar.

Quem com armas não pode, com escrito
Poderá fazer tanto, que se ria
Do que os esquadrões rompe, e inda c'um dito.
¿E não se honrava mais e mais temia
Aquela vencedora Esparta antiga
Co's ditos de Licurgo que a regia
Que dês que ela, das armas e oiro amiga,
Os olhos lhe quebrou, e o desterraram?
¡Pátria contra si mesma ingrata e imiga!
O' quantos quanto mór fama ganharam
Co'a boa pena, que outros com a espada!
Quanto mais ricas státuas cá deixaram!
Quanto foi mais sentida e mais chorada
A morte do alto Homero por seu canto
Que a tua, Aquiles, que êle fêz honrada!
Pois com quanta razão me eu mais espanto
Do que em ti vejo, tanto ver perdido
Sinto o que me assim move a mágoa e espanto

Mostraste-te tégora tam 'squecido,
Meu Andrade, da terra em que nasceste,
Como se nela não fôras nascido.
Êsses teus doces versos, com que ergueste
Teu claro nome tanto, e que inda erguer
Mais se verá, a estranha gente os deste...
¿Porque o com que podias nobrecer
Tua terra e tua língua, lho roubaste
Por ires outra língua enriquecer?

Cuida melhor que quanto mais honraste
E em mais tiveste essa língua estranjeira
Tanto a esta tua ingrato te mostraste.
Volve pois, volve, Andrade, da carreira

Que errada levas (com tua paz o digo)
E alcançarás tua glória verdadeira.

¿Té quando contra nós, contra ti imigo
Te mostrarás? Obrigue-te a razão,
Que eu, como posso, a tua sombra sigo.
As mesmas musas mal te julgarão,
Serás em ódio a nós, teus naturais,
Pois cruel nos roubas o que em ti nos dão.
Sejam á boa tenção obras iguais
E a boa tenção e obra à Pátria sirva.
Demos a quem nos deu e devemos mais.

Floresça, fale, cante, oiça-se e viva
A portuguesa lingua, e já onde fôr,
Senhora vá de si, sobêrba e altiva.
Se até aqui esteve baixa e sem louvor,
Culpa é dos que a mal exercitaram,
Esquecimento nosso, e desamor.

Mas tu farás que os que a mal julgaram
E inda as estranhas linguas mais desejam,
Confessem cedo ante ela quanto erraram.
E os que depois de nós vierem, vejam
Quanto se trabalhou por seu proveito,
Por que êles para os outros assim sejam.

Se me enganei, se tive mau respeito,
Andrade, tu o julga. Mas espero
De te ser êste meu desejo aceito.

E em-quanto mais não peço isto só quero.

(*Poemas Lusitanos*, ed. rollandiana,
Lisb, 1829. Carta III, do Liv. I.)

* *

SONETO XXXII DO LIVRO II

Quanto d'amor se pode humanamente
Sentir, tu o sentes; ou cantar, tu o cantas,
Salicio (1) : e em-quanto a doce voz levantas.
Tudo arde em fogo, em tudo amor se sente.

Só Flérida, e Amor a ela obediente,
Ao vivo fogo teu, lágrimas tantas,
Aos grandes versos com que o Mundo espantas,
Olhos e ouvidos cerram cruelmente...

Por ventura que em-quanto á estranjeira
Língua entregas teus doces acentos
Não é tua voz com tanto efeito ouvida...

Dá pois à dor sua língua verdadeira,
Dá os naturais suspiros teus aos ventos,
Por ventura será tua dor mais crida.

(*Poemas Lusitanos*, ed. rollandiana, Lisb., 1829).

---

(1) *Salicio* é Pero de Andrade Caminha. *Flérida* é D. Francisca de Aragão, formosa dama também cortejada por Camões e que afinal veio a casar-se com um embaixador de Espanha, desmentindo assim as conjecturas patrióticas do bom Ferreira, « da língua amigo »

*
* *

ODE I DO LIVRO I

. . . . . .

Renova mil memórias,
Língua aos teus esquecida,
Ou por falta de amor ou falta de arte;
Sê para sempre lida
Nas portuguesas glórias,
Que em ti a Apolo honra serão, e a Marte.

A mim, pequena parte
Cabe inda do alto lume
Igual ao canto; o brando Amor só sigo
Levado do costume.
Mas inda em algua parte,
« *Ah, Ferreira* (dirão) *da língua amigo!* »

(*Poemas Lusitanos*, ed. citada.)

X

Miguel Leite Ferreira

FILHO DO DR. ANTÓNIO FERREIRA
E EDITOR DAS SUAS OBRAS

NAQUELES tempos (de El-rei D. João III) o Doutor Francisco de Sá de Miranda foi o primeiro que, com a singular brandura dos seus versos lusitanos, começou mostrar o descuido dos passados, e que esta língua (portuguesa) é capaz de nela se cantarem Damas, Capitães e Imperadores. Com cujo exemplo meu pai, que então estava nos estudos, pretendeu com a variedade dêstes seus (poemas) manifestar como a língua portuguesa, assim em cópia de palavras, como em gravidade de estilo, a nenhuma é inferior.

(Dedicatória dos *Poemas Lusitanos* do Dr. António Ferreira, seu pai.)

XI

D. António Pinheiro

(1520?-1582)

BISPO DE LEIRIA, COMENTADOR DE QUINTILIANO

DESAGRADECIDOS Portugueses, e desnaturais, são os que, por desculparem sua negligência, culpam a pobreza da língua. Bem sei que se na minha eloqùência lançarem prumo, que lhe acharão poucas braças; mas nunca tão deslial serei à terra que na vida me sustêm, e na morte consigo me há-de abraçar, que por me escusar a acuse, e por me livrar a condene...

*
* *

... Trabalhei nas horas furtadas de vinte dias que passaram desde que levei a V. A. o tratado sôbre os *Psalmos* atégora,

por enfraquecer a falsa e vã opinião que da nossa língua conceberam muitos, taxando-a de pobre, não copiosa, dura e não ornada, injuriando-a de bárbara e grosseira, agravando-a com a gabarem em trovas leves, em comparações e apodaduras de homens com abatimento de sua pessoa, graciosos. E pois (1) eu, pela criação em terras estranhas, e não muita lição de nossos autores, de tal maneira pus em nosso comum falar estilo tão subtil, tão basto de figuras, tão espêsso em sentenças, tão luzido de bons ditos, tão discreto em avisos, e fiado tão delgado; não sómente com me nunca ver em afronta de necessidade (se não foi de escolher) mas ainda com rastejar todos os primores do latim — quanto mais eloqùentes devem ser, e são, os que usam do mel do Paço, da doçura cortesã, e no tesouro de suas lembranças teem feitas provisões de palavras em abastança...

(Tradução portuguesa do *Panegírico de Plínio a Trajano*, Dedicatória a el-rei D. João III, citada por Severim de Faria *Discurso* II.)

(1) = *se, visto que.*

XII

Fernão d'Álvares do Oriente

(1540-1595)

A excelência da língua portuguesa é tal, que pode com muita justiça competir com a do seu engenho... Uma das razões por que é hoje a nossa língua portuguesa estimada por a mais excelente que as outras tôdas, é porque, sendo só (ela) capaz dêste benefício, que não é a mais pequena excelência que nela noto, encorporou em si a graça da pronunciação e dos melhores vocábulos das outras, fazendo-se entre tôdas um ramalhete composto de diversas flôres.

Esta é a causa... por que, pronunciando nós tão fácilmente e com tanta propriedade as outras línguas, não podem nunca pronunciar os estranjeiros bem a nossa; e, mais, por ser a nós, e não a êles, da natureza concedido êsse benefício...

Na abundância e cópia larga de vocábulos... te afirmo que particularmente faz ela vantagem a muitas que disso injustamente se gloriam; porque quem pratica bem a nossa, bem claro mostra o engano dos que teem dela contrária opinião.

(*Lusitânia Transformada*, Liv. 2 prosa 6.)

XIII

Domingos Fernandes

(SÉCULO XVI)

VÁRIAS cousas em que a língua portuguesa fica superior a muitas que delas mais se prezam, acho a parecer de bons juízos nesta compostura (1); que, se não passarem por alto a quem de sua lição se quiser aproveitar, verá claro a vantagem que a pátria nossa faz ás nações estranhas com tanta felicidade, que já pode ser que daqui por diante mude opinião, se acaso teve nesta matéria outro pensamento. Elegância nas palavras, brandura na linguagem, de que se tem a nossa por tão alheia; subtileza nas metáforas, de que ela é a mais capaz; cópia nos vocábulos, alteza no estilo, delicadeza nos conceitos, artifício nas sentenças... se acham

---

(1) = *composição literária.*

neste poema... com que o autor acredita o meu parecer com crédito imortal da língua portuguesa.

(Prólogo da 1.ª edição da *Lusitânia Transformada*, de Fernão d'Álvares do Oriente, Lisboa, 1607.)

XIV

Amador Arráiz

(† 1600)

NÃO quis escrever estes *Diálogos* em língua latina, mas em a nossa portuguesa, porque, além desta com a sua grave brevidade ser acomodada ao que nêles se trata, minha principal tenção foi aproveitar a todos os nossos que não teem notícia de línguas estranhas. E pelo mesmo respeito quis usar de estilo comum e vulgar, que serve para todo o género de gente, e deixar muitas cousas que são das Escolas e dos entendimentos nelas exercitados. Todavia procurei eleger matérias graves, dar seu lugar às cousas e pôr concêrto nas palavras, para que, soando bem aos ouvidos, não sómente dissessem com clareza o que se trata, mas também com harmonia e modo de dizer fizessem atento ao Leitor e satisfizessem

não só ao gôsto dos simples, bons de contentar, mas alapar (1) ao dos letrados, curiosos em o examinar.

Impresso tenho na memória aquele dito de Marco Túlio no princípio das suas *Tusculanas* : « Querer o homem escrever seus conceitos sem os saber explicar, ordenar, ilustrar, e com alguma deleitação mover o Leitor, é de homem que sem nenhuma temperança usa mal do ócio e das letras. »

E' tanta a fôrça da ordem e juntura das palavras, que, podendo-se uma cousa dizer de diversos modos, tem tanta graça o que a conta e escreve, que, inda que seja mui sabida, move com mais eficácia os corações dos leitores e ouvintes, que o primeiro que a escreveu ou falou, acrescentando muita novidade ás cousas velhas, muita luz ás claras, muito ar e lustre ás formosas.

O que se escreve, lê e entende, inda que com gentil arte se componha, com suavidade se pronuncie e com deleitação se leia, se ao bom-viver se não refere e em regra de bons costumes se não converte, não é

(1) = *a par disto.*

a notícia das letras outra cousa se não instrumento de inchação, vã jactância e de trabalho sem proveito. Deixemos aos navegantes o desejo do vento — não no esperemos nós de nossos trabalhos, se os queremos ver bem empregados. O mais doudo e desejoso do seu mal entre os animais é o homem, porque para tomar qualquer dos outros há mister alguma isca, e para o homem só o vento da fama basta.

Também cuido que posso com verdade dizer muito mais me haver fundado na diligência, estudo e substância das cousas, que no artifício e elegância de frases polidas, palavras trocadas e consonâncias de cláusulas, em que nunca achei sabor, nem foram do meu estômago...

(*Prólogo ao Leitor*, nos « Diálogos », 3.ª edição, Lisboa, 1846.)

XV

Pero de Magalhães Gandavo

(SÉCULO XVI)

Êste trecho é tirado do *Diálogo em defensão da língua portuguesa*, e reproduz uma fala da personagem *Petrónio*, em resposta a *Falêncio*, que dizia ser a língua castelhana mais suave e bem-soante que a portuguesa, e tanto, que muitos Portugueses escreviam em castelhano.

NÃO é bastante razão, essa que alegais, para que vossa língua por êsse respeito mereça ser preferida à nossa (portuguesa). Porque haveis de saber que cada língua por si tem um estilo mais próprio e em que melhor parece, como é a grega nos versos, a latina nas orações, a toscana nos sonetos, a portuguesa nas comédias em prosa e no verso heróico, a castelhana nas trovas redondas e garridas, que naturalmente parecem feitas e inventadas para ela. E de aqui veio a muitos Portugueses,

vendo quão bem parecia neste estilo e que nela se achavam mais fácilmente consoantes para verso, exercitarem-na por seu passatempo em églogas, canções, elegias e cantos pastorís, que são matérias leves e acomodadas ao estilo da mesma língua.

Mas, cousas graves e de importância, não me dareis nenhum Português antigo nem moderno que as tratasse nem escrevesse em vossa língua. E se quereis saber quão pouca necessidade temos dela, vêde o estilo das comédias e dos versos do nosso verdadeiro Português Francisco de Sà de Miranda, que foi o primeiro que nesta nossa Lusitânia o descobriu, com tamanha admiração que em todos em geral ficou confessada esta verdade.

Vêde a *Ásia* daquele famoso e excelente escritor João de Barros, que por ela em Veneza está preferido a Ptolomeu. Vêde a primeira e segunda parte da *Imagem da Vida Cristã*, daquele doutíssimo varão Frei Heitor Pinto, que agora em nossos dias saiu à luz. Vêde o estilo da linguagem de Lourenço de Cáceres, de Francisco de Morais, de Jorge Ferreira, de António Pinto, e de outros ilustres varões que na prosa tanto se assinalaram, descobrindo

com seus engenhos peregrinos o segrêdo da gravidade e formosura dêste nosso português.

Pois, se no verso heróico vos parece que a vossa lhe pode fazer vantagem, vêde as obras do nosso famoso poeta Luís de Camões, de cuja fama o Tempo nunca triunfará. Vêde a brandura daquele raro espírito Diogo Bernardes. Vêde finalmente as do Doutor António Ferreira, de que o mundo tantos louvores canta; e em cada um dêstes autores achareis um estilo tão excelente, e tão natural, e acomodado a esta nossa língua, que forçadamente haveis de vir a descer-vos dessa vossa opinião, e confessar comigo ser ela indigna dêsse nome que vós lhe dais.

Pois, se quereis ver a língua de que é mais vizinha, e donde manou, vêde a *Arte de Gramática da Língua Portuguesa* que o mesmo João de Barros fêz, e o mesmo podeis ver no *Livro da Antiguidade (De Antiquitatibus Lusitaniae)* do Mestre André de Resende, onde claramente se mostra que com pouca corrupção deixa de ser latina.

Em-fim, que, se alguma com razão se pode chamar bárbara, é a vossa, a qual

toma da língua arábica a maior parte dos vocábulos. Falais de papo, com aspiração; e assim fica uma linguagem imperfeita, e mais corrupta do que vós dizeis que a nossa é...

(Diálogo em defensão da língua portuguesa.)

XVI

Vasco Mousinho de Quevedo

(SÉCULO XVI)

TAMBÊM quis mostrar a cópia de nossa língua, não me sendo necessário ajudar-me, em todo êste livro, de verso que seja agudo, para que todos alcancem ser de pobre notada injustamente por Benito Caldera no Prólogo da *Tradução de Luis de Camões*, querendo assim desculpar o vício que nêle taxa.

(*Afonso Africano*, Ao Leitor.)

XVII

Diogo Mendes Quintela

(SÉCULOS XVI-XVII)

FALTAVA-ME o alto estilo e sonora tuba do nosso Camões, não menos de estimar que o grande Homero; a brandura de Bernardes; as graves sentenças de Sá; a cópia de Côrte Rial; os conceitos de Ferreira, e de muitos outros nossos Portugueses que, não querendo mais com seu trabalho e levantado estilo enriquecer nações e línguas estranhas, negando — não sem justo queixume — o devido fruto dêle à sua própria e natural (pois nela acharam fácilmente tanta cópia de elegantes e excelentes palavras tão significadoras de seus altos conceitos, tanta abundância de sentenças com que enriqueceram seu soberano estilo) deixaram de si tão clara e gloriosa memória, manifestaram e engrandeceram as heróicas

obras de sua nação, ilustraram tanto sua Pátria entre os estranhos, que em nenhuma outra acharam mais que desejar.

(Prólogo da *Conversão e Lágrimas da gloriosa santa Maria Madalena.*)

XVIII

Duarte Nunes de Leão

(† 1608)

Tão indecente é sair da bôca de um homem de alto lugar e nobre criação uma palavra rústica e mal composta, como de uma bainha de ouro ou rico esmalte arrancar uma espada ferrugenta. E porque não causam menos fealdade os erros que se cometem escrevendo corruptamente que os que se cometem falando, mas muito maior (porque a escritura fica sempre viva e manifesta, e as palavras passam, como cousa momentânea, que não permanece) compus em minha verde idade um livro de ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA, em que reduzi a arte e preceitos o que nunca teve arte nem concêrto, o qual de todos os homens doutos foi bem recebido...

(Prólogo da *Origem e Ortografia da Língua Portuguesa.*)

*
* *

De algumas palavras portuguesas e maneiras de falar que se não podem bem explicar por outras latinas nem de outra língua.

Aderência. Como entre outras nações não há cousa que signifique esta diabólica palavra, tanto como entre nós não tem palavra que a explique, só aqui a entendemos, por grande mal da República, porque esta *aderência* é a que entre nós impede fazer-se justiça, e executarem-se as leis, e que os prémios das virtudes ou bons feitos se dêem aos indignos e se tirem a quem os merece.

Alvorôço. Êste afecto do ânimo se explicará mal em outra língua própriamente, porque é perturbação do ânimo por a causa que está por vir, porque por causa presente mais se dirá *gôsto* ou *prazer*.

Atinar,

Inçar,

SAUDADE. Êste afecto, como é próprio dos Portugueses, que naturalmente são maviosos e afeiçoados, não há língua em que da mesma maneira se possa explicar, nem ainda por muitas palavras que se declare bem. Porque o que os Latinos chamam DESIDERIUM não é isso própriamente... DESIDERIUM ou DESEJO é vontade de ver ALGUÊM que não está presente, sendo SAUDADE palavra que se não diz sómente referindo a pessoas, mas a coisas inanimadas. Porque temos SAUDADE de ver a terra em que nascemos, ou em que nos criámos, ou em que nos vimos em algum gôsto ou prosperidade. Pelo que parece que mais lhe podia quadrar esta definição : que é LEMBRANÇA DE ALGUMA COUSA COM DESEJO DELA.

MANO, MANA. Estas palavras de brandura com que falamos aos meninos ou pessoas a quem queremos bem, não há outra na língua espanhola, nem nas outras vulgares, que lhes responda...

(Origem da língua portuguesa, capítulo XXI.)

*
* *

Relatando nós tanto número de vocábulos de outras nações de que os Portugueses se servem, tendo tanta vizinhança, comércio e parentesco com os Castelhanos, é de espantar como dêles não tomaram outros tantos vocábulos. Antes parece que fogem de se parecerem com êles na língua. A razão é que, alêm da emulação que entre estas gentes houve depois que os reinos se dividiram, se encontram (1) os Portugueses perpétuamente com os Castelhanos em duas letras, que é (a) mais notável diferença que teem estas duas nações, e por que se mais desconhecem. Porque tudo o que os Portugueses pronunciam com a letra M os Castelhanos pronunciam por N, que a êles é letra tão familiar, que por a pronunciação dela, mais que por outra cousa alguma, se vê um homem ser castelhano...

(Origem da Lingua Portuguesa
Capítulo XXII.)

(1) = *contrastam.*

*
* *

... Do bem-aventurado S. Jerónimo lemos que, ardendo em desejos de saber as línguas hebreia e síria, tantas dificuldades achava na pronunciação de algumas vozes e letras delas, como natural da Dalmácia que era, que com desesperação de as tomar determinou tornar-se do caminho e deixar o que começara, e lhe conveio serrar os dentes para pronunciar algumas letras.

Esta aspereza não há na língua portuguesa, cujo alfabeto e ajuntamento de letras em sílabas, e de sílabas em dicções, é todo conforme aos Latinos e aos Castelhanos, Franceses e Italianos. A dificuldade que os estranjeiros acham na língua portuguesa, por que a não tomam fácilmente, não é por a obscuridade das palavras, nem por a aspereza ou má conglutinação e ajuntamento de letras, que tôdas são latinas e mui propínquas às outras línguas derivadas da latina...; sómente por seis ditongos... ÃO, EM, IM, OM, UM, que temos comuns com os Galegos, cuja língua e a nossa era tôda quási uma.

Esta pronunciação de nenhuma maneira

é áspera e confragosa, como as que dissemos dos Hebreus ou Sírios, mas mui suave; pois é uma letra tão branda como é o M, que tôdas línguas teem, cuja pronunciação, por ser assim frautada, é alheia de outras nações. Mas, em o mais, não há porque se negue a facilidade e suavidade da língua portuguesa, que para tudo tem graça e energia, e é capaz de nela se escreverem tôdas as matérias digníssimamente, assim em prosa como em verso. E, pôsto que aos estranjeiros se faça aquela dificuldade na pronunciação daqueles ditongos, não é assim na escritura, porque é facílima de se entender de todos, como se vê pelas muitas trasladações que homens estranjeiros fizeram de livros e obras de Portugueses.

(*Origem da Lingua Portuguesa*, Capítulo XXIII.)

*
* *

Os Castelhanos, e os afeiçoados à sua língua, se jactam que por a elegância e excelência dela é comum a muitas nações

que a entendem e falam como na mesma Espanha : em Itália, e nos estados de Flandres, e ainda entre Mouros, que a teem por sua aljamia; e que a portuguesa tem os limites tão estreitos que não passa da raia de Portugal; tomando daí argumento da melhoria de uma e menoscabo da outra...

...A língua latina, que no princípio tinha o primado das outras línguas de Itália, não saía do Latino (Lácio) antigo, que era um pequeno território de doze léguas e meia de comprido...; mas nem por isso deixava de ser havida por a melhor língua de tôda a Itália e de todo o mundo, tirando a grega. E, pelo contrário, a língua arábica, bárbara e hórrida, com seu Mafamede natural da Arábia, se estendeu tanto pelo mundo, que ocupou a maior parte de Ásia, e tôda África, e muitas partes de Europa, e depois quási tôda a Espanha... A causa da língua castelhana se estender por algumas províncias, e haver nelas muitos que a saibam entender e falar, não é por a bondade da língua (que nós não lhe negamos) mas por a necessidade que dela teem aquelas gentes que dela usam... A mesma razão houve

para os estados de Flandres, que por casamento se uniram com Espanha, a que foi necessário entenderem-se com a gente a que ficaram súbditos; pôsto que os homens dêsses estados tanto pretendem saber a língua portuguesa, por o muito comércio que com os Portugueses teem, que todos os anos, nas naus que a Portugal veem contínuamente, mandam muito número de moços, filhos de mercadores e tratantes, a aprender a língua portuguesa — e servem só por o prémio de a saberem.

E já que demos razão porque a língua castelhana se estende tanto, e para onde, razão é que livremos de calúnia a nossa, a que tão estreitos termos dão. E manifesto é como entre tôdas as nações que no mundo há, nenhumas e alongou tanto de sua terra natural como a nação portuguesa; pois, sendo do último ocidente, e derradeira parte do mundo, onde (como Plínio diz) os elementos da terra, água e ar fazem sua demarcação, penetraram tudo o que o mar Oceano cerca e consigo levaram sua língua. A qual tão puramente se fala em muitas cidades de África, que ao nosso jugo são sujeitas, como no mesmo Portugal; e em muitas províncias da

Etiópia, da Pérsia e da Índia, onde temos cidades e colónias; nos Sionitas, nos Malaios, nos Maluqueses, Léqueos e nos Brasís, e nas muitas e grandes ilhas do mar Oceano, e tantas outras partes, que com razão se pode dizer por os Portugueses o que diz o Salmista : IN OMNEM TERRAM EXIVIT SONUS EORUM, ET IN FINIS ORBIS TERRAE VERBA EORUM. E a língua portuguesa com razão se pode ter em muito e chamar ditosa, pois por ela se anunciou e manifestou a tantas gentes, e de tão remotas e estranhas províncias, a Fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, e foi causa de se tirarem as erróneas (1) e trevas em que o mundo vivia.

(Origem da Língua Portuguesa,
Capítulo XXIV.)

*
* *

Porque um homem plebeu ou rústico mais se contentará de ouvir uma chacota ou cantiga vilanesca, que uma canção de

(1) = *opiniões erradas.*

artificiosa compostura e de toada mui lamentável (1), assim os que escrevem ou falam se devem acomodar aos maiores e mais nobres, e à sua maneira de falar. Para o que, se não deve ouvir uma seita de homens que querem que o que se fala ou escreve seja por palavras costumadas e antigas, e que os homens do vulgo entendam, sem inovar vocábulos, que é razão de homens de pouco discurso e sem erudição. Porque, se essa regra se guardara, e não renováramos vocábulos, ou não os tomáramos emprestados quando os não temos nossos, estivera a língua portuguesa e as outras mais de Espanha na torpe rudeza em que a princípio estavam, quando por *comigo* diziam *migo* e por *alguma cousa algorrem*. ... Os que daquela opinião são, tanto monta como quererem que, depois de achado o trigo e os manjares que hoje temos, tornemos a comer a lande, e bolotas, e frutos silvestres, como a princípio dizem os poetas que faziam os primeiros homens; e julgarem por melhor a poesia antiga dos Portugueses e Castelhanos daqueles tempos

(1) = *lamentosa, triste.*

antigos, que a polidíssima dêstes, que se pode igualar à grega e latina.

Sendo, pois, averiguado que de necessidade se hão-de innovar vocábulos, e tomar emprestados, resta tratar de que língua os tomaremos.

... Sendo, pois, a língua portuguesa, na origem, latina, e ampliada de vocábulos latinos, de que carecíamos por a corrupção que os Godos nela fizeram, sem nenhum pejo e com mais honra nossa nos devemos aproveitar dela, como filhos que dos bens paternos se ajudam mais sem afronta sua, o que não fariam dos estranhos. E por a (1) muita semelhança que a nossa língua tem com ela, e que é a maior que nenhuma língua tem com outra, e tal que em muitas palavras e períodos podemos falar, que sejam juntamente latinos e portugueses, como muitos curiosos já mostraram em alguns poemas e orações — de que é uma êste hino que às onze mil virgens fêz um religioso principal, mui douto nas letras divinas e humanas e notícia das línguas, e mo mandou com uns elegantes versos, que tudo diz assim

(1) = *ainda por causa da*, etc.

De quem, senhor, honrastes tantas vezes,
Aceitai estes versos peregrinos,
Que, lidos em latim, serão latinos,
Lidos em português, são portugueses.

De minha rude mão levam mil fezes;
Na vossa alcançarão ficar tão finos,
Que, de rudes que são, se tornem dinos
De serem lidos uma e muitas vezes.

Das linguas, a latina é mui prezada,
E, quanto mais a imita a lusitana,
Tanto seu preço fica mais subido.

Agora ficará mais estimada,
Que, descobrindo as fontes donde mana,
Descobris seu valor não conhecido :

*

Canto tuas palmas famosos como triumphos,
Ursula divinos martyr concede favores,
Subjectas sacra nympha feros animosa tyrannos

Tu phœnix vivendo ardes ardendo triumphas,
Illustre generosa choros das Ursula bellas
Das rosa bella rosas, fortes das sancta columnas
Aeternos vivas annos ó regia planta,
Devotos cantando hymnos, vos invoco sanctas,
Tam puras nymphas amo, adoro, canto, celebro,
Per vos felices annos ó candida turba
Per vos innumeros de Christo spero favores.

Da mesma maneira se podia encher muito papel de versos juntamente latinos e portugueses, se não fôssem os artigos da língua portuguesa, porque não podem andar igual passo uns e outros.

(*Origem da Língua Portuguesa*, Capítulo XXV.)

*
* *

Como uma das cousas em que mais distamos dos animais brutos sejam as palavras por que demonstramos os conceitos de nossas almas e nossos pensamentos, devem ser elas tais, que bem e claramente os expliquem.

... Favorino, filósofo gravíssimo, que foi em tempo do imperador Adriano, ouvindo falar a um mancebo que em tôda a prática usava de palavras antigas e exquisitas, o repreendeu por estas palavras :

— « Marco Cúrio, Fabrício e Coruncano, antiquíssimos cidadãos nossos, e os Horácios Fergéminos, que foram ainda mais antigos que êsses, falavam claramente e chãmente pelas palavras de sua idade, e não pelas palavras dos Aruncanos, Sicanos ou Pelasgos, que antes dêles foram. E tu agora, como se falasses com a mãe de Evandro, usas de linguagem de ora há mais de mil anos, a fim de te não entenderem o que dizes. O que, se tu, homem néscio, pretendes, o mesmo podias fazer calando-te. Se dos Antigos te contentas, porque eram honestos e modestos, usa dos costumes do seu tempo, mas das palavras dos de agora... »

E para não gastar mais tempo em exemplos, Marco Fábio Quintiliano, grande mestre de falar, interpondo nesta matéria seu juízo, nos admoesta que de palavras antigas e desacostumadas nos guardemos; e que nos hajamos com elas como com as

moedas, que se não buscam para gastar, nem se tomam senão as correntes e que de todos se aceitam; e que, quando de palavras antigas quisermos usar, tomemos delas as mais novas, e das novas as mais antigas, isto é : as que já teem autoridade e estão recebidas.

Sendo, pois, a principal virtude e requisito das palavras a propriedade e clareza delas, pois para declarar nossos pensamentos se inventaram, ¿que cousa pode ser mais absurda, que ser necessário buscar intérprete para que se entendam?

(*Origem da Lingua Portuguesa*, Capitulo XXVI.)

XIX

Francisco Rodrigues Lobo

(1556 ?-1625)

QUERO, disse Leonardo, que me ensineis se na prática (1), em voz e na escritura considerada, tem bom lugar a nossa língua portuguesa; porque ouço de má vontade a alguns naturais que tratam mal dela, e a condenam por grosseira e limitada.

— Uma cousa vos confessarei eu, sr. Leonardo (disse a isto D. Júlio) : que os Portuguèses são homens de ruim língua; e que tambêm o mostram em dizerem mal da sua, que assim na suavidade da pronunciação como na gravidade e composição das palavras, é língua excelente. Mas há alguns néscios que não basta que a falem mal, senão que se querem mostrar discretos dizendo mal dela...

---

(1) = *conversação*.

— Bravamente é apaixonado o sr. D. Júlio, acudiu o doutor, pelas cousas da nossa pátria. E tem razão, que é dívida que os nobres devem pagar com a maior pontualidade à terra que os criou. E verdadeiramente que não tenho a nossa língua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa. Antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, e acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura. Para falar é engraçada com um modo senhoril; para cantar é suave com um certo sentimento que favorece a música; para prègar é substanciosa, com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita cópia que dane (1), nem brevidade estéril que a limite; para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão sêca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céu da bôca com aspereza, nem arrancar as palavras com violência do gargalo. Escreve-se

(1) = prejudique.

da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de tôdas as línguas o melhor : a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa, a elegância da italiana. Tem mais adágios e sentenças que tôdas as vulgares, em fé da sua antiguidade. E se à língua hebreia pela honestidade das palavras chamaram santa, certo que não sei eu outra que tanto fuja de palavras claras em matéria descomposta quanto a nossa. E, para que se diga tudo, só um mal tem, e é que, pelo pouco que lhe querem seus naturais, a trazem mais remendada que capa de pedinte.

— Folguei extraordináriamente de vos ouvir (disse Solino), por não ficar tão covarde como até agora estava, em ouvindo murmurar da língua portuguesa. E não ousava, ou não sabia dizer a minha opinião, a qual cuidava que me nascia do amor que lhe tenho, e que cada um tem às suas cousas, como o corvo aos filhos

(*Côrte na Aldeia,* Diálogo I.)

*
* *

Acudirei brevemente a alguns vícios da língua portuguesa... fazendo-o nestas cinco advertências :

Falar vulgarmente com propriedade;
Fugir da prolixidade;
Não confundir as razões com a brevidade;
Não enfeitar com curiosidade as palavras;
Não descuidar com a confiança.

Falar vulgarmente... é qual os melhores falem, e todos entendam : sem vocábulos estranjeiros, nem exquisitos, nem inovados, nem antigos e desusados, senão comuns e correntes, sem respeitar origens, derivações, nem etimologias, que a linguagem mais pende do uso que da razão; e por isso se chama LÍNGUA MATERNA, porque nas mulheres, que menos sabem da pátria, se corrompe menos o uso do falar comum, pôsto que elas saibam pouco da razão de seus princípios...

... As palavras que se devem escolher para falar vulgarmente não hão-de ser estranjeiras, nem exquisitas, nem inovadas, nem tão antigas que se perdesse já o uso

delas. Das primeiras teem muita culpa os estudantes e letrados, que introduziram as latinas na conversação, fazendo a linguagem de misturas. Essa culpa... é dos mancebos que, como no praticar não teem a madureza que só costuma a ensinar a experiência, cuidam que se melhoram em falar escuro e elegante, fazendo na prosa acentos de música ou medidas de poesia.

Muitos letrados sei eu... que não são moços e nisso o querem parecer, que falam numa linguagem como sereia : mulher até aos peitos e a metade peixe. E são homens a quem não escapa por nenhuma via o verbo no cabo, e sendo a nossa língua de muito bom metal, lhe misturam tanta liga, que perde muito de seus quilates.

... Um cirurgião de Coimbra do nosso tempo... disse à moça de um ferido a quem curava :

— Traga-me um pano corpulento, para fricar os lábios desta cicatrice.

E a um rústico, que vinha esmechado (1), respondeu *que não tinha mais lesa que a superfície da fronte ;* e, tendo palavras com

(1) = *ferido.*

outro, lhe disse QUE O ANIQUILARIA, SE DISSESSE ALGUMA COUSA EM VILIPÊNDIO DE SUA DIGNIDADE.

... Tenho raiva, sabendo que a língua portuguesa não é manca nem aleijada, ver que a fazem andar em muletas latinas os que a haviam de tratar melhor. Há outros... que nem com isso se contentam; e andam buscando palavras muito exquisitas, que por termos mui escuros significam o que querem dizer, como um que se queixava de sua dama, QUE DE CIOSA ANDAVA INQUIRINDO OS ESCRUTÍNIOS DE SEU PENSAMENTO. E outro a um barbeiro disse que LHE RUBRICARA a parede com a sangria.

Alguns conheci eu..., culpados dêsse modo impertinente de falar, que por tais eram reprovados; porêm o uso de palavras inovadas não achei ainda entre os Portugueses, como os Espanhois e Italianos. Nem tenho por grande vício aproveitar de algumas antigas, muito bem usadas em outro tempo, e desterradas sem razão na nossa idade.

Não faltam... curiosos que, por acharem pobre a língua, ou por êles o estarem de seus vocábulos, fazem alguns ao seu modo,

como um letrado que, querendo autorizar umas casas para certa ocasião, disse :

— E' NECESSÁRIO QUE AS PAREDES DÊSTE DOMICÍLIO SEJAM ALVEADAS, E QUE O FATO UZÍVEL FIQUE RETEÚDO NAS ÚLTIMAS DÊLE.

E outro disse a um navegante, que fôra felice se não FORTUNEARA TANTO no êxito da viagem. E ao que dizeis das palavras antigas, pôsto que em algum tempo fôssem boas, não o ficam sendo na parte em que se perdeu o uso delas; pois, como já disse, êsse só é o fundamento e razão das palavras; e assim não diremos LEIXOU, TROUVE, DIXE, ACRAM, LEIDISSE, e outros vocábulos, de que usaram autores gravíssimos, de cujos escritos podemos aprender a perfeição da língua portuguesa.

... Com uma só razão... condenara eu a tôda essa turba dos que no falar querem parecer singulares : e é que não falam para que os entendam melhor, senão para que pasmem daquela sua eloqüência e galantaria. E haveis de saber que é lanço muito certo que os que se contentaram de saber pouco do latim falam mais alatinados, para que os ouvintes cuidem que o sabem. E, assim, como virdes cirurgião ou boticário

que acabou a gramática na quinta classe, ponde-lhe abrolho (1) que o não tirareis com vinte galgos à estrada do falar comum. E se me esperardes estudante de filosofia em grade de freiras, vereis uma linguagem meada de lógica, que vos não entendereis com o sentido dela. E dos que falam pela têmpera velha, eu o não consentira senão em homens de barba larga, penteada sôbre os peitos, com carapuça redonda e pelote de abas pregadas, que vos conte histórias de elrei D. Manuel e dos infantes em Almeirim, e de quando D. Rodrigo de Almeida tomou por compadre a Vila de Condeixa, do filho que ali lhe nasceu em tempo do bispo D. Jorge. Porêm nos vestidos justos de agora, e barbinhas turquescas, tiradas pela fieira, e tintas sôbre branco, palavras daquele tempo parecem remendo de outra côr.

(*Côrte na Aldeia,* Diálogo IX.)

---

(1) = *notai, ficai certos.*

XX

Frei Bernardo de Brito

(1569-1617)

Alguns, com zêlo de amigos, me aconselharam compusesse esta obra em a língua latina, dizendo que, para minha reputação, e para se divulgar por mais partes, convinha ser nesta forma. E quási me tiveram abalado para o fazer, se não considerara ser um género de imprudência, à conta de ganhar fama com estranhos perdê-la com os naturais, e antepor o proveito próprio ao gôsto comum do povo, que, não sabendo a língua latina, havia de permanecer na ignorância que teve de suas cousas até o tempo de agora.

Outros, considerando a criação e uso que tinha da língua castelhana, me diziam a compusesse nela, pois, além de se entender em todos os reinos de Espanha e muitos fora dela, me livrava da grossaria e ruim

método de historiar da portuguesa. Mas, como esta opinião era tão mal fundada que nem sombra tinha de boa, nunca fiz rosto a quem ma persuadía.

Vendo que a primeira razão me arguia de interesseiro em pretender gasto da impressão (1), e a segunda de indigno do nome português, em ter tão pouco conhecimento da língua própria que a julgasse por inferior à castelhana, sendo tanto pelo contrário que não há língua na Europa (tomada nos termos que hoje vemos) mais digna de se estimar para a história, que a portuguesa. Pois ela, entre as mais, é a que em menos palavras descobre mores conceitos, e a que com menos rodeios e mais graves termos dá no ponto da verdade. E se como ela de si é grave e natural para narração verdadeira, a engrandeceram (2) seus naturais com impressões e livros compostos nela, fôra hoje tanto e mais famosa que a castelhana e italiana. Mas, carecendo dêste bem, e tendo em si filhos tão ingratos que, a modo de venenosas víboras, lhe rasgam a reputação e

(1) Gasto da impressão = *esgotamento da edição.*
(2) = *engrandecessem.*

crédito devido, não é muito estar (1) em tal opinião até o tempo de agora.

E se alguma cousa me lastima, é ver que a pouca notícia que dela tenho me fará levar o estilo da história menos lustroso do que poderia ir, sendo composto por quem fizera seu fundamento na elegância e formosura da prática (2), mais que na verdade e certeza do que se conta...

(*Monarquia Lusitana,* Prólogo da Primeira Parte.)

(1) Não é muito estar = *não admira que esteja*
(2) = *discurso, narração.*

XXI

Álvaro Ferreira de Vera

(15..-1648?)

As letras representam as vozes, e as vozes os pensamentos e conceitos da alma. Mas, pôsto que as vozes sejam naturais a todo homem em comum, algumas gentes teem certas vozes suas próprias, que homens de outras nações nem com tormentos que lhes dêem as podem bem pronunciar, por as não terem em costume.

Pelo que, dizia Quintiliano que assim como os volteadores dobram e torcem os membros em certas formas, para depois fazerem soltamente seu ofício, que quando já fôssem duros não poderiam fazer — assim os meninos, em-quanto fôssem tenros, se haviam de acostumar a pronunciar tôdas as letras e vozes que algum tempo haviam de usar.

Assim que a dificuldade que os estran-

jeiros acham na língua portuguesa (porque a não tomam fácilmente) não é por escuridade de palavras, nem por aspereza ou má conglutinação e ajuntamento de letras, senão pelos seis ditongos que temos, em que intervêm um *M* entre duas vogais, que não tem a pronunciação pura e inteira, mas fica líquido e sem fôrça, sem se pegar à letra precedente nem ferir na seguinte, que nós suprimos com um til, como : *irmão*, *irmã*, *bens*, *confins*, *bons*, *alguns*. Esta pronunciação de nenhuma maneira é áspera nem fragosa; mas mui suave, pois é uma letra tão branda como é o *M*, que tôdas as línguas teem; cuja pronunciação, por ser assim frautada, é alheia de outras nações. Mas em o mais não há porque se negue a facilidade e suavidade da língua portuguesa, que para tudo tem graça e energia, e é capaz de nela se escreverem tôdas as matérias digníssimamente, assim em prosa como em verso (1)

(*Breves Louvores da lingua portuguesa*, Lisboa, 1631.)

(1) Transcrição quási literal de Duarte Nunes de Leão. (V. pág. 52 e 53.)

XXII

Manuel Severim de Faria

(1583-1655)

Nos verbos é cousa notória que tôdas as línguas vulgares ficam inferiores à latina, porque as mais delas não teem voz passiva nem particípios do futuro... e assim mesmo lhe(s) falta a mór parte dos comparativos... Porêm a nossa participa menos dêste defeito, porque a voz passiva supre bastantíssimamente com estes pronomes *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *se* e por *appellor*, *appellaris* dizemos *chamo-me*, *chamas-te*... Temos alêm disto o infinitivo... que na nossa língua se conjuga em tôdas as pessoas... Esta nossa conjugação e declinação do infinitivo não teem os Italianos, nem Franceses, como tambêm notou Amaro de Roboredo.

Levamos mais a estas línguas outra vantagem, que é termos o futuro do conjuntivo... que lhes a elas falta em todos os verbos... Carecem tambêm os Franceses

de todos os superlativos, que nós temos com grande abundância; de maneira que por *cristianíssimo* dizem *Tres cristão* (sic), e por *boníssimo*, *tres bom* (sic).

Porêm na cópia de palavras e verbos próprios não cede a nossa língua portuguesa nem à latina, nem a nenhuma vulgar, porque é riquíssima dêles... Dos verbos seja exemplo esta acção de reduzir um livro a menor leitura, que dizemos por sete verbos, que são : *abreviar*, *recopilar*, *resumir*, *epilogar*, *epitomar*, *compendiar* e *encurtar ;* e os latinos teem *abbreviare*, e o mais dizem por frases. E nem por estes nossos verbos serem derivados de nomes latinos se podem chamar também latinos, pois os Latinos não averbaram estes nomes, e os Portugueses sim...

O terceiro exemplo, de nascerem muitos vocábulos de um só nome... se vê bem nos que se derivam desta palavra *pedra*, de que os Latinos não teem mais de seis, e nós quinze, que são : *pedra*, *pedreiro*, *pedreira*, *pedraria*, *pedral*, *pedrado*, *empedrar*, *desempedrar*, *apedrejar*, *pedrada*, *pedroso*, *pedregoso*, *pedranceira*, *pedrouço*, *pedregulho*. E' esta abundância de derivações causa de grande propriedade na língua...

Das palavras que se não acham nas outras línguas senão só na portuguesa seja exemplo *aderência*, *agasalhar*, *alvorôço*, *atinar*, *bonina*, *enxergar*, *encampar*, *encarar*, *jeito*, *inçar*, *lembrança*, *magoar*, *mavioso*, *praguejar*, *pairo*, *pairar*, *primor*, *tomar-se* de alguma cousa, *mano*, *saudade*, *sôfrego*, e outros muitos...

A pronunciação perfeita consiste no bom som das palavras, que se forma do ajuntamento das letras em sílabas e das sílabas em dicções, as quais na língua portuguesa são suaves, porque nem tem veementes aspirações, nem a aspereza dos Alemães, nem acabam nenhumas finais em *t*, *f*, *c* ou *b*, que são letras ásperas de que usam os Franceses e Latinos, nem menos em *d*, como teem os Castelhanos em todos os imperativos do plural, como *haced*, *amad*, e em muitos nomes, como *merced*, *ciudad*. E com ser a língua portuguesa em tôdas as sílabas fácil, fica participando de maior gravidade nas palavras do que a italiana, a qual, por acabar tôdas em vogal, tem uma aparência pueril. Sómente uma cousa nos podem taxar, que é usarmos frequentemente de dilongos nos finais...

... Estes ditongos que hoje temos na

língua portuguesa são os mesmos que antigamente pronunciaram os Gregos e Latinos, e agora usam os Franceses. E não temos algum tão próprio que se não ache nas outras nações, pôsto que não falta quem afirme o contrário. Só o ditongo ão é próprio nosso, e o corrompemos do om francês e galego, em que não há muitos anos acabavam as mais das dicções que hoje terminamos em ão, por se pronunciar êste ditongo por *a* com mais brandura e suavidade que não por *o*. Donde não ficou a língua pejorada com esta mudança, mas antes com notável melhoria, pelo que é facil de tomar e aprender a tôdas as nações, tirando a castelhana. Porque os Franceses, Ingleses, Hibérnios (1), Flamengos, Alemães, Catalães, Valencianos e Biscainhos com tanta facilidade a pronunciam, como podem testemunhar as cidades de Lisboa, E'vora e Coimbra, onde modernamente muitos religiosos destas nações prègaram e ensinaram públicamente na nossa língua vulgar...

... A nossa pronunciação é fácil e boa,

(1) = *Irlandeses*

pois a exprimem bem os que bem falam a língua latina e francesa; e, alêm disso, é causa de os Portugueses alcançarem tôdas as línguas estranjeiras com suma facilidade, o que é notório a tôdas as gentes, e não pudera ser, se tivéramos a pronunciação áspera ou grosseira, como já deixámos provado na língua hebreia; mas é isto tanto ao contrário, que autores graves castelhanos confessam haver na nossa pronunciação um som suave e deleitoso aos ouvidos, como o testifica o Padre João de Mariana nestas palavras : EXTREMIS LUSITANIS PECULIARIS LINGUA EST EX GALLICO SERMONE ET HISPANO TEMPERATA ATQUE CONFUSA ATQUE ELEGANS, AUDITUIQUE GRATA (1). E Miguel de Cervantes, varão eloqùentíssimo (e de quem se disse que descobriu a alteza da língua castelhana) falando das excelências de Valência e da boa graça da linguagem da terra, acrescenta : CON QUIEN SOLA LA PORTUGUESA PUEDE COMPETIR, EN SER DULCE Y SUAVE. Mais avante passa o insigne poeta Lopo da Vega Carpio, pois lhe dá nesta parte

(1) Histor. Hispan. lib. 1. C. 1.

vantagem à latina e toscana, como se vê na sua descrição da Tapada, célebre bosque dos duques de Bragança, onde, introduzindo certas ninfas, cantando estâncias em várias línguas, diz da nossa, que se seguiu à latina e italiana, estes versos :

Assi cantando fue la Portuguesa,
Con celebrado aplauso larga historia,
A quien por la dolçura que professa
Entranbas concedieron la vitoria.

... A brevidade da língua se colige da cópia de vocábulos, das traduções, e dos modos de falar acomodados a vários sentidos...

... Quanto ás traduções, claramente se mostra, assim nas de verso que fizeram António Ferreira e Luís de Camões, como nas de prosa do bispo D. António Pinheiro e outros, que, se não é mais breve que a latina, ao menos não é mais larga. Admite além disso a nossa língua com grande facilidade e particular graça as metáforas... O mesmo se pode dizer do grande número de sentenças, adágios, ditos e motes, que se trazem vulgarmente, onde com suma brevidade se mostram grandes conceitos...

... Porêm, quando as outras línguas nos levassem vantagem em qualquer das partes que temos referido, notória cousa é que na ortografia nos ficavam tôdas inferiores, porque nenhuma cousa escrevemos que não pronunciemos, como o mostra o nosso João de Barros na sua GRAMÁTICA PORTUGUESA, dizendo :

« A primeira e principal regra na nossa ortografia é escrever tôdas as dicções com tantas letras com quantas as pronunciamos, sem pôr consoantes ociosas, como vemos na escritura italiana e francesa. E dado que a dicção seja latina, como a derivamos a nós e perder *(sic)* sua pureza, logo a devemos escrever ao nosso modo, por semelhante exemplo : *Ortographia* é vocábulo grego, e os Latinos o escrevem desta maneira atrás, e nós o devemos escrever com estas letras : ORTOGRAFIA, porque com elas o pronunciamos. »

... A aptidão que a nossa língua tem para os versos se mostra bem da facilidade com que os Portugueses se dão à poesia, a qual é tão natural nêles que os estranjeiros lhes concedem nela a palma, como o refere o autor da BIBLIOTECA HISPANA, tomo 2.º, classe *Poetarum*, onde diz :

« *Lusitani in Poetica, ut et in Musica regnare feruntur mira animi propensioni, velut enthusiasmo rapti, etc.* » E sendo a língua castelhana tão própria para a garridice dos versos pequenos, muitos anos a deixaram seus naturais pela nossa, compondo nela os cortesãos suas coplas, de que se vêem assaz exemplos nos livros antigos; e Gonçalo Argote traz alguns (lib. 3, cap. 148), a que acrescenta estas palavras: « Se alguno pensare por las coplas referidas, que Mancias era Portuguez, esté advertido que hasta los tiempos del Rey D. Henrique el tercero, todas las coplas que se hazian comunmente, e por la maior parte eran en aquella lengua, etc. »

Mas, vindo aos particulares exemplos, baste-nos no estilo grave o poema heróico de Luis de Camões, obra nunca assaz louvada...

... O insigne poeta Lope da Vega confessa que os escritos de Diogo Bernardes o ensinaram a fazer versos pastoris...

*
* *

Estando a língua latina, e as outras vulgares, tão cheias de volumes, de traduções, de cópias, frases, elegâncias e de tesouros de sua eloqùência, com que as vemos ornadas de tantos atavios, só a nossa está pobre de todo artifício e sem mais compostura que a formosura natural.

Porêm nem isto é defeito nela, antes maior grandeza, pois sem estes afeites compete com a beleza das outras e vence aos armados desarmada. E se esta verdade não está atégora conhecida de todos os Portugueses, cuido certo que é por não ponderarem as razões que por si tem; porêm entendo que, consideradas elas, ninguêm haverá que queira obstinadamente sustentar sua opinião contra esta certeza, e ser tão desconhecido a sua Pátria que aborreça o próprio por invejar o alheio, e consinta sermos vencidos no amor da língua materna de tôdas as outras gentes, assim bárbaras como políticas, que tanto as suas próprias estimaram.

Dos Romanos sabemos que, depois de estabelecido o Império, ordenaram com ri-

gorosas leis que todos os magistrados usassem, nas províncias estranhas, de língua latina e não dessem noutra resposta alguma pública. Os Cartagineses proibiram que ninguêm aprendesse outra língua mais que a da Pátria. Os Escoceses ensinam na sua as sciências, e para isso teem traduzido nela tôdas as Artes e muitos dos expositores delas. Ulide, célebre Miramolim dos Árabes (porque foi o primeiro que tomou Damasco) mandou que em todos os seus reinos não se escrevesse mais que na língua arábica. O mesmo publicou por lei el-rei D. Duarte IV de Inglaterra, ordenando que as cousas públicas se não tratassem ou escrevessem senão na língua anglicana. Os príncipes otomanos teem tanto respeito à sua, que as promessas que não hão-de cumprir mandam dar em língua estranjeira, e as que hão-de observar, na própria. E neste Reino se viu outro não pequeno exemplo em Raix Xarafo, guasil de Ormus, o qual, tendo muita notícia dá língua portuguesa, e tratando seu livramento diante del-rei D. João III, nunca lhe quis falar senão por intérprete, por não deixar a língua de sua Pátria.

El-rei D. João I de Castela mandou

também que nas cousas públicas se usasse da língua castelhana, donde parece que de então para cá deixaram os Castelhanos de compor os versos na nossa portuguesa, e ilustraram mais a sua. Grande afronta fôra certo para êste Reino, se contra tantos exemplos, pelo extravagante gôsto de poucos mal-contentes, se entendera que só Portugal desprezara a língua própria. Porêm não é assim, antes nesta matéria podemos ser exemplo aos outros todos, pois, alêm das autoridades alegadas, de tantos varões nossos naturais insignes em letras, que em tanta estima teem a língua portuguesa — o mesmo Reino, por decreto comum, pediu, nas capitulações do casamento de el-rei D. João I de Castela com D. Brites, filha do nosso rei D. Fernando, que, vindo esta Província a se unir com aquela, os reis que nela sucedessem fariam escrever tôdas as cousas do gôverno público na língua portuguesa. O próprio se alcançou pelos três Estados, quando el-rei D. Manuel fêz jurar o príncipe D. Miguel, seu filho, por sucessor de Portugal. E últimamente a mesma mercê nos ofereceu e concedeu el-rei D. Filipe I, quando entrou na sucessão desta Coroa, e a instância das

primeiras Côrtes a confirmou em Tomar.

Pelo que, pois esta é a opinião de todo Reino, não deve haver nenhum particular que tenha a contrária; porque de outro modo ficará a parte desunida do todo, e não poderá ser contado entre os verdadeiros Portugueses.

(*Discursos Vários Politicos*, Évora 1624, Discurso Segundo.)

XXIII

Frei Manuel do Sepulcro

(1592-1674)

Não há dúvida que daqueles tempos para cá (1) houve na língua portuguesa notável variação, por se seguir glorioso reinado ou — por melhor dizer — se fundar o novo império (como diz o Poeta) do felicíssimo rei D. Manuel; cuja côrte, além de ser a de mais polícia de nossos reis, foi freqùentadíssima de tôdas as nações; das quais, com a mistura dos idiomas, e com os polidos sujeitos que dali por diante se começaram a criar, saiu a nossa língua mais elegante e suave. Caso que com a sua toscana aconteceu aos Italianos, pela entrada de diferentes nações em Itália.

E não há dúvida que maior diferença

---

(1) Do ano de 1495, em que faleceu D. João II.

fêz a língua portuguesa nos primeiros vinte anos do reinado de D. Manuel, que em cento e cinquenta anos de aí para cá, como o vemos pelos escritos em verso e prosa de uns e outros tempos.

O mesmo acontecerá noutros séculos aos que neste cuidam que escrevem mais atilados; porque é fortuna que corre tôda a língua vulgar, por quanto depende do mero uso, e não de regras fixas, como as universais latina, grega, hebraica, etc.

Com esta atenção da propriedade da língua materna, fui fugindo vocábulos estranjeiros intrusos *(harto, rodilha, quiçá)* e outros introduzidos por Sciolos (1) e neófilos (amigos de novidades). Desculpa tinham os anos passados. Hoje, menos; antes culpa de andar mendigando vocábulos estranjeiros a uma língua tão rica e abundante dos naturais; em tão luzida côrte e famosas universidades como provam melhor suas insignes poesias, no galhardo e engraçado das quais descobre melhor seus quilates qualquer língua.

---

(1) = *pseudo-sábios, ignorantes presumidos. A palavra, que é latina, refere-se aqui aos latinófilos exagerados.*

Não nego, nem deixarei de usar termos que nossos antigos de sessenta anos a esta parte usaram, como *ninherias*, tomado do castelhano; *ardimento*, do italiano; *injocundo*, *ininteligível*, e outros, maiormente negativos, tomados do latino; porque o uso e a necessidade os fará bem recebidos; mas, havendo-os na propriedade portuguesa elegantemente expressivos do que se quere dizer, vício seria mendigá-los, e espécie de traição à pátria língua querer desterrar uns idiotismos no pronunciar e escrever, castelhanando e latinizando supersticiosamente, como se não fôra justíssima cousa que houvesse lusitanismos, como latinismos, hebraísmos, espanholismos, italianismos, etc.

Cada língua tem seus mistérios, como suas propriedades; e são suas propriedades seus mistérios; e não se hão-de deixar estas, por mais que aos scíolos se apartam da raiz latina, como se não fôra bom castelhano *Pablo*, porque no latim é *Paulo;* nem bom italiano *fiore*, porque no latim é *flore;* assim nem bom português *gôsto*, porque no latim é *Gustus; Agosto*, e *Agostinho*, porque no latim é *Augustus*.

E dêstes tais supersticiosos pedantes e

presumidos neófilos vieram e veem muitos a dar em Cultos (1) sem se sentirem. Praga que o Tempo mandou sôbre as línguas, principalmente castelhana e portuguesa; nem entre as do Egipto foi menor a dos três dias de trevas, e escuridade que os Cultos com tanto estudo afectam.

(Prólogo da *Refeição Espiritual*, § 2.º, núm. 3, 4 e 5.)

(1) = *gongóricos*.

XXIV

Jacinto Freire de Andrade

(1597-1657)

São os prólogos um antecipado remédio aos achaques dos livros, porque andam sempre de companhia os erros e as desculpas. Eu por ora me desvio do caminho trilhado: não quero pedir perdão de nada. Quem achar que dizer, não me perdoe (nem será necessário encomendá-lo).

Se me notarem o livro de ruim, não negarão que é breve, e escrito em língua portuguesa, que tantos engenhos modernos ou temem ou desprezam, como filhos ingratos ao primeiro leite, servindo-se de vozes estranjeiras, por onde passaram como hóspedes, sem respeito àquelas veneráveis cans e ancianidade madura de nossa linguagem antiga.

Escrevi esta história com verdade de

memórias fiéis, sem que a pena e o afecto alterasse o menor acidente. Antes que êste papel saísse dos borrões, sei que muitos o taxaram de escasso, dizendo que houvera de dilatar a história com alusões e passos da Escritura, que fizessem mais crescido volume. Estes compram os livros pelo pêso, não pelo feitio — de mais que não permitem tão licenciosa pena as léis da História.

Outros queriam que me valesse do estrépito de vozes novas, a que chamam CULTURA, deixando a estrada limpa por caminhos fragosos, e trocando, com estimação pueril, o que é melhor pelo que mais se usa. Mas, como não determinei lisonjear a gostos estragados, quis antes com a singeleza da verdade servir ao aplauso dos melhores, que à fama popular e errada.

(Prólogo da *Vida de D. João de Castro,* Lisboa, 1861)

XXV

Frei António da Purificação

(1601-1658)

TÔDA a nação polida deve celebrar a língua da pátria em que nasceu e estimá-la como primeiro e principal instrumento de tôda sua boa criação e doutrina, e princípio exterior com que se fêz diferente dos brutos e mudos animais.

... E' (a língua portuguesa) comummente louvada de grave e nobre, de muitos autores, contrapondo-a nesta parte à italiana que, com ter tanto de latim, tem muito de pueril e de bárbara, porque quási tôdas as palavras acaba em letra vogal, cousa que fora da Itália só fazem os Etíopes, e meninos, quando começam a falar...

(Prólogo da 1.ª parte da *Crónica da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho*, cap. 10.)

XXVI

António de Sousa de Macedo

(1606-1682)

MUCHA culpa parece resultarme de aqui, pues amando todos tanto su lengua, yo la dexo, y escrivo esto en la Castellana... Mas como el amor de mi patria me incite a publicar sus excelencias por todo el mundo, dexados los respetos, me ha parecido mejor medio hacerlo en lengua Castellana, que acertó ser más conocida en Europa, y no en la Portuguesa, que segun lo que dixo la decima Musa, y quarta Gracia Dona Bernarda Ferreira de la Cerda, como cosa tan buena no es tan entendida como lo fuera siendo mala, conforme a la costumbre del tiempo (1).

---

(1) *España Libertada*, Canto I

*
* *

... Y basta en lugar de lo mucho que aqui pudiera dezirse lo que sucedió a S. Antonio de Lisboa, que predicando una vez salieran los pexes con las cabeças fuera del agua a oirle : otra vez predicando en Roma a un auditório de muchos Cardenales, prelados, y personas de diferentes estados, y naciones, le entendieran todos tan perfetamente, como si a cada uno hablara en su misma lengua, comunicándole Dios a este gran Santo la gracia, que avia dado a sus Apóstoles, que lo proprio hazian. Y aunque el entonces no predicó em Portugues, con todo, es gran honra nuestra aver dado Dios tan soberano don a una lengua Portuguesa, y oy se conserva incorrupta : que maior excelencia !

(Flores de España, Excelencias de Portugal, Cap. XXII.)

XXVII

Padre António Vieira

(1608-1697)

A linguagem (de Frei Luís de Sousa) tanto nas palavras como na frase, é puramente da língua em que professou escrever, sem mistura ou corrupção de vocábulos estranjeiros, os quais só mendigam de outras línguas os que são pobres de cabedais da nossa, tão rica e bem dotada, como filha primogénita da latina; sendo tanto mais de louvar esta pureza no padre Frei Luís, quanto a sua lição em diversos idiomas e as suas largas peregrinações em ambos os mundos o não puderam apartar das fontes naturais da língua materna, como acontece aos rios que veem de longe, que sempre tomam a côr, e sabor, das terras por onde passam...

(*Aprovação* da 3.ª parte da *História de S. Domingos*, de Frei Luís de Sousa, vol. IV da 3.ª edição, Lisboa, 1866, pág. XIII.)

XXVIII

Frei Agostinho de Sousa

(SÉCULO XVII)

E o que mais admira (na prosa de Frei Luis de Sousa) é que em tanto papel escrito e tanta variedade de cousas, nem um só vocábulo lhe acho tomado de língua estranha, nem ao perto nem ao longe, como muitos indignamente vão fazendo; com o que faz evidente que não é paradoxo, mas demonstração, ser a linguagem portuguesa tão abundante de palavras, tão rica de bons termos e, pela mesma razão, tão perfeita como a melhor da Europa.

(Nas licenças da Ordem na primeira parte da *História de S. Domingos*, de Frei Luis de Sousa.)

XXIX

Duarte Ribeiro de Macedo

(1618-1680)

O autor desejou escrever em língua portuguesa, porque se lastima de que, sendo pela confissão dos estranjeiros elegante, copiosa e clara, a escureçam os naturais com termos peregrinos, fundando a elegância na novidade de verbos e nomes desusados, enfastiando-se de beber as águas puras e claras da elegância com que escreveu João de Barros, que é o mais seguro exemplar da eloquência portuguesa.

(*Vida da Imperatriz Teodora,* na Advertência.)

XXX

D. Rafael Bluteau

(1638-1734)

A língua portuguesa, como língua viva, sempre se vai enriquecendo; e já é tão abundante e opulenta, que em tôdas as matérias tem ricos termos.

Era antigamente a língua portuguesa tão pobre, como foram tôdas as mais línguas nos seus princípios. Só nas fôlhas de alguns livros históricos ou predicativos saía singelamente à luz; mas com as obras de muitos autores teve sucessivamente tão preciosos ornatos, que não tem que envejar ás mais elegantes línguas da Europa o seu luzimento...

Á vista dêstes volumes (do *Vocabulário*) aos quais com o tempo se poderão acrescentar outros, ¿que dirão certos estranjeiros, os quais publicaram pela Europa que a língua portuguesa é um idioma pobre,

inculto, bárbaro, e casualmente formado de vários fragmentos da língua mourisca e castelhana?

Confesso que depois de ajuntar os materiais para esta obra, eu mesmo fiquei admirado, e juntamente oprimido, da multidão de vocábulos que achei nos autores antigos e modernos.

(*Vocabulário Português e Latino*, Catálogo dos autores portugueses.)

XXXI

Manuel Bernardes

(1644-1710)

Uma das muitas excelências da língua portuguesa é a cópia de semelhantes adágios, tão claros, breves e sentenciosos, que podem ser uns como cânones da vida económica, ética e política, ensinados pela experiência.

(*Nova Floresta*, tomo III, liv. 7, pág. 383.)

*
* *

... Êste vício da curiosidade e afeição a cousas novas passa também aos trajes, aos edifícios, aos comeres, aos estilos, às leis e até às mesmas palavras. Porque não faltam noveleiros que querem emendar ou

ilustrar o idioma comum, introduzindo palavras exóticas e termos que lhes parecem mais elegantes, sendo na verdade mais ridículos.

Dionísio Sículo, sofista, afectava explicar-se por êste modo: Ás donzelas chamava *menandros*, isto é: que esperam por varão; à coluna *menécrates*, isto é: que sustenta o pêso firmemente; e aos esconderijos e buracos dos ratos chamava-lhes *mistérios*, porque os ocultam e defendem.

Alexarco, irmão de Cassandro, rei de Macedónia, chamava ao galo *Orloboas;* ao barbeiro *Brotoceres;* à dracma, que é um dinheiro pequeno de prata, *Argírides*. Pela mesma toada, Démades não dizia « os mancebos », senão *a primavera do povo;* nem dizia « muralhas », senão *o vestido da cidade;* nem dizia *trombeteiro*, senão o *galo do exército*.

Os espíritos que não mortificam em si êste génio de curiosidade e afeição a novidades, perdem nisso mais do que porventura lhes parece, porque se fazem incapazes de cousas sérias; e como sempre andam nadando sôbre a cortiça da vaidade, nunca descem ao fundo da verdade.

antes esta se lhes representa cousa tão cheia de tédio, tristeza e trabalho, que sempre diferem o tratar dela para outro dia.

(*Nova Floresta*, « Curiosidade ».)

XXXII

António de Melo da Fonseca

PSEUDÓNIMO DE JOSÉ DE MACEDO

(1667-1717)

NÃO há razão para que nos descontentemos da nossa língua; antes há muitas e muito boas para que justíssimamente a estimemos muito. Só a freqùência com que usamos do ditongo ão nos deve ser odiosa, e só dêste triste vício procede a facilidade com que muitos engenhos cuidam que é mais formosa a língua castelhana, sendo certo que, atendendo só a isto, não só a castelhana nos pode parecer melhor, mas também muitas outras; pois em nenhuma vemos êste ditongo tão mal soante...

*
* *

... Quando foi de Lisboa para Londres a rainha portuguesa D. Catarina, que lá casou com Carlos II, logo em chegando ao seu palácio se sentiu molestada da inclemência daqueles novos ares, menos benignos que os nossos e menos amigos da natureza humana; e esteve, por conselho dos médicos, alguns dias na cama, até que se acabou aquela moléstia.

Assistiam-lhe com grande cuidado as suas damas e outras muitas senhoras, em-quanto S. M. se não via de todo restituída ao mais perfeito estado da sua saude. E, preguntando-lhe uma delas se queria que lhe trouxessem um caldo de galinha, depois de ter feito mui boa diligência para saber fazer esta pregunta na nossa língua, respondeu-lhe a Rainha com esta única palavra :

— Não.

Ouvindo então esta reposta aquela senhora, que a não entendia, disse muito admirada, voltando-se para as outras senhoras que ali estavam :

— Ai, manas, ¿que quere dizer aquilo?

¿Que palavrinha é aquela, tão grandemente feia, e tão pequenina? Eu não sei como cabe tanta fealdade em tanta pequeneza.

E o espanto de tôdas as outras senhoras foi igual ao desta...

*
* *

... Nenhuma pessoa das que lerem êste discurso terá razão para dizer de aqui por diante (como todos até agora diziam) que é impossível remediar o grave dano que todos uniformemente confessam que faz na nossa língua êste insulso ditongo ão. Antes creio que se pode ter por cousa indubitável que nem é considerávelmente difícil o remédio, nem conseqùentemente temerária a confiança, com que parece que podemos esperar que ainda o lograremos no nosso tempo, ou o verá logrado no seu a nossa posteridade; porque, estando êle na mão dos nossos Príncipes, nem está longe, nem nos pode parecer duro, nem podemos querer nêle mais alegre auspício. E havendo tantos exemplos, como há, da

grande estimação que muitos príncipes e muitos povos fizeram das suas línguas, parece que será cousa mui digna de repreensão que só nós, conhecendo que a nossa é melhor do que as outras, a desprezemos negligentíssimamente, deixando de a remediar depois de conhecido o remédio com que o podemos fazer.

(*Antidoto da língua portuguesa* Amsterdam, 1700, Caps. XIII XVI e *Conclusão.*)

XXXIII

Francisco José Freire

« CANDIDO LUSITANO »

(1719-1773)

Assim como nas idades passadas era mui vulgar nos escritores de linguagem pura valerem-se dos vocábulos latinos e acomodá-los à pronunciação portuguesa, assim hoje é mui comum na mesma classe de autores servirem-se de vozes francesas e italianas, pretendendo naturalizá-las em Portugal.

Destas creio que o número é já infinito, espalhadas por tôdas as sciências, artes e ofícios mecânicos; porêm com especialidade na filosofia experimental, na arte militar, na arquitectura civil, etc. Dizem que a falta de termos próprios obrigara a introduzir tantas palavras novas. Se assim foi, procedeu-se com razão; porque, obrigando a necessidade, devem-se buscar vozes para se exprimirem as cousas.

Porêm os amantes da pura linguagem portuguesa queixam-se de se introduzirem termos novos meramente por moda, e não por precisão; pois que a nossa língua tinha muitos, e bons, com que se explicava, antes que se mendigassem outros às estranhas para se exprimir o mesmo.

¿Que necessidade havia (dizem os puritanos da língua) de se dizer *abandonar*, tendo *desamparar; afares*, tendo *negôcios; belas letras*, havendo *letras humanas* e *boas artes; belezas de eloqüência*, havendo *rasgos*, de que sempre usou Vieira; *bom-gôsto*, havendo já *discernimento* e *juizo?*

¿Porque se havia de introduzir *cadete*, por *filho que não é primogénito; critério* por *arte crítica; canóculo* por *óculo de ver ao longe; charlatão* por *palrador ignorante; chichisbéu* por *galan* ou *amante; delicadeza* de engenho por *subtileza; desserl* por *aparato de sobremesa; díscolo* por *extravagante* e *mal procedido; passagem* por *lugar* ou *passo* de algum bom autor; *retalhos* de eloqüência por *pedaços* de eloqüência?

¿Que precisão tínhamos de *garante* e *garantia* por *fiador* e *afiançar;* de *imagens* por *lugares* e *passos* eloqùentes, ou da fantasia, ou do juizo; de *interessante* por

importante; de *prejuizo* por *antecipação de juizo* ou *juizo antecipado;* de *projectar* por *dar ideias e arbitrios;* de *responsável* por *obrigado a responder;* de *susceptível* por cousa capaz de receber outra; de *viajar* por *correr terras;* de *manobra* por *mareação*, etc.

Não só destas palavras, mas de outras muitas que agora nos não ocorrem, mas lembram bem aos queixosos delas, se lamentam os fiéis conservadores da pura linguagem portuguesa; porêm outros críticos não acham para tanta queixa bastante fundamento. Dizem que com esta liberdade é que se enriquecem de vocábulos as línguas vivas; e que só nas mortas, como a grega e latina, é que o uso não pode exercitar o seu absoluto domínio.

¿Que não se tem enriquecido há menos de um século a língua inglesa com a introdução de infinitos termos, já inventados, já pedidos a outros idiomas, em que o Português tem igualmente seu lugar?

¿E por fim há hoje língua viva que não tenha naturalizado inumeráveis vocábulos estranjeiros, sem exceptuar ainda a castelhana e italiana, não obstante a sua copiosíssima abundância?

Assim falam os defensores das vozes

novas; e nós, para dizermos o que sentimos entre êstes indulgentes e aqueles escrupulosos, diremos que uns e outros teem razão. Os escrupulosos, porque é certo que, havendo para exprimir qualquer cousa termo nacional, e usado pelos autores que são textos, não se deve adoptar um novo; porque de outro modo nunca se verificaria que um escritor é de linguagem mais pura do que outro, e seria vão o nome de Clássico, que se dá àqueles autores que o mereceram.

Porêm êstes escrupulosos pecam muitas vezes por excesso, sentenceando por (1) vozes novas, e introduzidas pela moda que reina na presente literatura do nosso século, a algumas que já teem muitos anos, e também séculos de antiguidade.

Por exemplo : estranha-se por novamente adoptada a palavra *reproche*, e já Duarte Nunes de Leão faz dela memória, contando-a por uma daquelas que fomos buscar aos Franceses. Teem igualmente por nova a palavra *polícia*, e é não menos que de João de Barros... ¿Que não dizem êles

(1) = *condenando como.*

também contra a palavra *pedante*, quando Duarte Nunes de Leão na sua *Ortografia* já traz *pedantesco?...*

Podemos fazer menção de outros vocábulos a que os escrupulosos erradamente chamam novos, e como tais os reprovam; mas não sejamos prolixos, e passemos a defender os escritores indulgentes.

Teem êstes razão em procurarem, à maneira das outras nações, e vivamente protegerem a introdução de vocábulos expressivos e precisos, quando não podemos exprimir uma cousa senão por longa e tediosa circunlocução. Se para nós expressarmos a fôrça de verbo francês *suplantar*, nos é preciso usar do rodeio de dizer : *usar de fôrça ou artifício para tirar a alguêm o cargo ou fortuna que possui* — ¿não será bom que admitamos êste verbo, e digamos *suplantar?* ¿Não é mais expressivo e breve dizer *critério* do que *arte crítica*, *insignificante* do que *cousa que nada significa?...*

Porêm quando a nossa língua tem termos próprios, que exprimem o mesmo que os outros novamente introduzidos, em tal caso é com razão repreensível a novidade, porque se opõe àquela pureza de falar de

que em tôdas as outras nações se faz especial aprêço. ¿Porque havemos de dizer *abandonar*, se temos *desamparar; resurce*, se temos *remédio; díscolo*, se temos *mal-procedido; afares*, se temos *negócio*, etc.?

Eis aqui o como nos parece que devem concordar os dois partidos, ambos excessivos : um porque nada permite, ainda havendo precisão; outro porque tudo concede, ainda sem haver necessidade...

(*Reflexões sôbre a língua portuguesa*. Edição da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, Lisboa, 1842, pág. 60 e ss.)

XXXIV

Correia Garção

(1724-1772)

Não posso, amável Conde, sujeitar-me
A que ás cegas se imitem os antigos;
Quero dizer, aqueles Portugueses
A que hoje chamamos *quinhentistas :*
O bom Sá, bom Ferreira, o bom Bernardes
Foram grandes poetas; qualquer dêles
Foi discreto e foi sábio, em-fim as Musas
Lhe embalaram o berço, e lhe cobriram
Com murta e com loureiro a sepultura;
Mas nem por isso os pobres escaparam
A' culpa original; têm suas faltas,
Têm seus altos e baixos, têm sedeiros
Onde dá c'os focinhos um pedante
Que, vá por onde fôr, há-de segui-los,
Que há-de furtar-lhes tudo quanto dizem
E, seja bom ou mau, ¿isso que importa?
O ponto está que o diga algum daqueles
Que Craesbeeck imprimiu : a maior teima !.

... Imitam o pior; mas não imitam
A sisuda dicção, a frase pura :
Aquele ático sal que não conhece
Quem nunca viu o pórtico de Atenas
Sequer em caixas ópticas pintado,

Isto é : Anacreonte traduzido,
Aristófanes, Sófocles e Safo,
Sem que fique de fora o bom Homero
E outros em quem poder não teve a morte.

Para imitares tu, senhor, os feitos
De teus claros maiores ¿necessitas
De calças e gibão? Se hoje saísses
Com jaquete e golilha, ¿quem seria
Tão sério e tão sisudo que pudesse
Conter o riso? Nada te valera
Responder-lhe, gritando, que imitavas
Os distintos avós que dos Noronhas
A prosápia exaltaram generosa
Nos séculos passados. Todos sabem
Que o valor não consiste nos vestidos,
Antes seguem as modas. A virtude
Assiste com sossêgo inalterável
Nos grandes corações.
Ora esta regra
Corre a nível d'altura do Parnaso :

Imite-se a pureza dos antigos,
Mas sem escravidão, com gôsto livre,
Com polida dicção, com frase nova
Que a fêz ou adoptou a nossa idade.
Ao tempo estão sujeitas as palavras;
Umas se fazem velhas, outras nascem :
Assim vemos a fértil primavera
Encher de folhas ao robusto tronco,
A quem despiu o inverno desabrido.
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes
Camões dizia *imigo ;* eu, *inimigo ;*

O ponto está em que ambos expliquemos
Aquilo que pensamos. A energia
Do discurso e da frase não consiste
No feitio das vozes, mas na fôrça,
Salvo, conforme aos gárrulos trovistas
Que não te chamam *justo*, sem chamar-te
Ou *robusto*, ou *augusto*, inda que, sábio,
Detestas a lisonja. O raro Apeles,
Rubens e Rafael, inimitáveis
Não se fizeram pela côr das tintas :
A mistura elegante os fêz eternos.
Quem não percebe bem êste segrêdo
Cuida que em dizer *mór* tem dito tudo :
¿Que muito, se não há discernimento
E reina a afectação? Vejo pedantes
Trepados em cadeiras, descompondo
Os mais honrados cidadãos de Atenas,
Sem razão, sem vergonha : e vejo gente
Prudente e sábia embasbacar nos gestos
Do mono petulante! Muito pode
A opinião, a teima ou o capricho!
E o pedantismo pode mais que tudo,
Pois arrasta a razão, pisa a verdade;
E em sabendo servir-se da Lisonja,
Voa por êsses ares, sobe ao cume,
Onde a vaidosa ideia ergueu o templo
Da fantástica fama. Ali se abraça
A sobêrba e a vaidade co' a preguiça.
Vive a ignorância ali, dali pretende
Ditar as leis ao mundo. Mas ¿que digo?
¿Que furor atrevido me arrebata?
¿Que demónio me inspira alegorias
Sem permissão do Tribunal Censório

Dos críticos modernos? Não é moda
Um estro nobre; tudo está mudado :
Há pragmática nova, estreitas regras
Que obriga a jejuarmos. Poesia
Tem longa quarentena; e não me espanta
Ver poetas mirrados, se a abstinência
Das clausuras fugiu para o Parnaso.
Os nobres Portugueses, cristãos-velhos,
¿Acaso são gentios, como foram
Pindaro, Homero, Sófocles, Vergílio,
Para inventarem cousas inauditas?
Fábulas novas? Bastam as pinturas
De quatro bagatelas : uma fonte,
Um bosque, um rio, um campo, um arvoredo,
Um rebanho de cabras, dous pastores
Com cajado e surrão; uma pastora
Que se está vendo n'água... ¿Há melhor cousa?
¿Quem pode fazer mais? ¿Que nos importa
Que o verso seja frouxo ou deslocado,
Sem gramática a frase, sem pureza
E sem graça a dicção; ou em-fim tudo
Sem conexão, sem ordem, sem juízo?
O caso está que lembrem as pedrinhas
Lá no fundo do rio, sem que esqueça
A gaita do pastor, nem os abraços
Da simples pastorinha; e que as palavras
Sejam humildes, velhas e caducas
Sequer de quando em quando. Ah! senhor Conde!
Se isto é ser bom poeta, bom poeta
Eu o prometo ser em pouco tempo.
Mas tu, senhor, bem sabes quanto custa
Ser fidalgo da casa do Deus Loiro :
Não se compra a dispensa com dinheiro,

Nem vale ter o pai no Desembargo;
Mas é preciso grande génio, longo
E escolhido estudo; ouvir a todos,
Seguir a poucos; conversar co' os mortos,
Quero dizer : co'os livros, todo o dia
E tôda a noite. Ali se faça branco
O cabelo que foi ou preto, ou loiro.

(*Obras Poéticas e Oratórias*, Roma, 1888, pág. 238 e ss.)

XXXV

Francisco Dias Gomes

(1745-1795)

Á LÍNGUA PORTUGUESA

Língua cuja suave melodia,
Cuja enchente fecunda de expressões,
Clara te faz entre as viventes línguas,
Mais que tôdas ilustre :

Se aquele que imitando o Cisne Argivo
Tanto as latinas musas ilustrou (1),
Que as fêz voar eternas pelo mundo,
Vencidas quási as gregas;

Que as armas e o varão pio cantando,
Que o caro pai, que os caros seus Penates
Salvou por entre chamas e armas hórridas
Dos férvidos Argivos;

---

(1) Vergílio, imitador de Homero

Se o que as causas orando ante os Conscritos
Na majestosa Cúria, ou ante o povo,
No fundo lá dos peitos acendia
Mil diversas paixões (1);

Cuja cópia grandíloqua e facunda
As sedições feroces profligava,
Que a Roma aparelhavam ferro e flama,
Sepultura fatal :

Ouvissem como soas doce e branda;
Tua índole grave e majestosa,
Flexível para todos os assuntos,
Atentos contemplassem :

Do mais polido seio da latina
Diriam ser nascida a lusa língua,
A mais própria de assuntos majestosos
De engenhos levantados.

Que a língua dos soberbos vencedores
D'África, d'Ásia e da famosa Europa,
Falavam os ilustres Lusitanos,
Gente ínclita no mundo,

(1) Cícero.

Que impávidos, fendendo o mar tumente,
Sem temer as horrendas tempestades,
Novas estrêlas viram, novos climas,
Novos mundos acharam,

E por armas sanguíneas se fizeram
Famosos mais que César e Pompeu;
E onde nunca chegar pôde Trajano
Foram (1) suas vitórias.

Viram os seus triunfos e troféus
As ondas eritreias, o Indo adusto :
Viu-os o curvo Ganges e o Japão,
Lá nos confins do mundo.

Viu-os de imortal glória coroados
A brasílica terra imensa e grande,
Fundar reinos, impérios, e domar
Barbaríssimos povos.

Se um grande Barros, se um sublime e grande,
Um divino Camões cantar ouvissem,
Ou em sôlta oração (2) alta e pomposa,
Ou em suave metro :

---

(1) = *alcançaram, chegaram.*
(2) = *em prosa.*

Com vivas côres de imortal transunto,
Formadas pela mão de engenho e de arte,
Veriam (1) retratar províncias, reinos,
Vastíssimos impérios.

Vários costumes, vários ritos e usos
De diversas nações feras e estranhas,
Não sabidas jámais, nem conhecidas
Dos antigos filósofos.

No meio ali dos mares se levantam
Como nuvens sutís, ilhas ignotas :
Aqui se alarga a foz de um curvo pôrto,
Além se elevam montes.

Vão-se estendendo aquáticas ribeiras,
E as marítimas costas alongando;
Fervem nos baixos túrbidos as ondas
Com temeroso estrondo.

As enseadas côncavas se encurvam,
Levantam-se os convexos promontórios
Longamente estendidos pelos mares,
Das ondas combatidos.

---

(1) O sujeito do verbo é *Vergilio e Cicero.*

Tal no Templo da Fama retratou,
Para ter longa vida e nome eterno,
O grande Lívio grandes as proezas
Dos potentes Romanos.

Eu já te vejo, ó Maro (1) envolto em mêdo,
Vendo nas sombras hórridas da noite
Lá do fundo dos mares levantar-se
O fero Adamastor,

Co' a cabeça de nuvens coroada,
De chuvas, ventos, raios e tormentas,
De horrorosos trovões, de horríveis fogos
Dos férvidos relâmpagos.

Os horríssonos sons das tempestades,
Os bramidos dos ventos e das ondas,
Dando e batendo ao longe nos rochedos,
N'alma espanto te imprimem.

Oh! como escutas pávido e enfiado
A voz horrenda, rouca e pesarosa
Do colérico monstro ameaçando
Aos portugueses nautas!

---

(1) Vergílio (*Publius Vergilius* MARO).

Mortes, estragos e cruéis destinos
Prognosticando, e míseros naufrágios,
Aos que ousaram tentar a vez primeira
Seus incógnitos mares.

O' invenção altíssima e divina,
Nunca de peregrina fantasia,
De quantas inflamou o vivo Apolo,
Sonhada ou concebida!

Já retumba nos campos de Mavorte
O som da tuba que enfurece e acende
Os corações ferozes para a guerra:
¡Oh como te embraveces!

Ali o mundo atroa o estrondo horrendo
Da ardente artelharia furibunda:
Como se eleva, e com ruína estala
A mortífera bomba!

Soa a sólida terra rude estrépito,
Quadrupedando os férvidos ginetes:
Soam armas horríficas, e soam
Os roucos atambores.

Com destreza gentil de tom mudando
Já vês sair da lira enrouquecida,
Interrompido com soluços e ais,
O som do pranto amargo.

Qual músico excelente, que passando
De alegre, arrebatada sinfonia,
Com modulação doce em grave tom
Chora, geme e suspira;

Ali, com vivas côres retratando,
O mais robusto peito aflige e move
O caso acerbo da gentil donzela,
Da triste, linda Inês.

Aquela cuja vista soberana,
Trono excelso de amor, era alma e vida
Do claro Infante, e cuja formosura
Rendera o mesmo Olimpo,

Pálida jaz da vida despojada,
Lânguido o níveo colo e o branco peito,
No próprio sangue seu banhado e tinto,
Mortos os lindos olhos.

Estão as ninfas cândidas chorando
Sôbre o frio cadáver, lastimosas,
E os mestos ais, do côncavo das grutas.
Eco triste repete.

Já se vão pouco a pouco convertendo
Os membros de alabastro em claras fontes,
Tanto nestas a mágoa penetrou
A dor imensa e viva!...

*
* *

Adornado de extrema perfeição
Sempre ilustre serás, sempre famoso,
Sempre de sábios peitos estimado,
Puríssimo idioma.

Apesar dos malédicos profanos,
A quem as sacras musas recusaram
O dom de conhecer tuas belezas
E sólida energia,

Inda com teu favor me elevarei
Com clara fama ás lúcidas estrêlas,
Brando cisne cantando as som do Tejo
Cânticos imortais.

Isto o vermelho Apolo mo declara
E a mente me enfurece a roxa flama;
Já se me vão os membros transformando
Noutra nova figura;

E de alvas penas mil vestido e ornado,
Já me sinto da terra levantar :
Eis nas cândidas asas suspendido
Novos cantos medito;

Já novos seres vejo, novas formas;
Já me ocupam a mente altos assuntos.
Ficai, profanos, que das doces Musas
Os dons vituperais...

(*Obras Poéticas*, Lisboa, 1799, pág. 277 e ss.)

*
* *

... Qualquer estranjeiro pode traduzir com facilidade e presteza na sua linguagem tôdo o pedaço de prosa dos nossos bons autores, visto ser a sintaxe da nossa língua mui natural e correcta, sem a imensidade das inversões que vemos nos outros idiomas antigos e modernos, circunstância que os faz de difícil acesso a quem nêles pretende ser instruído, e obsta à sua propagação...

... Em uma língua tão abundante de simulcadências em todo o género, como a portuguesa, não há necessidade que obrigue a deixar o uso da rima, a qual parece essencial ao nosso verso; e o não usar dela pode ser reputado por fraqueza, e temor de não poder ir pelo caminho que os nossos avós com tanta glória freqùentaram. Nem concluem nada os que dizem ser a rima um pesadissímo grilhão para exprimir com felicidade os conceitos, pois só o pode ser aos que sem engenho, e sem o conhecimento profundo da língua, intentam poetar...

... A doçura e harmonia da língua portuguesa é manifesta, não só aos nacionais mas também aos estranjeiros; e para tratar amores, e tôdas as mais qualidades de afectos, nenhuma se lhe iguala. Procede isto não só do génio da Nação Portuguesa, por ser naturalmente inclinada à paixão do amor, e mui desejosa de o publicar em frase de extrema suavidade, mas também por ser a língua mui cheia de rimas de suavíssima harmonia, e letras consoantes de mui doce pronunciação, como *bb*, *dd*, *ll*, *mm*, *nn*, *ss*, *zz*. E talvez que à sobredita paixão se deva em grande parte a beleza e ordem natural da nossa sintaxe; porque quem se sente possuído dêste afecto põe tôda a diligência em o manifestar com clareza ao objecto que lho faz sentir, donde só espera o remédio do mal que sente. E se o amor não foi o que inventou as línguas, foi certamente quem as aperfeiçoou e puliu.

(*Obras Poéticas*, pág. 277 e ss.)

XXXVI

António Pereira de Figueiredo

(1725-1797)

HAVENDO de tratar da eloqùência de João de Barros, escritor hoje mais conhecido pelo nome do que por lição que haja das suas obras, é-me necessário protestar logo no princípio que não é minha tenção censurar, e muito menos reprovar um estilo que, sendo inteiramente diverso daquele que há cinquenta anos falaram entre nós os que se reputavam falar bem, é hoje todavia o que mais reina nos papéis de todos os nossos sábios. Um estilo onde os oradores se não distinguem dos poetas, segundo uns imitam dos outros as mesmas frases, os mesmos epítetos, as mesmas translações, as mesmas imagens. Um estilo onde tudo o que é do uso comum de falar se evita estudadamente, como plebeu e sórdido.

Um estilo, finalmente, cuja época se deve deduzir daquele tempo em que, preferida a lição dos escritores estranjeiros à dos pátrios, começou a dar-se por um português rasteiro e insulso tudo o que não tivesse muitos e mui sensíveis ressaibos do dialecto francês.

Não é da minha tenção, torno a dizer, nem tambêm da minha competência, censurar e muito menos reprovar um tal estilo. Tenho advertido por uma parte que, por uma natural inclinação que todos temos à novidade, sempre nos agrada mais o que é mais moderno; e que, pelo pouco aprêço que de ordinário fazemos das nossas cousas, sempre o que vem de fora nos parece mais admirável do que o que temos de casa.

Por outra parte eu não presumo, nem devo presumir tanto de mim, que me queira erigir em mestre de uma língua que ainda até o presente ando aprendendo pelos nossos livros. Esta alta qualidade só poderia competir, quando muito, a uma corporação inteira, ou de censores régios, ou de outros homens académicos.

Mas, não se me podendo negar que tôdas e cada uma das línguas cultas da Europa formam de si uma eloqùência

própria delas, a que podemos chamar *eloqüência nacional;* e que tanto é mais nacional esta eloqüência quanto ela participa menos da estranha — passo já a mostrar que, entre todos os nossos escritores, é João de Barros aquele em que mais reluz a eloqüência da língua portuguesa, considerada no seu fundo; e que assim merece Barros ser o escritor de cuja lição mais se aproveitem todos os que aspiram a falar bem a mesma língua.

Falar bem uma língua é dizer o que se tem para dizer, explicando-se cada um pelos termos mais análogos e mais naturais da mesma língua, ou êstes sejam dos que chamam próprios, ou sejam dos que chamam translatícios ou metafóricos.

Além disto requere-se uma tal perspicuidade e uma tal fluidez de estilo, que aquela remova tôda a hesitação na inteligência do que se diz; esta todo o embaraço da leitura.

Ora, começando pelos termos ou vocábulos próprios da língua portuguesa, ¿ quem melhor do que Barros os empregou escrevendo, e escrevendo em tantas matérias?

Tende por certo que tôda aquela naturalidade, formosura e desfastio de dizer,

que ainda hoje tanto admiramos e tanto envejamos, os que lemos por um Lucena, por um Sousa, por um Vieira — tôda essa a aprenderam e tiraram êles de Barros...

(João de Barros, exemplar da mais sólida eloqüência portuguesa, in *Memórias de Lit. da Acad. R. das Sc.,* Tomo IV, Lisboa, 1798, pág. 5 a 7.)

XXXVII

Francisco Manuel do Nascimento

FILINTO ELÍSIO

(1734-1819)

Nós prezamos tão pouco a nossa língua,
Que tão sómente as outras aprendemos,
Em desar da nativa; e a ser-nos dado,
Na francesa escrevêramos, faláramos,
Como já na espanhola, por lisonja
E por louca vaidade, compusemos!

*

A elocução é tudo. Uma sentença
Que tôsca refugais por desagrado,
Se com frase concisa, ornada e culta
Vem ferir n'alma, o ouvido amaciando,
Abalados ficais, ficais absortos,
Namorados da sua formosura.
Que assim a guapa seda, a tela de ouro,
Se mal talhada vem das mãos do mestre,
Perde a gala por geba em seu feitio;

Quando outra, menos rica, mas airosa,
Pelo acêrto e primor do lindo talhe,
Orna o dono, e de aplausos rouba a estreia.

Dar com vozes valor ao pensamento,
Dar-lhe côr, dar-lhe vida, é o grande estudo,
A gran venida de imortais autores.
Que não basta dar pasto são à mente,
Se não vem adubado de bom-gôsto;
E assim é que a verdade cala n'alma,
Louçã co'os atavios da eloqùência,
E assim tambêm resvala dos ouvidos,
Se vem sêca, on ensossa ou mal-trajada.

*

Falemos português brando e sonoro
A Portugueses que entender-nos cabe.
E se espertos me argúem os peraltas
Que as riquezas vocais que assim pretendo
Introduzir, empecem à clareza
Da língua, e que o vulgar dos Portugueses
Não pode súbito abranger o senso
Das vozes clássicas, remotas do uso,
Das novas, das latinas, das compostas,
Mui pachorrento e concho lhes respondo
Que as que hoje estão em uso foram novas,
Tão difíceis então, quanto estas hoje
De serem do vulgar bem entendidas.

Quando o Pombal nas leis punha *apanágio*
Ninguêm soube que enxalmo, que encomenda,
Que bicharoco era *apanágio*. Os mesmos
Letrados se tomavam da tarântula.
Apanágio passou. Hoje é corrente.

¿Qual foi o sapateiro ou curraleira
Que pescou o sentido enrevesado
Em *retraclar, controverter*, em outras,
Da vez primeira que saiu da bôca
Do freguês que lha disse?... Pouco a pouco,
Explicada, prègada, conversada,
Conseguiu ser palavra corriqueira
Quem d'antes era enigma avesso, abstruso.
Tal é o fado das primeiras vozes :
Estranham — Vão entrando — Tomam posse —
Depois ficam de assento — e entre nós casam...
Ei-las parentas já de tôda a lingua.
Assim é que um caminho de pé pôsto
Co' o andar da gente passa a ser estrada.

Como em límpida fonte, em nossos mestres
E nas páginas férteis dos Latinos
Tomem linguagem pura os bons engenhos
Que a colhêr palmas de cloqùência lusa
Inclinam seu propósito e porfia... (1)

---

(1) O pensamento de Francisco Manuel do Nascimento parece ter sido êste : Em matéria de boa linguagem devemos inovar com prudência e discernimento, evitando tanto os barbarismos como os latinismos pedantescos, e procurando tirar do esquecimento os vocábulos expressivos da nossa língua de outrora, que

*

Quando, órfão de bons clássicos, o idioma
Se viu ao desamparo, ao desalinho
De um tropel de ignorantes, todo o rico,
Custoso cabedal, que tinha herdado
Da ânsia de estudo de escritores sábios,
Se esvaiu pelas mãos de ruins tutores.

Um, fastioso de *após*, desfez-se dêle;
Êste espancou *quiçá*, êsse outro *asinha*;
E assim os mais. Foi roupa de Franceses...

Os termos mais enérgicos, mais curtos,
Os mais sonoros, por melindre ou birra,
Foram longe da língua degredados;
E outros foram perdidos por desleixo,
E nós, de avitos bens herdeiros lídimos,
Num património entrámos defraudado
De ouro, padrões, alfaias nu e cru.

*

¿Vistes vós, numa casa onde morreram
Pai e mãe, e mui ricos, mas sem dono

---

ainda mais fácilmente reentrarão no quadro do falar moderno do que nêle se naturalizam e radicam tantas palavras exóticas desnecessárias.

Ficam muitos filhinhos?... Um começa
A descompor gavetas, a abrir cofres,
Dum lenço de cambraia faz zorrague;
Cavalga outro em bengala castão-de-ouro,
Êste um dedal de prata, aquele um diche (1)
De subido valor, pela janela,
Brincando ou descuidado, deita à rua;
Rodam broches e anéis pelo sobrado,
(Preço de muitas lidas)... Sobem logo
Enxames de rapazes con-vizinhos,
Barulheiros, daninhos ou milhafres,
Que bolem, quebram, vasam, pilham, levam,
Ouro, diamantes, louça, doces, fruta;
E uma herança atéli graúda e rica
Pára em mesquinha, mísera pobreza...

Tal da lingua os tesouros se escoaram
Em poder de crianças literárias.

*

Mas muito há que sobejo sério falo,
E o sério me não quadra, e quadra menos
Ao meu assunto e aos caros meus leitores.

Demos que ressuscite (o que hoje é fácil)
Vieira, e ouça falar certos peraltas,
Pregoeiros de afrancesada língua.

---

(1) = *jóia*.

Parece-me que o vejo franzir beiços,
Encrespar o nariz, preguntar logo :
— ¿Quem vos torceu as falas à francesa,
Meus pardais novos de amarelo bico?

PERALTA

Lemos livros de fita, e *é* nesses livros
Que nós *puisamos* o falar à moda,
No mais *charmante* tom, mais *seduisante.*

VIEIRA

¿E quem trouxe essa moda, meus meninos?

PERALTA

Êle é, pois que *exigis* que com *justeza*
Raporte o *renomado chefe,* é êsse o
Tradutor do *Telémaco,* capado,
De sermões vicentinos precedido,
Avan-corrores desta nova escola (1).

Vou-me lá, diz Vieira. Ei-lo que bate
A' porta do Ribeiro, e pede novas
Desta nova eloqüência galo-lusa.

---

(1) O bacharel José Manuel Ribeiro Pereira, tradutor do *Telémaco* de Fénelon em mau português. Êste homem, entendendo que o escritor francês deixara incompleta a sua obra, aumentou-a com mais um volume, que intitulou *Aventuras finais de Telémaco,* etc

VIEIRA

¿Quem prega cá melhor? Quem faz bons versos?

RIBEIRO

Eloqùência, *Monsieur*, tem alto *rango*,
E' o *afere* do dia. Os meus *eleves*
Belos espír'tos, chefes do bom gosto,
Teem dado à linguagem tais *nuanças*,
Que nunca em *golpe de ôlho remarcaram*
Os antigos, na *afrosa* obscuridade...

VIEIRA

¡Pare, pare! senhor, co'o sarrabulho
Dessa frase franduna. Eu fui a França,
Nunca lá me atolei nesses lameiros,
Nunca enroupei a língua portuguesa
Com trapos multicores, gandaiados
Nessa feira da ladra. Os meus Latinos
Me deram sempre o precioso traje
Com que aformosentei a lusa fala...
Com Deus fique, senhor. Tal gíria esconsa,
De ensosso mistifório burdalengo,
Só medra co' êsses tolos que se enfronham
Em língua estranha sem saber a sua,
E dão co' essa mistura a vera efígie
Do apupado, ridículo enxacoco! (1).

---

(1) *Enxacoco* = o que fala mal a língua estrangeira, misturando-lhe palavras da sua.

*
* *

Eis vejo ao longe as duas largas portas
Por onde a corrupção entrou lavrando
No corpo da linguagem portuguesa
E lhe estragou a compleição sadia :

Uma lha abriu Filipe de Castela,
Hipócrita tirano, e não *prudente*,
Quando o Reino, não seu, quando as conquistas,
Com sangue português tão rubricadas,
Mais com oiro usurpou, que com trabucos.

Êle os peitos torceu, té' li altivos,
E a lisonja, que encosta brandamente
A dextra à cerviz dura, a foi curvando,
Té que inteira a baixou ante o tirano.

Medrou logo o desejo de agradar-lhe,
Que fêz beijar-lhe o scetro e a mão de ferro
Que mui pesadamente a carregava.
Nos ânimos soprou alento frouxo,
Banhou os beiços de fagueiras falas,
E as penas embebeu na hispana tinta,
Tanto ao fundo, que as penas esqueceram
Do seu idioma luso a côr nativa,
Para afagar com frases mendigadas
As orelhas dos duros vencedores.

¡Que longe iam correndo do Ferreira
(Bom Ferreira, da nossa língua amigo)
Êsses filhos ingratos, que deixaram
A mui caroável mãe, que de seu leite
Nunca lhes consentiu terem secura,
Para ir buscar em braços de madrasta
Sustento e afagos que ela dava esquivos!
Fastiosos da opulência, requestavam
Pão de esmola a soberbos estranjeiros,
Que escassos, com desdêm ao chão lho deitam.

Se era útil, se era grato o que escreviam,
¿Quem os mal conselhou que deserdassem
Do rendoso, aprazivel património
A pátria natural, o meigo idioma
Que abundante, e grandioso, e brando, e fero,
Entendidos maiores lhe aprestaram?
Que antemão obsequente, oficioso,
Lhes moldara nos lábios infantis
As primeiras palavras carinhosas
Com que do berço os maternais semblantes
Souberam burrifar de almo sorriso,
Por ir (ó ingratidão, ó esquivança)
Estragar com mão pródiga tesouros
Em desdenhosas terras forasteiras?

¡O' desdouros da Pátria! ó inimigos
Da língua em que nascestes, vos criastes,
Da língua a quem deveis todos os lucros
Do saber, do talento e engenho vosso!
¿E esquecê-la pudestes? desprezá-la?
¿Negar-lhe o foro dos caudais estudos?

¿Quem sabe se êsse imérito descuido
Dos bons, que aformosaram vosso idioma,
Se êsse cultivo de estranjeira frase
Não foi a lança mais aguda e forte
Que lhe abriu as feridas mais profundas?
Talvez, se não cessásseis de alinhá-la,
De a alimentar com vosso estudo e lida,
Seria inda hoje aquela que com tanto
Brado se fêz no nundo honrada e altiva.

*

Outro infortúnio prolongou funesto,
Nas lusitanas letras, o prolixo
Marte, que suportámos corajosos
Em nossos braços, por manter no augusto
Sólio o recem-subido soberano
Contra as rapaces mãos usurpadoras
Que anos sessenta, nas espáduas curtas
Do férreo sceptro o conto nos calcaram.
O alvorôto e tumulto que consigo
Trazem brônzeos canhões, roucas bombardas,
Mal convêm co' o remanso de Minerva,
Co' a amena calma das pousadas musas.
Os que Apolo influiu, por Marte o deixam,
Depõem os livros, os broquéis embraçam;
E em lugar dos acentos numerosos (1)

(1) = *cadenciados.*

Com que inclitas ideias se revestem,
Só teem o agudo ouvir aberto à l'arma,
Só teem do irado olhar cravado o lume
Na ardente bala ou carniceira brecha.

¿Quem não vê pois, que em quadras tão esquivas
A lira emmudeceu, parou a pluma,
Emmagreceu a língua, que se nutre
De ócio de vates, de ócio de oradores
Que altiloquos ressoam? No santuário
Das letras, puro e até então guardado
(Nessa hora de atalaias desprovido),
Pelas portas lhe entrou, mal-agourada,
A ignorância ladeada da caterva
Dos erros, das maléficas doutrinas.

As mãos se deram sempre pelo mundo
Êsses dous feios brutos, tragadores
Do engenho, e do primor das boas artes...
Assim foi descuidada e embrutecida
A nossa língua ilustre. Os Portugueses,
Co' a pertinaz tormenta desgarrados
Da bem assinalada antiga esteira,
Perderam o bom tino ao saber puro
Que em eras de Camões, eras de Barros,
Grangeado tinham nos liceus da Europa.

*

¡Loucos, que o tempo esperdiçais sem fruto
Em descompôr da língua o molde e a graça!
Cansai-vos antes em lavrar os campos

Da clássica abastança. Achareis barras
De ouro mais puro e rico, que êsse cobre
Que baixos gandaiais em sujos regos.
Parvos! que enxovalhando com posturas (1).
O formoso carão da pátria língua,
(Formoso inda que antigo, qual a Vénus
De Médicis, antiga e sempre bela)
Cuidais que hão remoçá-la êsses rebiques.
Co' a demão que lhe dais, mui presumidos,
Lhe estragais as feições, tirais-lhe a grave
Majestade, e não sei que brando têrmo
Que inda em anos crescidos bem parece...

*

¿Que homem há aí, tão bronco em nossa história,
Que ignore as perdas que custou à língua
O reinado da insípida ignorância?
Êsse estúpido monstro as fuscas asas
Despregou e cobriu co' elas o Reino;
Tapou o sol, pôs noite nos engenhos,
Bafejou anagramas, forçou glosas,
Inçou de ocos conceitos predicáveis
Os púlpitos; e as aulas, de sofismas;
E degradou a língua de nobreza,
Despindo-a de afouteza e bizarria.

(1) = *posliços.*

*

¡Sacudamos das falas, dos escritos,
Tôda a frase estranjeira, e frandulagem
Dessa tinha, que comichona afeia
O gesto airoso do idioma luso!
Quero dar que em francês haja formosas
Expressões curtas, frases elegantes;
Mas índoles dif'rentes têm as linguas;
Nem tôda a frase a tôda a língua ajusta.

*

Se por fôrça de fado, ou por penúria,
Forçados somos a espremer dos livros
Franceses o alimento das sciências;
Se, como na palestra (1) empoeirada,
Vamos lutar contra a ignorância bruta
No ginásio francês, tomemos o uso
Dos antigos atletas, que ao saírem
Do pugilato ou férvida carreira,
A poeira dos fatos sacudiam
E, banhando-se em líquidas correntes
Do Ilisso (que ali perto com sereno
Passeio alegra as margens estudiosas)
Os corpos asseavam diligentes.

(1) Lugar onde lutavam os atletas.

Assim vi sempre o literato Erilo.
Depois de revolver francês volume,
Desempoar-se da estranjeira frase
Co' espanador de Barros ou Vieira.

(*Da Arte Poética, Parnaso Lusitano,*
Paris, 1826, pág. 69 e ss.)

XXXVIII

António das Neves Pereira

(† 1818)

NÃO se perdem os vocábulos pela muita freqùência do seu uso, antes esta é a que mais os fixa e estabelece. Não são êles, como alguns dizem, como a moeda, que pelo muito manejo se desgasta e faz safada; símil falso, e mal aplicado a êste propósito.

A interrupção do uso dos vocábulos essa é a mais verdadeira causa que os faz degenerar, perder o seu lustre e estimação, até finalmente ficarem em esquecimento.

De outra sorte, se só o muito uso pudesse aviltar as palavras, já hoje não teríamos nem as palavras *sol*, *planta*, *luz*, *flor*, etc., tão cotidianas e ordinárias. Tôdas teriam caído em baixeza, tendo durado tantos séculos desde que há Portugueses e Monar-

quia, tendo primeiro nascido em outras línguas, onde fizeram muitos serviços.

Mas, se uma parte dos têrmos se julgam baixos, só por serem anciãos e desusados, outros há cujo uso se perde, não por alguma real vileza que nêles haja, mas sim por uma ideia fantâstica de vileza, que os homens lhes imputam.

Vê o povo que os doutos, nos livros que escrevem, e a gente polida na sua conversação, misturam certos termos mais exquisitos do que os que lhe são mais familiares : ou seja por escolha, por serem os mais adequados ao seu pensamento e à matéria de que tratam; ou fortuitamente, porque êsses primeiro lhes ocorrem, sem serem talvez melhores que outros correntes.

Mas, como os idiotas sempre supõem que a gente instruída tem razão para falar melhor que êles, levados ou da curiosidade de falar bem, ou da vaidade de quererem disputar aos sábios o primor de falar, como aos ricos disputam às vezes o de vestir e galear, usurpam-lhes as palavras de que êles usam, correm essas palavras com preferência, e os mesmos idiotas, tornando-se críticos da língua

mais importunos, fácilmente desdenham das que deixaram — e brevemente se perde o seu uso.

Nem isto é uma suposição quimérica, mas verdade deduzida da experiência. Viam-se antigamente até os barbeiros e escudeiros falar latim em português, porque ouviam clérigos e letrados, que usavam de palavras alatinadas, com que se haviam familiarizado pelo comércio dos livros, as quais às vezes não eram melhores, nem de maior valor, que as familiares de que usa o comum. Hoje vemos outros tais falar francês em português, porque as pessoas com quem tratam, pela lição de livros franceses ou de traduções afrancesadas, teem contraído o hábito de empregar nos discursos que fazem, as palavras daquele idioma, que lhes ficam ligadas às ideias. E as palavras próprias do nosso idioma, de que usaram louvávelmente os nossos avós — essas expressões enérgicas autorizadas nos bons escritos de Sousa, Andrade, Vieira, e outros dêste merecimento — vão perdendo fortuna, sem outra causa mais que a novidade das substituídas, o gôsto extravagante dos que as introduzem, e a leveza dos que as seguem.

De maneira que, se alguma vez aparecem, já os mancebos lhes chamam góticas, rançosas — e as desprezam por baixas e rasteiras.

(Do *Ensaio crítico sôbre qual seja o uso prudente das palavras*, etc., in *Memórias de lit. port.*, Tomo IV, Lisboa, 1793 pág. 389.)

XXXIX

José Agostinho de Macedo

(1761-1831)

Algumas horas tenho dado ao seu estudo (da língua portuguesa); e por êste estudo, contínua observação, e comparação que dela faço com os idiomas mortos e com os idiomas vivos, tenho resolvido para comigo que é a mais rica, mais forte, a mais enérgica, enfática e harmoniosa de tôdas as línguas, ou na oração sôlta, ou na ligada...

Êsses energúmenos dos Quatro Poderes (1), assim como estragaram e delapidaram tudo o que era rico e era tesouro neste Reino, assim também arruinaram o tesouro da língua, conservado, e sempre aumentado e enriquecido pelos Frades. ¿Quem, senão êstes flibusteiros, introduziu êste malvado Neologismo Constitucional, que me tinge as faces de vergonha, tôdas

---

(1) Os constitucionais, ou liberais.

as vezes que com êle topo nessas nojentas arengas do Augusto Salão (1)?

Os galicismos introduzidos na língua, e acrescidos por quem os pretendeu expungir, e que os maus mestres e tradutores do francês para cá nos acarretaram, desafiavam o riso aos homens sisudos, e que se não deixavam contaminar, tendo a devoção de lerem todos os dias, ao levantar da cama, uma ou duas páginas dos nossos bons livros portugueses, único preservativo contra a peste francesa.

Os tradutores de novelas, os tradutores de sermões, e os arquitectores dos Quatro Poderes, que também são servís tradutores, não só estragaram, mas empobreceram a língua portuguesa. Se não existissem livros compostos por frades, em que o tesouro está conservado, dentro em pouco podíamos dizer:

— Ora morreu a língua portuguesa, e não descansa em paz.

Ainda que os frades não tivessem feito outros relevantes serviços a Portugal, bastaria êste para penhorar eternamente a nossa gratidão.

---

(1) A sala das sessões da Câmara dos Deputados.

Até o reinado de el-rei D. Afonso V não podemos dizer que havia um tipo perfeito da nossa língua, e, se o havia, não aparecia. Vejo em Duarte Galvão, em Rui de Pina, em Fernão Lopes, que a cada passo são citadas as crónicas antigas. Tudo isto desapareceu, e muito antigas são, porque já lhes chamam antigas êstes nossos antigos historiadores.

Os nossos actuais pergaminheiros nunca acharam, entre a poeirada dos cartórios dos frades e mais das freiras, um monumento de literatura, um trôço de história seguida, anterior a D. Afonso V, que nos possa dar a conhecer algum aperfeiçoamento da língua, anterior ao reinado dêste grande monarca.

Os pergaminheiros nos carregam, nos sufocam, nos matam, com escrituras de compras, de vendas, de escambos, de legados e doações, que para a língua de nada servem : tudo são obras dos mestres tabeliães daquelas idades, ou em latim chacoco (1), ou em português galego, e cada

(1) *Chacoco* ou *enckacoco* = *errado*. Hoje diz-se vulgarmente *latim macarrónico*.

qual de seu feitio. Apenas servem para glossários de palavras, deixando-nos em jejum sôbre a significação de muitas.

Sem os frades aparecerem não fazíamos nada, nem se podiam marcar épocas fixas na história da opulentíssima língua portuguesa. Apareceu um frade e, podemos dizer, aqui começou a ter consistência e vida a língua portuguesa. Frei Bernardo de Alcobaça começou a escrever no reinado de D. Afonso V, e acaba no comêço do reinado de seu filho D. João II, a quem oferece a sua *Vida de Cristo*, traduzida do latim de Ludolfo de Saxónia. Êste é o grande e primeiro livro em português, e a edição *in folio* é cousa sobêrba, não só para aquele tempo, mas para o presente. E ainda então não contava muitos anos o feliz, ou funesto, achado da Imprensa: (grandes males trouxe à Terra, e nenhum maior que os *Diários das Côrtes)*...

(*Os Frades*, ou *Reflexões Philosophicas sôbre as corporações regulares*, Lisboa, Impressão Régia 1830, pág. 62 e ss.)

XL

Cardial Saraiva

FREI FRANCISCO DE S. LUIS

(1766-1845)

NOTA-SE em quási tôdas as nossas traduções, e ainda em muitas das obras originais modernamente escritas, um certo *pensar francês;* o qual, ainda mais que os vocábulos ou frases individualmente consideradas, altera a forma original do idioma, e lhe dá um colorido estranjeiro e alheio da sua natureza.

Êste *pensar francês*, que melhor se entende do que se explica, não resulta de um ou outro galicismo que indevidamente se haja introduzido, e que com facilidade se pode corrigir e evitar; mas consiste em tomarmos do francês um modo particular de tecer o discurso, e um certo ar, jeito, ou estilo de falar e escrever, que é próprio daquela língua e que não conforma

com a índole, génio e carácter da língua portuguesa.

Um só remédio propomos e recomendamos aos nossos leitores, o qual consiste na assídua lição dos clássicos que melhor possuíram a nossa língua e nela escreveram. Nêles acharão um tesouro de vocábulos e frases com que possam exprimir não só exactamente, mas até com desenfastiada e elegante variedade, as suas ideias e conceitos, sem mendigarem dos estranhos o que teem de superabundância na sua própria pátria. Nêles aprenderão a maneira verdadeiramente portuguesa de tecer o discurso, de ordenar e arranjar tôdas as partes dêle, e de ornamentá-lo com aquelas graças e modos graves e desafectados que são próprios do idioma, e que o fazem igual aos melhores da Europa, e superior a alguns dos mais copiosos e polidos.

(Prefacção do *Glossário das palavras e frases da língua francesa que por descuido, ignorância ou necessidade se teem introduzido na locução portuguesa moderna*, etc., Lisboa, Imprensa Nacional, 1878.)

XLI

António Feliciano de Castilho

(1800-1875)

A linguagem que êle *(o padre Manuel Bernardes)* deixou pesa e vale o dôbro da que êle achou. ¿E quereis agora saber donde tirou esta riqueza de matéria prima para o seu feiticeiro estilo? Dir-vo-lo hemos, e provar-vo-lo-iamos sem dificuldade. Foi, antes de tudo, do latim, estudados a fundo e com filosófica análise os seus autores; depois, do castelhano puro; últimamente, do italiano; que são, e não o francês, os vizinhos do pé da porta de que a nossa língua se pode valer para uma pressa, sem se envergonhar; porque além de vizinhos são irmãos, que parte grande do seu património o trazem ainda hoje em comum com o nosso. Tanto assim que para sair escritor asseado, terso, elegante e bem recebido

por nossas províncias tôdas, de doutos e indoutos, de letrados e rústicos, mais seguro e eficaz seria ajuntar à leitura dos nossos clássicos e dos latinos, a de Cervantes e Santa Teresa de Jesus, a de Bocácio e Ariosto, que a disso, quási tudo, que por aí sai dos nossos prelos, verdadeiros lagares em que se mói a nacionalidade para a água russa (1).

Bem entendido que êste conselho não pode ser para todos, senão só para os que já estão imbuídos da vernaculidade. Os outros, tomando tudo a esmo, se precipitariam noutro caos de nova espécie; estes pasceriam com o instinto das abelhas, que em tôdas as flores pousam e só daquelas sequestram em que acham sucos assimiláveis ao seu mel.

Á clareza, que já é de si parte e princípio de elegância, acede elegância mais formal e positiva, nascida da racional e artística distribuição dos vocábulos entre si. Não basta que os termos correspondam às ideias, como para um baile ser gracioso

(1) *Água ruça:* que se dissora da azeitona antes de se moer. (Morais, *Dicionário.*)

não basta vestir convenientemente os dansantes, senão que é indispensavel fazê-los subir ao tablado a seus tempos, e distribuí-los em relação uns a outros, e todos ao espectador, com bom cálculo e sem nunca perder de vista o que a sua pantomima tem de significar. Nisto levava a nossa língua, em-quanto a estudávamos nela mesma, na latina, na castelhana e na italiana, uma vantagem manifesta ao que hoje é, depois que a espartilharam e tolheram à francesa. Meteram-nos nas talas do agente, verbo e paciente, e ficaram muito contentes; cuidaram e cuidam terem metido uma lança em África, dizendo à bôca cheia : « *Melhor é esta ordem, que é mais clara.* »

Não; esta aparente ordem nem isso de ser mais clara tem por si, porque em muitos casos, e em quási todos, é um desarranjo, ou da filiação e concomitância das ideias, ou de imagens que, por outro modo dispostas, poderiam causar impressão mais profunda e duradoura; é um sacrifício de entidades lógicas e retóricas, feito aos pés de um ídolozinho com capa de carneira, chamado por cortesia *a gramática.*

Bem ao contrário de envejarmos ao

francês essa pobreza, sentida e deplorada por Laharpe, por Voltaire, por Fénelon, por Lamothe, por todos, e já de facto repugnada muitas vezes por Vítor Hugo, Sainte-Beuve e alguns outros, devêramos envejar, como todos os Franceses de siso, a liberdade de hipérbaton em que os Italianos nos excedem, e em que os Latinos excedem aos Italianos, tanto como aos Franceses excedemos nós outros, boa gente do velho Portugal.

A língua alemã, declaram todos os que a sabem, não é só mais poética do que a francesa, pelas palavras que possui, mas sobretudo pela facilidade que a sua sintaxe lhes dá, de as distribuírem segundo melhor lhes convêm para o efeito pitórico, dramático ou persuasivo, do pensamento.

Quem tem a fortuna de falar, como nós, uma língua aberta e franca, de sons perceptíveis, distintos e claros, de agudos, graves e exdrúxulos nas convenientes proporções, sem demasia de vogais que a enervem, como o italiano; sem tropel de consoantes que a endureçam e arripiem como o inglês, tem licença, antes obrigação, de fazer dela um instrumento músico até na prosa. Ora,

que a prosa pode ter ou deixar de ter número e ritmo como o verso, só o ignora quem ignora tudo.

(*Livraria Clássica*, II, *Bernardes*, II. Rio de Janeiro 1865. pág. 298 e ss.)

XLII

José Inácio Roquete

(1801-1870)

Acontece quási sempre que, tendo adquirido nas aulas e liceus, nas academias e escolas superiores, mui avultados conhecimentos das línguas estranhas, antigas e modernas, achamo-nos por extremo pobres dos conhecimentos da nossa, que falamos só por a ouvir falar, e talvez com os erros vulgares a que não atendemos, ou que por ventura defendemos, só porque os bebemos com o leite, e ninguêm dêles nos advertiu.

Acontece mais que, familiarizados com as belezas das outras línguas, e não tendo nenhuma notícia das da nossa, a acusamos de imperfeita e de pobre, e por ventura a desprezamos, sendo que a imperfeição e a pobreza estão em nós e não nela, e devêramos começar por bem aprendê-la,

para a compararmos com as outras; e então conheceríamos nossa injustiça, e fariamos dela o bem merecido aprêço que fizeram Camões e Vieira.

Também acontece que muitos, grandes admiradores da língua em que tantos poetas cantaram os heróicos feitos nacionais, e justos apreciadores de suas belezas póeticas, desdenham dar-se ao estudo de seu mecanismo gramatical, e não se acham bem providos dum sem-número de expressões elegantes e formosas, de que abundam nossos bons escritores, e que uma educação incompleta não soube dar-lhes.

Para obviar a estes inconvenientes um só meio há, mas seguro e eficaz, o qual consiste em fazer aprender de cór aos meninos, desde seus primeiros anos, os lugares mais notáveis de nossos bons autores, mórmente dos poetas, para dêste modo se familiarizarem com a boa linguagem de seus maiores, e não ficarem, por assim dizer, estranhos em sua própria terra.

(*Ornamentos da memória, etc.*, Paris, 1869, *Prólogo.*)

XLIII

Almeida Garrett

(1799-1854)

A LÍNGUA e a poesia portuguesa (bem como as outras tôdas) nasceram gémeas, e se criaram ao mesmo tempo. Êrro é comum, e geral mesmo entre nacionais, pela maior parte pouco versados em nossas coisas, o pensar que a língua portuguesa é um dialecto da castelhana, ou espanhola, segundo hoje inexactamente se diz.

Ninguêm ignora hoje que o provençal foi a primeira que entre as línguas modernas se cultivou, mas que por sua breve dura não chegou nunca à perfeição. Das nações da Espanha, as mais vizinhas àquele crepúsculo de civilização primeiro melhoraram a sua linguagem; mas tambêm lhes coube igual sorte : nunca de todo se puliram. O castelhano e o português, que

mais tarde se cultivaram, permaneceram pelo sabido motivo da conservação da independência nacional, e vieram a completo estado de perfeição e carácter cabal de línguas cultas e civilizadas. O biscaínho, catalão, galego, aragonês, castelhano, português e outras mais, foram, e são ainda alguns, distintos idiomas : porêm só os dois últimos tiveram literatura própria e perfeita, linguagem comum e scientífica, tudo em-fim quanto constitui e caracteriza (se é lícita a expressão) a independência de uma língua.

Grande semelhança há entre o português e o castelhano. Nem podia ser menos, quando suas capitais origens são as mesmas e comuns; porêm tão parecidas como são, pelas raízes de derivação, no modo, no sistema dessas mesmas derivações, na combinação e amálgama de idênticas substâncias e princípios, se vê todavia que diversos agentes entraram e mui variado foi o resultado que a cada uma proveio. Filhas dos mesmos pais, diversamente educadas, distintas feições — vário génio, porte e ademan tiveram; há contudo nas feições de ambas aquele AR DE FAMÍLIA que à primeira vista se colhe.

Êste ar de família enganou os estranjeiros, que, sem mais profundar, decidiram logo que o português não era língua própria. Êsse achaque de decidir afoitamente de tudo, é velho; sobretudo entre Franceses, que são o povo do mundo entre o qual (por filáucia, de-certo) menos conhecimento há das alheias coisas.

Sem dúvida é que a língua portuguesa começou com seus trovadores, únicos, no meio do estrépido de armas, que algum tal qual cultivo lhe podiam dar; e provável é que assim fôsse com pouco melhoramento até os tempos de el-rei D. Denis, que no remanso da paz do seu reinado protegeu e animou as letras, que êle próprio cultivou também.

D. João I, o eleito do povo e o mais nacional de todos os nossos reis, deu ao idioma pátrio valente impulso, mandando usar dêle em todos os actos e instrumentos públicos, que até então se faziam em latim. Foi esta lei carta de alforria e de cidade para a língua, que até ali vivera escrava da dominação latina, a qual sobrevivera não só ao Império Romano, mas a tantas conquistas e reconquistas de tão desvairados povos.

Aqui se deve pôr a data da verdadeira aurora das letras em Portugal, que, por singular fenómeno, pouco visto entre outros povos, raiou ao mesmo tempo com a das sciências; por maneira que, quando o romântico alaúde de nossas musas começava a dar mais afinados sons, e a subir mais alto que o até ali conhecido, as sciências e as artes cresciam a ponto de espantar a Europa, mudar a face do mundo e alterar o sistema do universo.

Desde então até a morte de el-rei D. Manuel tudo foi crescer em Portugal : artes, sciências, comércio, riqueza, virtudes, espírito nacional...

*
* *

Com a morte de D. Manuel declinou visìvelmente a fortuna portuguesa : certo é que as artes progrediram, que a língua se aperfeiçoou; porêm êsse movimento era continuado ainda de impulso anterior e já não prometia longa dura. Assim sucedeu. D. João III colheu os frutos que D. Manuel havia semeado; mas, de lavras suas, nem êle nem seus sucessores viram colheita.

Uma coisa todavia que muita influência teve sôbre a língua e literatura portuguesa, e que a instituições de D. João III se deve, foi o cultivo das línguas clássicas, que na reformação da universidade de Coimbra aumentou muito. Os modelos gregos e romanos foram então versados de tôdas as mãos, estudados, traduzidos, imitados. Aperfeiçoou-se a língua, enriqueceu-se, adquiriu aquela solenidade clássica que a distingue de tôdas as outras vivas; seus períodos se arredondaram ao modo latino, suas vozes tomaram muito da eufonia grega; de um e de outro dêsses idiomas lhe vieram as muitas figuras, e principalmente da grega os muitos hipérbatos : com o que vai rica, livre e majestosa por tôdas as províncias da literatura que tem decorrido; não havendo aí género de composição para o qual, ou por doce de mais, como o toscano, não seja própria, — ou por mui áspera e guindada, como o castelhano, se não adapte — por curta como o francês não chegue — por inflexível e ríspida como o alemão e inglês se não amolde...

*
* *

À volta dêste tempo *(Sexta época, século XVIII)* se fundou a Academia das Sciências de Lisboa pelos generosos esforços do duque de Lafões. Êste corpo scientífico, de quem tão bem se augurou para a língua e literatura nacional, nem fêz tudo o que dêle se esperava, nem uma parte mui pequena do que podia e lhe cumpria fazer : mas nem foi inútil, nem, como alguns teem querido, prejudicial. E todavia sua fôrça moral não foi bastante para vencer um mal terrível, que já no tempo de sua criação se manifestava, mas que depois cresceu e avultou a ponto, que veio a tornar-se quási indestrutível.

Êste mal foi a *galo-mania* que, sôbre perverter o carácter da nação, de todo perdeu e acabou com a já combalida linguagem : frases bárbaras repugnantes à índole do idioma; termos híbridos, locuções arrastadas, sem elegância, formaram a algaravia da moda, e prestes invadiram tôdas as províncias das letras. Estudar a língua materna, como aquela em que falamos e escrevemos, é dos mais difíceis estudos, há mester longa e porfiada aplicação. ¡ Que

bela invenção para a ignorância e para a preguiça não foi esta nova linguagem mascavada e de furta-côres, que todos podiam saber sem fadiga, cujas léis cada um modelava e arbitrava a seu modo, alterava a seu sabor, com tão plena liberdade de consciência! Foi a religião de Mafoma: propagou-a a incontinência, a soltura, o desenfreio do apetite. Desprezaram-se os clássicos; apodaram-se de ignorantes, de rançosos; e os que não ousavam, por algum resto de vergonha, desacatar assim as honradas cans dos nossos mestres, saíram então com o banal e ridículo pretexto de que ninguêm podia lê-los, pelas matérias que tratavam: que tudo eram sermões, vidas de santos, histórias de conventos, de frades. ¡Vergonhosa desculpa! ¿Com que, as *Décadas* de Barros, que foi talvez o primeiro que introduziu com feliz execução o estilo clássico na história moderna, são crónicas de conventos? ¿Fernão Mendes Pinto, o primeiro Europeu que escreveu uma viagem regular da China e dos extremos da Ásia, são vidas de santos? E dessas mesmas vidas de santos ¡quantas delas são de sumo interêsse, divertida e profícua leitura!

A *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires* tem tôda a valia das mais gabadas memórias históricas de que hoje anda cheia a Europa, e que ninguêm taxou ainda de pouco interessantes. Quando outra coisa não contivesse aquele excelente livro senão a narração do concílio de Trento, a viagem e estada do Arcebispo em Roma, já êle seria uma das mais curiosas e importantes obras do século XVI. E D. Francisco Manuel de Melo, e Rodrigues Lobo, e Camões, e grande cópia de poetas de todos os géneros — ¿tudo isso são sermonários, vidas de santos?

Miséria é que o geral dos Portugueses jurou nas palavras de quatro peralvilhos que essas calúnias apregoavam : passou em julgado que os clássicos se não podiam ler, e ninguêm mais quis tomar o trabalho, nem sequer de examinar se sim ou não assim era...

(*Bosquejo da história da poesia e lingua portuguesa*, I, II, III e VII.)

XLIV

Alexandre Herculano

(1810-1877)

Tão raros ou tão pouco lidos andam os antigos escritores portugueses, que muitas pessoas há, não de todo hóspedes nas letras, que apenas de nome os conhecem, e freqùentes vezes nem de nome.

Grave mal, por certo, e mui de lamentar, é tal e tão ingrato desamor àqueles que assim lidaram em suas doutas vigílias, ou para nos transmitirem as heróicas façanhas de nossos antepassados, ou para nos doutrinarem com virtuosos conselhos, ou para nos consolarem com um brado de poesia de mais singelas eras, ou, finalmente, para nos herdarem sua sciência; que muita e boa a tiveram.

Assustam os livros pesados e volumosos do tempo passado as almas débeis

da geração presente: a aspereza e severidade do estilo e linguagem de nossos velhos escritores ofende o paladar mimoso dos afeitos ao polido e suave dos livros franceses. Sabemos assim quais são os documentos em que estribam glórias alheias: ignoramos quais sejam os da própria; ou, se os conhecemos, é porque estranhos no-los apontam, viciando-os quási sempre.

Sintoma terrível da decadência de uma nação é êste; porque o é da decadência da nacionalidade, a pior de tôdas; porque tal sintoma só aparece no corpo social quando êste está a ponto de dissolver-se, ou quando um despotismo ferrenho pôs os homens ao lível dos brutos.

Desenterra a Alemanha do pó dos cartórios e bibliotecas seus velhos *chronicons*, seus poemas dos Nibelungos e Minnesingers; os escritores encarnam na poesia, no drama e na novela actual as tradições populares, as antigas glórias germânicas, e os costumes e opiniões que foram. O mesmo fazem a Inglaterra de hoje à velha Inglaterra, e a França de hoje à velha França; os povos do Norte saúdam o Edda e as Sagas da Irlanda, e interrogam

com religioso respeito as pedras rúnicas, cobertas de musgos e sumidas no âmago das selvas; tôdas as nações, em-fim, querem alimentar-se e viver da própria substância.

¿E nós? ¿Reimprimimos os nossos *chronicons?* Publicamos os nossos numerosos inéditos? Estudamos os monumentos, as léis, os usos, as crenças, os livros herdados de avoengos?

Não. Vamos todos os dias às lojas dos livreiros saber se chegou alguma nova sem-saboria de Paulo de Kock; alguma exageração noveleira do pseudónimo Michel Massan; algum libelo anti-social de Lamennais. Depois, corremos a derrubar monumentos, a converter em latrinas ou tabernas os lugares consagrados pela história ou pela religião.

E depois, se vos perguntarem de que nação sois, respondereis:

— Portugueses!

Calai-vos; que mentis desfaçadamente.

(Controvérsias e estudos históricos, Tomo II, pág. 3.)

XLV

José Silvestre Ribeiro

(1807-1891)

No que toca à BREVIDADE da língua portuguesa, talvez se possa dizer com Fr. Bernardo de Brito, que ENTRE AS MAIS É A QUE EM MENOS PALAVRAS DESCÔBRE MORES CONCEITOS, E A QUE COM MENOS RODEIOS E MAIS GRAVES TERMOS DÁ NO PONTO DA VERDADE. Severim de Faria cita em demonstração os seguintes versos, em que o poeta pretendeu pintar a *pressa:*

Bem qual onda de mar, na sêca areia
Se desfaz num momento,
Qual leve pensamento,
Que os sentidos de noite senhoreia,
Ou qual flor, que na manhã se arreia
Tôda de esmalte verde,
E logo fôlha e graça à tarde perde...

ONDE, diz êle, EM SETE REGRAS SE DESCREVEM TRÊS COMPARAÇÕES COM TODO O ORNAMENTO POÉTICO.

Não podia neste ponto escapar à lembrança do douto Severim o sentencioso e breve dizer do grande Sá de Miranda; e com efeito cita-o com elogio, como era de razão, sem contudo transcrever um só dos muitos exemplos que pudera apresentar. Eu, porêm, não posso resistir à tentação de lançar aqui alguns trechos daquele famoso poeta-filósofo.

¿Quereis ver um modêlo de concisão, e ao mesmo tempo de agradável singeleza no contar? Lêde o soneto 31 :

. . . . . .

Farei como já fêz um inocente,
Um rústico pastor d'entre as manadas,
Que d'água ofereceu por mãos lavadas
A Xerxes. Bebeu êle, e santamente
Jurou que não bebera té o presente
Com tal sabor por copas d'ouro obradas.

E na carta 7.ª :

Bem sabeis vós, senhora, o que se escreve
De dois pintores nobres à porfia,
Em que cada um vencer o outro se atreve.
Frutas pintou um dêles, que de dia
Vinham as aves comer. Outro dum véu
Pintado fêz, que a sua obra escondia.
¡ Vêde quanto a arte pode ! Não valeu
Ali vista e saber : o véu de diante

Mandava alevantar o que perdeu.
Diz ledo o vencedor : — Foste bastante
A enganar aves. ¡ Que vitória a minha,
Enganando um pintor tão pôsto avante!

¿Quereis admirar uma sublime brevidade de exprimir o pensamento? Lêde os seguintes trechos :

Tirania cruel, áspera lei,
Que assim quer o que quer. ¿Brava opinião
Abasta? ¿Assim me apraz, assim mandei?

(Carta 7.ª.)

Os momos, os serões de Portugal,
Tão falados no mundo onde são idos
E as graças temperadas de seu sal.

(Carta 6.ª.)

O' ricos, que esta riqueza
Está no contentamento.
Mais tem quem mais a despreza.
Não foge o rico avarento,
Por mais que fuja, à pobreza.

(Carta 6.ª.)

Olhe cada um por si :
O bem não é como tinha,
Não se apega tão asinha;
O mal, pode ser que si...

(Égloga 8.ª.)

Seria um nunca acabar, se quisesse transcrever aqui maior número de exemplos tirados do nosso bom poeta, para demonstrar até que grau de brevidade pode chegar a expressão da língua portuguesa.

... Cumpre agora fazer uma ponderação que poderá ser útil às pessoas que estiverem menos versadas no conhecimento da literatura geral; e vem a ser:

O que acima se diz em louvor da nossa língua, e o muito que a êste respeito escreveram os autores de que brevemente apresentarei o catálogo, deve ser lido e considerado com a devida reflexão e reserva, por maneira que não venhamos a formar juízo desfavorável das demais línguas, acreditando, menos avisadamente, que só a nossa possui excelentes qualidades. As línguas, ainda as mais desfavorecidas, são um ótimo instrumento de dicção e de estilo, quando êsse instrumento é manejado por escritor de génio. Se a língua francesa, no meio dos singulares dotes que a enriquecem, é na verdade monótona, note-se todavia como se torna admirável quando, por exemplo, M. de Lamartine, em uma das suas « Harmonias poéticas e

religiosas », LE ROSSIGNOL, rompe nestes acentos arrebatadores :

Quand ta voix céleste prélude
Aux silences des belles nuits,
Barde ailé de ma solitude,
Tu ne sais pas que je te suis !

Tu ne sais pas que mon oreille,
Suspendue à ta douce voix,
De l'harmonieuse merveille
S'énivre longtemps sous les bois !

Tu ne sais pas que mon haleine
Sur mes lèvres n'ose passer,
Que mon pied muet foule à peine
La feuille qu'il craint de froisser !

E' breve no dizer a nossa língua, mas ¿quanto não admiraremos sempre a nervosa concisão da latina? *Ubi solitudinem faciunt, pacem appellant. — Oderint dum metuant. — Non ignara mali miseris succurrere disco. — Bene qui latuit, bene vixit*, etc., etc.

Temos, e ainda bem, alguns termos que outros povos nos envejam : SAUDADE, BONINA, PRIMOR, MAVIOSO, etc.; ¿mas quantos nos faltam dos muitos enérgicos e quási intraduzíveis de outras línguas?

Sou obrigado a correr veloz; mas basta êste leve reparo para que se evite a exageração no modo de encarar as cousas neste particular. Estudemos profundamente a nossa língua, e cada vez compreenderemos mais o entusiasmo que inspirou os seguintes versos :

Floresça, fale, cante, oiça-se e viva
A portuguesa língua; e já onde fôr,
Senhora vá de si, sobêrba e altiva.

Mas, ao mesmo tempo, compreenderemos a necessidade de não sair dos verdadeiros limites da admiração.

(*Primeiros traços duma resenha da literatura portuguesa* Tomo I, Lisboa, 1853, Título III, Cap. I.)

XLVI

Camilo Castelo Branco

(1826-1890)

A velha legislação da linguística estremadamentel usa dos Sousas, e Bernardes, e Filintos, foi derrogada a par e passo que as ideias de coisas novas, multiplicadas, se sentiam cativas e inexpressáveis no agorentado círculo da velha sciência, da velha arte, e dos acanhados panoramas da vida antiga. Tudo já agora nos move a indulgenciar a contextura afrancesada da frase indígena, porque insensívelmente e contra vontade nos surpreendemos a pensar em francês, pelo reflexo dos livros elementares da nossa educação literária e da nossa convivência intelectual e recreativa com Franceses. O termo *galicismo*, êste monstro, está a ser fechado no arquivo das caturreiras arqueológicas de alguns castiços vete-

ranos, adidos ao paládio dos quinhentistas. Não são êsses, todavia, os que hão-de aligar ao oiro puro da dicção portuguesa a contribuição de vocábulos que a opulentem e equiparem às linguagens de que de dia em dia auferimos a nomenclatura das artes, das sciências, dos ofícios. Afora isso, a literatura própriamente dita, como o drama, a novela contemporânea, para que sejam do seu tempo, carecem de ferir a nota moderna, a palavra peregrina, de sabor estranho, picante, onomatopaica, para que se faça bem exprimir o nosso cosmopolitismo psicológico.

(Prefácio do *Grande dicionário contemporâneo francês-português*, de Domingos de Azevedo, Lisboa, 1887.)

XLVII

João de Deus

(1836-1896)

O que é o verso e a rima? ¿E' uma nova língua? ¿E' uma nova sintaxe?... Não há duas línguas num povo, nem duas sintaxes numa língua.

O verdadeiro verso rimado é o que respeita profundamente o tesouro público da língua nos seus elementos e combinações estabelecidas; não vive à custa da ordem, da propriedade e da clareza, devida ao *espírito*, que está em primeiro lugar; não acrescenta nem tira nada: fala como se costuma falar, diz o que se deve dizer; e, *sem a mais pequena diferença da linguagem usual, a sua é compassada e harmónica.* Êste verso não é moda: funda-se na natureza das cousas, e há-de durar em-quanto o homem tiver pernas e ouvidos.

(*Prosas*, Lisboa, 1898, pag. 49, Carta a Alberto Teles.)

XLVIII

Júlio de Castilho

(1840-1919)

Foi Sá de Miranda quem, por um esfôrço de talento de que em idades subsequentes, e cultas como a nossa, pouca ideia pode ter-se, esculpiu as primeiras formas plásticas da língua; foi êle quem, lutando contra a geral corrente, que então arrastava os poetas a escreverem em latim (de problemática pureza muitas vezes) ousou escrever em português, ousou pensar em português.

Foi êle o primeiro — diz o editor de António Ferreira — *que, com a singular brandura dos seus Versos Lusitanos, começou a mostrar o descuido dos passados, e que esta língua é capaz de nela se cantarem damas, capitães e emperadores.*

Enchem-nos de gratidão os serviços dêsse iniciador, cujo estudo oferece uma

das mais brilhantes páginas ao livro da nossa história.

Depois de Miranda apareceu no mundo outro espírito bem-fadado de Deus, outra alma nobre e predestinada : António Ferreira.

Nos seus primeiros anos apareceram-lhe os versos de Miranda a apontar-lhe o trilho da linguagem vernácula, e a estremá-lo da grei dos latinizantes por ofício.

A paixão de Ferreira pela língua latina era bem mais sensata que a de muitos seus contemporâneos e antecessores.

O que lhes valia, a êsses abençoados maníacos, é que então era o latim cultivado em tôda a parte; tornara-se elegante o sabê-lo; desprezava-se o português para fazer versos e prosa em latim; deixava-se até esquecer o vernáculo, para não contaminar com o mau espírito de uma língua viva aquele venerando cadáver mumificado e solene.

Dêsses tais dizia o Ferreira, no auge do pasmo :

Com mágoa o cuido, ah! com mágoa o digo
¡Como um povo, em seu bem sempre constante,
Veio assim ser da sua língua imigo!

Mas os que em Portugal assim andavam aduziam bons exemplos de estranjeiros, para quem o trato das recêm-desenterradas musas gregas e romanas era entusiasmo, era culto, era adoração... Foi por tôda a parte um delírio. Entre nós recalcou-se o pobre português, que princípiava a florir, e que já sob a pena sisuda de Fernão Lopes tinha ido granjeando seus foros de fidalguia. ¿E que valia a língua pátria? a língua vulgaríssima dos mercadores da Ribeira Velha, dos fabricantes de *aitos*, dos ratinhos tisnados do sol, dos aventureiros da Índia? ¡O português! ¿Que monta o português? ¡Viva o latim, a língua dos sábios, a língua dos forais, a língua da Bíblia, a língua de Sannazaro e Fracastor, nossos contemporâneos! ¡Viva pois o latim!

E era necessário isso; tôda essa exageração foi salutar, indispensável. Dela saíram robustas e aguerridas as línguas modernas; dêsse mergulho nas águas do Letes surgiu o português valente, o português de Ferreira e Camões.

Há talvez tantos elementos latinos na nossa língua, como raízes das outras procedências peninsulares; há talvez mais

elementos latinos. Se ao princípio éramos um condado súbdito e tínhamos um falar que, afora certos jeitos peculiares indígenas, devia ser o da nossa metrópole, adoçado pela tendência que teem os dialectos costeiros em relação à feição mais rude dos dialectos terrastãos e sertanejos, logo depois de confirmada de facto e de direito a nossa independência entrámos a distanciar-nos do espanhol. No século XVI chegou cá a Renascença, e tomámos em maior dose aquele alimento vivificante, que deu as maiores perfeições ao nosso admirável idioma.

Diz um escritor (Sismondi) que talvez uma das causas que fizeram com que o português começasse desde o princípio a ser tão latino, fôsse o terem ficado por aqui muitos Romanos, que na sua estreita convivência nos não influíram pouco do seu espírito.

Não é só no vocabulário que se revela no português o latinismo. E' a mesma sintaxe portuguesa das línguas neo-latinas a mais latina. A transposição, quási romana, dos termos da oração, é das mais ricas e envejandas propriedades do português. Essa atestam-na os nossos mais antigos documentos poéticos.

De tôda aquela exageração salutar dos latinizadores tirou o sensato Ferreira o que devia : o espírito; e animando cordatamente dêsse espírito a sua obra, LICENTIA SUMTA PUDENTER, fêz brotar uma língua sonora e enérgica, anafada de latim mas portuguesa, e cada vez mais portuguesa, na valentia e no porte. Isso sim, que foi o grande benefício que lhe devemos. E' ver com que entranhado zêlo êle expressava em tantos passos das suas obras o seu amor as falar da sua terra, e nomeadamente no soneto XXXII do Livro II, na ode I do Livro I, na Carta II do Livro I.

¡ Que diferença entre a algaravia tonta (ainda assim tão interessante) dos nossos mais antigos documentos, e a linguagem nobre de Fernão Lopes ! ¡ Mas que distância também de Fernão Lopes até Barros, e de Miranda até Ferreira ! São esplêndidos os progressos daquelas eras de colossos.

Os administradores actuais da língua nem sonham que de lidas hercûleas ela custou. Nem tudo é colhêr; foi preciso o desbravar, o semear; e isso, os séculos o fazem.

*
* *

Nunca o puritano Ferreira se dignou jámais de escrever uma só linha que não fôsse em vernáculo,

> Pois dando à pátria tantos versos raros,
> Um só nunca lhe deu em língua alheia,

disse Bernardes (Elegia à morte de António Ferreira).

Apesar do seu amor ao latim e ao castelhano, e por causa dêsse mesmo amor, é de ver como o cioso amigo da sua terra desprezava, como trânsfugas e traidores, aos que trocavam o nosso idioma pelos de fora. São uns Cristóvãos de Moura, uns Juliões da vernaculidade.

Acêrca do porfiado emprêgo do espanhol pelos nossos engana-se Sismondi, asseverando que *todos* os poetas portugueses cultivaram as duas línguas ao mesmo tempo; e se êle bem reparasse, veria, ao acabar de escrever esta terrível calúnia, surgir-lhe diante, a tomar-lhe estreitas contas, a fantasma do Desembargador que escreveu os *Poemas Lusitanos*.

Diz mais Sismondi que os nossos escreviam em português assuntos de maior suavidade e ternura; e recorriam ao castelhano para maior nobreza e majestade, ou também quando queriam descer à chocarrice de jograis.

Parece-nos muito contestável qualquer dessas asserções, e fácil de se rebater com as provas à vista; só porêm levantaremos de passagem essa increpação de pouca majestade e grandeza da nossa língua. E' um preconceito que lavra entre muitos estranjeiros, êste de que o português é castelhano adocicado, afeminado, *du portugais* (?) *désossé;* ¡ e é tão grave a injustiça! Temos nós-outros uma feição muito peculiar; temos a nossa energia, diversa da castelhana, sim, mas também notável; temos a nossa doçura e meiguice, a que o espanhol não chega. Trovejamos, e depois arrulhamos, quando nos apraz...

*
* *

Ás causas que o erudito Bouterweck aponta para a longa conservação da língua espanhola entre nós, pode acrescentar-se,

cremos, que foi muito tempo a fala íntima do Paço, e logo a da côrte e da sociedade, em atenção ao grande número de alianças de reis nossos com princesas castelhanas. ¿Não aconteceram factos muito análogos a estes, com o francês em Inglaterra?

Os nossos *autos* eram muita vez, para agradar à Raínha, escritos em espanhol; nem admira que entrasse nêsse uso um sentimento de galante cortesania. E, ¿quem sabe mesmo (preguntaremos) se num reino onde, desde o conde D. Henrique até el-rei D. João IV, só rainhas peninsulares apontamos, com excepção da rainha D. Mafalda e da rainha D. Filipa; e num tempo em que as circunstâncias se intricaram de modo, que el-rei D. Manuel pensou profundamente em que ia assentar na cabeça as duas coroas ibéricas; ¿quem sabe, repetimos, se se não promoveria, como meio e astúcia de políticos, a aclimação do espanhol?

¡Triste ambição, que veio talvez manietar-nos mais fácilmente para os homens de 1580!

Por isso preguntaremos outra vez: ¿Valerão as conquistas linguísticas muito menos que as dos heróis que andavam,

coiraçados de ferro, a brigar e a assolar? ¿Cada neologismo de palavra ou de construção, inventado por um Ferreira ou um Sousa, não será, no seu tanto, um esfôrço digno dos montantes? ¿Cada pedra com que êsses obscuros lidadores iam fortalezando, e tornando independente e *senhora de si*, *sobêrba e altiva* a língua portuguesa, não equivalia às façanhas de um Condestável?...

(*António Ferreira*, Tomo I (XI da *Livraria Clássica*). Rio de Janeiro, 1875, pág. 160 e ss.)

XLIX

Eça de Queiroz

(1846-1900)

Um homem só deve falar, com impecável segurança e pureza, a língua da sua terra : — tôdas as outras as deve falar mal, orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estranjeiro.

Na língua verdadeiramente reside a nacionalidade; e quem fôr possuindo com crescente perfeição os idiomas da Europa, vai gradualmente sofrendo uma desnacionalização. Não há já para êle o especial e exclusivo encanto da *fala materna* com as suas influências afectivas, que o envolvem, o isolam das outras raças; e o cosmopolitismo do Verbo irremediávelmente lhe dá o cosmopolitismo do carácter. Por isso o poliglota nunca é patriota. Com cada idioma alheio que assimila, introduzem-se-

lhe no organismo moral modos alheios de pensar, modos alheios de sentir. O seu patriotismo desaparece, diluído em estranjeirismo...

Por outro lado, o esfôrço contínuo de um homem para se exprimir, com genuína e exacta propriedade de construção e de acento, em idiomas estranhos — isto é : o esfôrço para se confundir com gentes estranhas no que elas teem de essencialmente característico, o Verbo — apaga nêle tôda a individualidade nativa. Ao fim de anos, êsse habilidoso, que chegou a falar absolutamente bem outras línguas alêm da sua, perdeu tôda a originalidade de espírito, porque as suas ideias forçosamente devem ter a natureza incaracterística e neutra que lhes permita serem indiferentemente adaptadas às línguas mais opostas em carácter e génio. Devem, de facto, ser como aqueles *corpos de pobre*, de que tão tristemente fala o povo, *que cabem bem na roupa de tôda a gente.*

Alêm disso, o propósito de pronunciar com perfeição línguas estranjeiras constitui uma lamentável sabujice para com o estranjeiro. Há aí, diante dêle, como o desejo servil de *não sermos nós mesmos*·

de nos fundirmos nêle, no que êle tem de mais seu, de mais próprio — o Vocábulo. Ora isto é uma abdicação da dignidade nacional.

Não, minha Senhora! ¡ Falemos nobremente mal, patrióticamente mal, as línguas dos outros!...

(*A correspondência de Fradique Mendes*, 2.ª ed. Pôrto, 1902. pág. 142.)

L

Ramalho Ortigão

(1836-1915)

LÁ se foram já, em pouco tempo, uns depois dos outros, todos êsses : o Túlio, o Felner, o Rebelo (1), três dos literatos mais genuínamente literários que eu tenho conhecido. Tinham o diabo da arte no corpo. Tinham o amor das letras na massa do sangue. Haviam-se temperado como escritores na poderosa camaradagem de Garrett, o qual tinha querido ser tudo quando se podia ser com mais autoridade, com mais pompa e com mais prestígio na sociedade do seu tempo, para ter o direito de mostrar que a todos os titulos êle antepunha e preferia o de simples homem de letras; que acima de tôdas as jerarquias estava a alta nobreza

---

(1) Luis Augusto Rebelo da Silva.

do seu puro sangue de poeta, a sua fúlgida aristocracia nativa de artista de raça.

— Por cem ou duzentas moedas num dia de apuro (disse-me dêle a mim o próprio Alexandre Herculano) o Garrett seria capaz de tôdas as porcarias que quiserem, menos de pôr num papel, a trôco de todo o ouro dêste mundo, uma linha mal escrita.

E depois desta frase, de que eu tomei nota textual há vinte anos, vindo a entrar no seu quarto da Ajuda o actual marquês de Sabugosa, Herculano, em pé, sem gravata, o lenço de algodão encarnado debaixo do braço esquerdo, a caixa de rapé na mão direita, abanando a cabeça, num gesto sacudido do braço, olhando-me de revés, acrescentou :

— ¡ Isso era homem ! ¡ E todos êsses malandros que aí andam a escrevinhar, a morder-lhe na fama, teriam obrigação de beijar de rastos as pègadas que êle deixou nesta terra !

Os velhos literatos da criação de Garrett tinham como êle, em maior ou menor grau de intensidade, êsse culto religioso da forma, e eram mais ou menos escritores constantemente, eram estilistas sempre, e, nas relações sociais, quando não tra-

ziam o madrigal nos lábios, tinham um epigrama nos dentes.

Alêm de um dos mais alegres, dos mais engraçados, dos mais originais indivíduos da confraria literária portuguesa, a morte de Silva Túlio faz desaparecer um dos raros literatos que ainda possuem em Lisboa a prenda, já hoje exótica, de saber português.

Depois da morte de Castilho era êle, com Latino Coelho e com Camilo Castelo Branco, quem mais completamente possuia o vocabulário da língua, vocabulário tão pouco aprendido pela maioria dos nossos modernos escritores.

Diz-se que imitamos a França. Os jornais franceses chegam-nos, porêm, em cada dia cheios de verdadeiras obras de arte, preciosamente trabalhadas pelos mais peritos lapidários da palavra.

— Em Inglaterra — explicava-me ainda últimamente o director de uma das grandes revistas de Londres — o conhecimento profundo da língua inglesa tornou-se uma necessidade indispensável do mais humilde colaborador do mais obscuro jornal. As grandes fôlhas célebres são tôdas redigidas, de princípio a fim, com a mais rigorosa

correcção, com a mais subtil delicadeza de estilo a que se pode prestar a linguagem sábia. Um escritor que na imprensa inglesa cometesse um solecismo, morreria nêsse dia para o respeito do público, porque na Inglaterra todo o homem que não sabe o ofício em que se emprega, ou é um aprendiz ignorado ou é um cidadão ridículo.

Em Portugal somos algum tanto mais latitudinários, evidentemente. A opinião mostra-se sempre animadora e amorável aos sarrafaçais diligentes do jornalismo, e tem um fraco especial, de mãe extremosa, pelas bobices reles e pelos chulismos crassos dos linguareiros sem gramática e sem escôva de unhas.

Fora da chacota surrada, de botequim porco, na análise das paixões, no estudo dos temperamentos e dos caracteres, na poesia, na história, no drama, na crítica social, na controvérsia política, *não temos expressões* — como dizem nos brindes dos banquetes solenes os bacalhoeiros comovidos.

Falta-nos a precisão no termo exacto; falta-nos a elasticidade no giro da locução; falta-nos o rasgo pitoresco no desenho da frase; falta-nos a vibrante harmonia na

orquestração do discurso. Coçamo-nos, contorcemo-nos, desarticulamo-nos, a querer dizer *amor*, e nunca nos chega a língua. Temos a prosa histérica, abastardada, exangue e desfalecida de uma raça moribunda.

A nossa pobre geração de anémicos dá à história das letras um ciclo de tatibitates. Estamos a chegar a velhos com a língua ainda peada, de literatiços mamões. E no fim dêste século, de uma quási tão grande decadência literária como a do fim do século passado, pregunta a gente de onde nos virá um Filinto e um Bocage, que rape da tesoura com que se há-de cortar a trave à geração seguinte.

(*As Farpas*, Janeiro de 1884, edição Corazzi, tomo III, p. 44 e ss.)

LI

Machado de Assis

(1839-1908)

Entre os muitos méritos dos nossos livros nem sempre figura o da pureza da língua. Não é raro ver intercalados, em bom estilo os solecismos da linguagem comum, defeito grave, a que se junta o da excessiva freqüência da língua francesa.

Êste ponto é objecto da divergência entre os nossos escritores. Divergência digo, porque, se alguns caem naqueles defeitos por ignorância ou preguiça, outros há que os adoptam por princípio, ou antes por uma exageração de princípio.

Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de Quinhentos é um êrro igual ao de afirmar que a sua trans-

plantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A êste respeito a influência do povo é decisiva. Há portanto certos modos de dizer, locuções novas, que de fôrça entram no domínio do estilo e ganham o direito de cidade.

Mas, se isto é um facto incontestável, e se é verdadeiro o princípio que dêle se deduz, não me parece aceitável a opinião que admite tôdas as alterações da linguagem, ainda aquelas que destroem as leis da sintaxe e a essencial pureza do idioma. A influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrário, êle exerce também uma grande parte de influência a êste respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão.

Feitas as excepções devidas, não se leem muito os clássicos no Brasil. Entre as excepções poderia eu citar até alguns escritores cuja opinião é diversa da minha neste ponto, mas que sabem perfeitamente os clássicos. Em geral, porêm, não se leem, o que é um mal. Escrever como Azurara ou Fernão Mendes seria hoje um anacro-

nismo insuportável. Cada tempo tem o seu estilo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar dêles mil riquezas que, à fôrça de velhas, se fazem novas — não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo temos os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum.

Outra cousa de que eu quisera persuadir a mocidade é que a precipitação não lhe afiança muita vida aos seus escritos. Há um prurido de escrever muito e depressa; tira-se disso glória, e não posso negar que é caminho de aplausos. Há intenção de igualar as criações do espírito com as da matéria, como se elas não fôssem neste caso inconciliáveis. Faça muito embora um homem a volta do mundo em oitenta dias; para uma obra-prima do espírito são precisos alguns mais.

(Escrito em 1872, êste fragmento figura em uma notícia critica de livros brasileiros, publicada no *Novo Mundo* de Nova York, e foi para aqui transcrito do *Almanach Alves*, Rio, 1917, pag. 251.)

LII

Júlio Moreira

(1854-1911)

A linguagem de Camilo Castelo Branco é por ventura a mais opulenta da nossa literatura dos últimos tempos. Conhecendo profundamente os escritores de tôdas as épocas, desde os quinhentistas, o fecundo romancista soube aproveitá-los com o mais seguro critério.

Alguns dos nossos literatos, levados pelo prurido de darem ao estilo um *sabor clássico*, agrupam velhas expressões desconhecidas, com que formam verdadeiros centões (1) literários, sem atentarem em que muitas vezes escrevem coisas completa-

---

(1) *Centões* = versos de algum autor escolhidos, dos quais se faz algum poema (Morais, *Dicionário*). Peça de poesia composta de centões. *Centão* (do latim *cento centonis*, derivado de *centum*) = manta feita de muitos bocados de panó (D. Vieira, *Dicionário*)

mente ininteligíveis, por destoarem inteiramente do dizer moderno; e sem reconhecerem que a linguagem está sujeita ao princípio da evolução, em virtude da qual vai constantemente sofrendo modificações.

Se assim não fôsse, ainda hoje falaríamos o latim do século de Augusto, pois que a língua que falamos é, a bem dizer, a fase actual dêsse latim.

Demais, isso a que demos o nome de centões não representa em rigor a linguagem de nenhuma época, nem de escritor algum. E' antes um meio de envolver alguma pobre ideia em vistosos e fantásticos andrajos, que nos deixam a mesma impressão de estranheza e de ridículo que sentiríamos, ao encontrarmos na praça pública, fora do carnaval, alguêm vestido com os anacrónicos trajos de várias épocas remotas.

Longe de proceder assim, o Visconde de Correia Botelho (1) achava os lugares mais apropriados para todos os vocábulos, distribuindo-os de maneira que ainda os mais estranhos se tornam, pelo contexto,

(1) Camilo Castelo Branco.

de fácil interpretação para a maioria dos leitores. A sua prosa é de uma limpidez e naturalidade admiráveis. De resto, é notório quanto lhe repugnavam as qualidades contrárias, pois que alguns dos seus romances, a *Queda de um Anjo*, por exemplo, são verdadeiras sátiras contra o estilo afectado e pretencioso.

Mas não foi sómente o estudo atento dos clássicos que forneceu material abundante para o seu copioso vocabulário. A linguagem familiar e popular é para êle também um manancial riquíssimo, que largamente explora. E tendo haurido nestas fontes uma vastíssima fraseologia, ainda por vezes recorre a neologismos, que são de ordinário palavras compostas e derivadas, que forma segundo as léis da língua.

(*Estudos da língua portuguesa*, Vol. II, Lisboa, 1913, pág. 205 a 207.)

*
* *

Os lugares em que o português se fala e as bôcas que o hão-de falar tendem aumentar considerávelmente.

A população das vastíssimas colónias portuguesas é pouco densa e em parte não conhece a nossa língua. A quási totalidade dos imensos territórios do Brasil são ainda um sertão, aonde não chegam os ecos dessa língua. Com o desenvolvimento da população de tão extensas terras e com o progresso da sua instrução, o português será a linguagem de tantos milhões de habitantes, como as de algumas das mais populosas nações da Europa.

Será então brilhante o horizonte que se abrirá à literatura portuguesa, já riquíssima, verdadeiramente notável, tanto na quantidade como na qualidade dos seus primores, que são de primeira ordem e fariam honra a qualquer das mais reputadas literaturas. Aumentará consideràvelmente o número dos escritores, e muito mais o dos leitores que os saibam apreciar. E isto representará um poderoso estímulo para a produção literária, que presentemente é devida quási só a uma imperiosa necessidade do espírito, tantas vezes perturbado, interrompido e desviado dos seus idèais, das suas nobres ambições artísticas e scientíficas, pelas urgências impreteríveis da vida, pois que nenhum dos nossos

escritores pode hoje viver desafogadamente do produto da sua pena, que não encontra compensação no escasso número de leitores que o mercado lhe fornece.

Quando êsse número duplicar ou triplicar, perspectiva que se antolha para um futuro não muito longe, os autores portugueses e brasileiros achar-se hão em condições de aplicarem tôda a sua actividade, tôda a contensão do seu espírito à elaboração das suas obras, sem a preocupação de haverem de angariar por outro modo os meios de subsistência. O trabalho literário será portanto mais, muito mais copioso e mais perfeito.

O léxico tende também a enriquecer-se com o aproveitamento dos inesgotáveis tesouros da linguagem popular, em que os literatos encontrarão recursos preciosos. Camilo Castelo Branco confessava *ler muito pelo léxico das províncias do Minho e Trás-os-Montes*, e com isso, e com o estudo dos nossos clássicos, êle criou a mais opulenta fraseologia da literatura dos nossos tempos.

A linguagem do Brasil, se abstrairmos de algumas particularidades de pronúncia e de vocabulário, pouco difere da que se

usa em Portugal. A popular oferece-nos divergências sintácticas que a língua culta procura com razão evitar. Baseado nessas variantes de pronúncia e de sintaxe, um escritor brasileiro afirmou que a língua do Brasil era *o português aperfeiçoado*. E' claro, todavia, que tal asserção carece absolutamente de fundamento.

Como sucede com relação aos países que falam as línguas inglesa ou espanhola, e que procuram aproximar-se tanto quanto possível do falar seguido na Inglaterra ou na Espanha, o qual tomam como modêlo — igualmente o Brasil deverá esforçar-se por não se desviar da língua que em Portugal se escreve. A verdade desta doutrina ainda há pouco a reconhecia, muito ponderadamente, no *Jornal do Comércio*, um dos mais ilustres publicistas brasileiros, José Veríssimo. Desta forma haverá a mais completa homogeneidade entre o português que em Portugal se usa e o que empregarem os escritores da grande e progressiva república americana. E todavia é evidente que nada sofrerá com isso a espontaneidade e beleza da composição literária.

E' certo que algumas das divergências

sintácticas a que me referi, representam modos de dizer de uma fase antiga do nosso idioma, ou do seu período clássico. No em-tanto, desde que velhas fórmulas ou construções se perderam para uma língua, em determinado lugar do qual essa língua procede, sendo completamente substituídas por outras, não há razão para que outros países a que essa língua foi transmitida insistam em conservá-las e pretendam impô-las à literatura de que êsse idioma é instrumento.

(*Estudos da língua portuguesa*, Vol. II, Lisboa, 1913, pág. 340 a 343.)

LIII

Gonçalves Viana

(1840-1914)

A semelhança entre certas particularidades, comuns ao português e ao japonês, com igual paridade entre o português e o malaio, explicam suficientemente o fenómeno, que pareceria extraordinário, de ser a representação portuguesa dos nomes de muitas regiões da Ásia, onde estivemos e dominámos, a mais fiel às pronúncias vernáculas, entre as de tôdas as línguas europeias. O mesmo se pode dizer a respeito da nomenclatura da África, a sul do Equador.

E' de notar que, mesmo para o chinês e o anamita, a nossa figuração haja sido tão exacta, que com referência à primeira Callery (1) afiança ser a melhor de tôdas, e

---

(1) Sinólogo francês, falecido em 1862. Foi secretário-intérprete de Napoleão III e escreveu, entre outras obras, o *Dicionário Enciclopédico da Língua chinesa.*

acêrca da segunda é certo haver-se conservado até hoje tradicionalmente a escrita portuguesa dos nomes na literatura scientífica europeia, e no trato comercial, escrita que fôra estabelecida pelos nossos frades, a quem é devido o conhecimento de muitos idiomas asiáticos na Europa. Parece mesmo que a facilidade de aprender idiomas estranhos com perfeição, e de bem os apreciar pelo ouvido e imitar na pronúncia, é prenda nossa antiga; como é geralmente reconhecido que, pondo de parte aptidões individuais, somos nós, os Portugueses do sul, na Europa, os estranjeiros que melhor proferem o francês, o inglês, o italiano, etc.

¡ Caso singular ! Os Portugueses adquirem sem maior dificuldade pronúncia castelhana correctíssima, sendo raríssimo que se dê perfeição na pronúncia dos Espanhóis, quando falam português.

(*Palestras Filológicas*, Lisboa, 1910, pág. 177.)

*
* *

Atribui-se ao imperador Carlos V um dito que, parecendo trivial, encerra uma grande verdade :

So viel man Sprachen kann,
So viel mal ist man Mensch.

Isto, trocado em meúdos por um poeta, o meu amigo Acácio de Paiva, quere dizer : — QUANTAS LÍNGUAS FALES, TANTOS HOMENS VALES...

O triste desengano da universalidade do francês surpreende-nos, em nós passando para lá da fronteira belga... A verdade real e positiva é que, fora da França, da Bélgica e da Suíça, é talvez Portugal o país onde o francês está mais difundido, o que não significa maior adiantamento nosso. Ao contrário, a tradição desta prenda, que vai sendo rara nas outras nações, herdámo-la de um tempo em que o francês predominava desassombradamente na Europa, como língua internacional, antes que o alemão o suplantasse no norte, e o inglês em quási tôda a parte.

¿Que há-de pois fazer *um fraco humano*, para poder sair da sua terra, seguro de que não terá de renunciar provisóriamente ao dom que principalmente o diferença dos irracionais — a fala? Aprender, alêm da própria língua, muitas alheias — é a mais expedita resposta que ocorre dar a tal interrogação. Mas isto é melhor de dizer que de executar.

... O remédio a dar a isto, numa época em que afortunadamente as relações entre os povos cada vez se estreitam mais, é cada indivíduo culto, em cada nação, aprender a expressar-se em mais uma língua, alêm da própria, mas *uma sô*, e não *mais*.

Para êsse efeito teem-se inventado umas línguas fictícias, feitas já de propósito muito fáceis, e que estão para as línguas faladas na mesma razão que um manequim articulado, ou um bonifrate, para uma pessoa.

... Postos de banda os idiomas artificiais, resta escolher entre as línguas vivas (porque as extintas tornar-se-iam quási tão desnaturais e impróprias para a expressão actual do pensamento, como as fabri-

cadas) — uma que não apresente grandes dificuldades de aprendizado, e cujo vocabulário seja em parte geralmente conhecido, para que haja menos que estudar para se êle adquirir.

... O francês, o inglês, o alemão, o russo e até o espanhol já foram rejeitados sem apelação, por pertencerem, principalmente os quatro primeiros, a nações já em demasia preponderantes, e que o serão provávelmente cada vez mais.

... Se fôsse conveniente sairmos da Europa, para fazer a selecção, encontraríamos no sul da Ásia um idioma vivo, constituído por tal forma, que a sua estrutura gramatical se aprende em tão pouco tempo, como a do apregoado *esperanto*. Êsse idioma é o malaio : para qualquer o perceber e nêle fazer-se entender, basta saber-lhe o vocabulário.

... Numa associação que em Paris se está constituindo, e à testa da qual encontramos o abalisado professor, o dr. Paulo Passy, o filho mais velho, sobrevivente, do grande economista e propugnador da paz, Frederico Passy, já se indicaram vários idiomas europeus, entre os quais sómente, por em-quanto, se elegerá em

concurso aquele a que se há-de dar a preferência, promovendo-se ao depois a sua aceitação.

Os idiomas até agora propostos e os seus proponentes são os seguintes :

O búlgaro, por E. H. Tuttle; o dinamarquês, por Philipson; o norueguês, por Paulo Passy; o islandês, por Hedman; o holandez do Cabo, por Gravière, e o italiano literário, por quem escreve êste arrazoado.

Milita em favor do holandês do Cabo a sua extrema simplicidade gramatical, no que excede muito não só o holandês da Europa, mas até o inglês.

Em favor do norueguês há a considerar o ser uma língua eufónica, singela também, mas não tanto como a precedente, e de difícil pronunciação para estranjeiros; além disto o seu padrão literário não está perfeitamente definido, sendo numerosos os dialectos.

O dinamarquês é ao norueguês comparável, e dêle pouco se diferença, levando-lhe a vantagem de estar literáriamente fixo; ninguém todavia o estuda fora dos países escandinavos, e a sua pronunciação oferece grandes dificuldades também aos estranjeiros.

Em abono do islandês não sei o que se alegará, sendo, como é, a mais sintética e complicada de tôdas as línguas germânicas actuais.

... O búlgaro moderno, pela sua parte, é uma espécie de crioulo esclavónico, isto é : um idioma pertencente à extensa família a que pertencem o russo, o sérvio e, menos aparentados, o polaco, o cheque, etc.; com a particularidade vantajosa de haver abolido a parte mais impertinente e ociosa da gramática esclavónica, a declinação dos nomes por casos, pois alijou a pesada carga dos sete diferentes que as outras línguas da família possuem, e que apuram a paciência de quem tem de as aprender : basta saber-se que em russo, por exemplo, são 28 os paradigmas da declinação nominal.

Tôdas as línguas propostas satisfazem à condição impreterível de não pertencerem à nação preponderante, condição que também exclui do concurso o português, por causa do dilatado Brasil, onde o espera larga propagação.

... Eu, por mim, já aqui o disse, proponho o italiano literário, com os seguintes fundamentos

O vocabulário latino é de todos o mais difundido na Europa e na América, mesmo em línguas particularíssimas, como o são as esclavónicas, o húngaro, e até o finlandês, para não mencionar as germânicas, o inglês, principalmente. Ora o italiano é o herdeiro mais próximo do latim, que em tôda a parte ainda se estuda, mais ou menos.

A sua ortografia é regularíssima, e pouco haverá que alterar-lhe para a reduzir a escrita fonética.

E' mais ou menos estudado tambêm em todos os países cultos, por causa da música e do canto.

E' de facílimo aprendizado para quem conheça, superficialmente que seja, o latim.

E' já uma língua convencional de comunicação entre os povos da Itália, que falam diferentes dialectos, entre si incompreensíveis, como o é de todo aquele povo hospitaleiro, inteligente e pouco agressivo.

E' a língua mais conhecida nos portos do Mediterrâneo, em todos os quais é compreendida e falada, sendo a base fundamental da chamada *língua franca*, hoje quási desusada.

Foi, é e será o órgão de uma literatura

riquíssima, que inspirou ou aviventou tôdas as mais europeias, desde a Idade-Média.

Em-fim, pela harmoniosa proporção dos seus elementos vocais, pela equilibrada disposição das vogais e consoantes, canta aos nossos ouvidos extasiados a grata melodia das suas palavras sonorosas.

Rainha entre tôdas as línguas actualmente faladas ou escritas, ¿quem será que não deseje aprendê-la, que a não ame logo após o idioma pátrio, para lhe dar a preferência a qualquer outra língua estranha?

(*Palestras filológicas*, pág. 205 e ss.)

LIV

Adolfo Coelho

(1847-1919)

. . . . . .

ESCREVE, por exemplo, um novissimo: « A pintura, devendo ser a eternização da esfinge semi-fluida que espectram num *fascies* certos minutos de spasmo conceptivo ou na paisagem a sombra — dôr do espaço —, quando as coisas começam o seu sonho, importa indagar o *quantum* de fé medieva, paroxística, contraturante que, no seu afan, pôs o artista de que se trata. »

Nada mais pletropolíticamente desconjuntantes que êsses esgares glóticos, descargas de associações violentas e imprevistas no centro de Broca. Isto é contagioso como o bocejo, linguagem da náusea psíquica. Êsses dois períodos inspira-os a musa do psitacismo, estudada por Dugas.

Alguns dos novíssimos pensam que a poesia do futuro deverá ser simples, muito simples, como já tinham tentado por vezes João de Deus e outros. A simplicidade vai, porêm, fácilmente à chateza, à banalidade, à vacuidade de sentimentos e de ideias...

A deficiência técnica, em que tantas vezes naufragaram os arrojos de Junqueiro, manifesta-se muito em os novíssimos. Afundam-se êstes nas suas pretensões à originalidade, evitando leituras e estudos reveladores da existência de uma estética normativa, que são incapazes de sacar íntegra do próprio espírito.

Condição essencial do progresso, para cada um, está em que se reconheça como um elo na cadeia da Evolução, e não se julgue capaz de se constituir em comêço absoluto. Há nessa pretensão à originalidade absoluta êrro fundamental e ruinoso, muito do Português em todos os domínios da actividade mental. Parece rara no estranjeiro. Há pouco, um crítico da *Revue Bleue* castigava-a nalguns escritores franceses. O grande Goethe, ao contrário dêsses *originais*, tinha sêde de informação, e o vasto manancial da que adqui-

ria não lhe fazia perder jámais o cunho da sua personalidade. Os verdadeiros originais, dizia um psiquiatra, encontram-se nos manicómios...

As questões sociais, religiosas, políticas, a filosofia, nos seus mais elevados aspectos, ministram objecto para nova poesia, ainda muito pouco aproveitado. Os antigos criaram na poesia didática um género em que produziram obras imorredouras, como o poema de Lucrécio e as *Geôrgicas* de Vergílio. Tudo na vida do homem, como em a natureza, tem o seu lado poético, como o seu lado moral; e a poesia didáctica vale, não pelo que tem de didáctico, mas pelo que tem de poético.

A própria poesia lírica, o drama, teem muito em que se inspirem naqueles domínios. As artes gráficas e plásticas teem dado já belos exemplos. A geração poética da segunda metade do século XIX não foi surda a tais inspirações. A geração moderna deve tentar vida nova, e não dar a preferência à *éternelle chanson*...

(Boavida Portugal, *Inquérito literário*, Lisboa, 1915, pág. 82 e ss.)

LV

Fialho de Almeida

(1857-1912)

A linguagem de Camilo não é tanto a língua portuguesa genuína e opulentada de todos os vocábulos que uma retentiva paciente é capaz de ir colhêr aos vernaculismos do povo e das bibliotecas, como o instrumento vivo e acirrante dum espírito de artista que, por profundo e múltiplice, houve mester, como os órgãos das catedrais, de exprimir por tubos de cobre a potência orquestral da sua voz.

Outros como êle trabalharam a língua portuguesa, e a souberam com intimidade igual e exuberância parecida; mas nenhum lhe deu aquela alma indómita, transfiltrando-lhe a pompa, o brilho, a energia e a graça em que êle a amoedou.

Êstes predicados, muitos são da língua, convenho; quintessenciados porêm pelo

talento do escritor, e adquirindo pelo individualismo dêle uma acuidade incomparável. A prova disto é a prosa de Camilo não ser susceptível de imitar-se. Todos os *pasticheurs* nela sossobram, porque essa elocução e êsse estilo não são como os dos outros, só feitos de palavras : são a voz de um espírito, teem o timbre próprio de uma laringe, são *ideias gravadas ;* e porque na história do português escrito se não chegue a elas por uma evolução metódica, impossível usá-las sem lhes falsear o cunho originário, e impossível assim de tomà-las como ponto de partida para a fundação de uma arte nova de escrever.

Camilo teve êste supremo dom de trabalhar, sôbre uma língua compacta e por vezes incapaz de traduzir certas finuras, a mais fulgurante e a mais dútil de tôdas as línguas — isto sem lhe escambar o valor primevo, nem lhe meter de enxertia o estranjeirismo. E conseguiu isto, valendo-se dos seus conhecimentos de purista, e logo exalçando-os com a sua fascinadora improvisação.

Assim, a frase dêle morde o assunto, como o ácido a lâmina de gravura sulcada a ponta de estilete; e desta cunhagem

modelar brota uma imagem súbita, luminosa, que ainda bem não mexe no nosso ouvido, já se está a mexer no nosso cérebro, com uma estranheza intensa, que muita vez chega a produzir em nós a derrocada...

Um dos predicados admiráveis desta língua é não cheirar ela nunca a literatura : ser uma língua de acção, embora às vezes bizarra e com efeitos orquestrais, que tanto lhe veem dos assuntos como da combinação rítmica das sílabas. Também raros escritores possuem, como Camilo, a intuição da língua em que convêm tratar o assunto, e o poder de inventar para cada género de tema o vocabulário, o estilo, e a fantasmagoria interior que lhe são próprios.

(*Camilo Castelo Branco*, artigo na *Revista Ilustrada*, de Lisboa, nº 6, de 30 de junho de 1890.)

LVI

José Veríssimo

(1857-1916)

NÃo desadoro, ao contrário, a estimo e amo, a nossa língua. Se a não julgo ainda um perfeito instrumento de expressão do pensamento, não sou dos que a malsinam de incapacidade ou lhe negam beleza. De parte o ÃO e os seus plurais, é seguramente uma das mais harmónicas, das mais melodiosas, das mais sonoras das línguas cultas. Sómente a italiana lhe levará, sob êste aspecto, a palma. E' enérgica, como a espanhola, e possui ainda algumas das virtudes da latina. Mas não sei se o que Vénus lhe achava, para recomendar o povo que a falava à bem-querença de Júpiter — o parecer-se tanto com a latina — não será antes um prejuízo que uma vantagem.

Tem várias origens a incerteza, a inde-

cisão ortográfica, e também sintáctica, poderia dizer gramatical, da nossa língua. Uma é, com razão o nota o sr. Teófilo Braga, que a língua portuguesa, não seguindo a sua evolução natural, estorvada pela reacção erudita do século XV, não chegou a essa contracção de palavras que tanto distingue a língua francesa. Esta só foi submetida à disciplina dos eruditos no século XVI, quando a sua morfologia, já constituída pelo povo, não podia ser alterada. « A língua portuguesa, desde que começou a ser escrita, foi fixando as suas formas ao capricho dos tradutores, e por isso as duas leis fonéticas que predominam constantemente na formação divergente das línguas românicas — O DESAPARECIMENTO DAS VOGAIS MUDAS e a QUEDA DAS CONSOANTES MÉDIAS — pela fatalidade da natureza exerceram-se sempre na linguagem oral, mas foram modificadas na linguagem escrita. »

Esta divergência na constituição da língua entre o elemento popular e o elemento erudito, mais frisante na língua portuguesa que talvez em nenhuma outra do grupo românico, criou por assim dizer nela duas línguas, duas formas de expres-

sões, uma erudita, outra popular, como certas línguas americanas tinham dous modos de falar, o falar dos homens e o falar das mulheres.

Nenhuma outra língua românica terá, creio, tamanha cópia de formas duplas como a nossa, mostrando essa divergência. Em nenhuma também a linguagem literária se distingue e separa tanto da linguagem popular, da língua corrente. Daí talvez provenha serem os que a escrevem por via de regra guindados, empolados mesmo, tendo todos, mais ou menos, a preocupação daquilo que o nosso povo chama « palavra difícil » e também « palavrão ». A superabundância dos sinónimos, a riqueza embaraçosa de palavras, com a relativa carência de expressões características, deu à língua portuguesa, mais talvez que à castelhana, o vício que os espanhóis chamam PALAVRERIA. A língua é palavrosa e os seus escritores o são com ela. O gongorismo existia em Portugal antes de Gôngora. Gongóricos são mais ou menos quási todos os seus escritores, ainda os modernos : Camilo o é muito, Latino Coelho muitíssimo, como o foram Rebelo da Silva, os Castilhos, Vasconcelos, para não citar

senão os mais característicos. O próprio Herculano não escapa de todo à pecha, da qual só por ventura se salvaria incólume Garrett.

Não sei se já notaram como entre nós os que não são própriamente escritores, quando em discursos ou artigos querem « fazer literatura », caem infalìvelmente no empolado, no gongórico, na procura do « palavrão ». E os mesmos escritores não escapam a êle. Decididamente o aticismo não é uma virtude da nossa língua e da nossa gente. Ou porque esta cópia de vocabulário não fôsse trabalhada por uma literatura verdadeiramente superior, humana e viva; ou porque nós não conhecemos bastante a literatura que a empregou, o certo é que no uso corrente, popular ou literário, falta à nossa língua precisão. Daí a necessidade, a que mesmo um Vieira se não isentou, de multiplicarem os escritores os epítetos. Reparem : salvo nos moderníssimos, filhos da influência francesa, nós abusamos de uma longa adjectivação. E ainda nesses — Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins — há mais adjectivos que nos bons escritores

franceses. Quási não podemos marcar um matiz com um só; ou por ignorância nossa, ou pela ignorância que supomos no público, precisamos de dous e mais para o fazer. Os clássicos não teem absolutamente a sciência moderna do adjectivo, com-quanto haja nêles exemplos felicíssimos e de rara beleza.

A propriedade é em Vieira a qualidade dominante da sua língua; é verdadeiramente surpreendente no substantivo e no verbo, mas já o é muito menos no qualificativo. Em Camilo, salvo na polémica e na sátira, em que o manejo do plebeísmo e mesmo do chulismo dão um forte e pitoresco sainete à sua frase, a adjectivação não tem nenhum relêvo particular. Mais a tem a de Eça de Queiroz ou a do sr. Machado de Assis. Como não há matizes, gradações, cambiantes (todos me compreenderiam melhor, se eu dissesse em uma palavra só, NUANÇAS) no pensamento português — gente, como êles dizem, de « pão, pão; queijo, queijo » — não os há quási na sua língua. Se alguns escritores nela os introduziram, e mais de um com muita arte e bom-gosto, foi forçando o génio, não só da língua, mas do estilo que lhe é peculiar.

Admirável instrumento de poesia, pelo muito que foi trabalhada por poetas do mais rico estro, a língua portuguesa deixa muito a desejar como língua de prosa. E, não fôra talvez a obra dos próceres do romantismo português, ela seria acaso de todo imprópria à perfeita expressão das ideias abstratas no domínio da filosofia, no domínio da crítica, do domínio das generalizações especulativas de todo o género. Não tanto, talvez, porque na sua velha literatura em prosa se não achassem os elementos da língua necessária a tais assuntos; mas porque, em Portugal e aqui, a nação é estranha à sua literatura, o que torna deficientíssima a língua corrente. Aqui se lê o sr. Rui Barbosa de dicionário na mão...

*
* *

Eu sempre tive a subserviência com que Portugueses e Brasileiros, e mais Brasileiros que Portugueses, transcrevemos e pronunciamos os nomes patronímicos e geográficos estranjeiros, como um sinal de carência de individualidade. Tôdas as lín-

guas, de regra, traduzem os nomes próprios das línguas estranjeiras, ou pelo menos os adaptam à sua prosódia e ortografia. O português fêz assim também, em-quanto foi a língua de um povo vigoroso, enérgico, original. Os nomes que hoje aprendemos nos nossos detestáveis compêndios de geografia, em formas inglêsas, francesas ou alemãs, foram êles, os Portugueses, que os deram ou revelaram ao mundo na sua língua sonora. Quando foi da guerra da Itália com a Abissínia, outro dia, os telegramas que aqui se publicavam fingiam vir de MASSOWAH, de MASSAOUAH ou de MASSOUAH, formas inglêsas e francesas, para os nossos ouvidos antipáticas e arrevesadas, do nome de um pôrto do Mar Vermelho, que já Camões (LUS. X, 97), como os pilotos, cronistas ou historiadores que o precederam, grafara portuguêsmente MAÇUÁ, expressão fonética exacta, na nossa língua, daquelas grafias inglêsa e francesa. ¿Pode haver maior desnacionalização?...

Foi sempre a regra que cada povo reproduzisse as denominações geográficas conforme a índole fonética da sua língua, traduzindo-as por assim dizer no seu voca-

bulário, naturalizando-as com as formas peculiares à sua grafia. Nas línguas chamadas latinas essa é a norma, de que ainda se não afastam o francês, o italiano e o espanhol. O português a seguiu até que entrou a não saber de si, e a escrever e dizer de todos os modos, como gente sem língua, sem personalidade, sem carácter, qual essa que vivendo em certas regiões marítimas infestadas por tôdas as raças e línguas — escalas do Levante ou escalas do Ocidente — acaba por não falar nenhuma, falando baralhadamente tôdas.

Foi por igual sempre fôro das nossas línguas romanas trasladarem os nomes próprios cujos correspondentes tinham. Italianos e Espanhóis ainda são rigorosos nisto, e os Franceses também. Há mais liberdade nas línguas germânicas, mas não completa. Portugueses e Brasileiros quási já o não fazemos, e nos inchamos de pueril vaidade, escrevendo ou dizendo à estranjeira um nome que tem cabal representação portuguesa. E — o que é mais — não nos contentamos de tomar o nome tal-qual à língua estranjeira, o que ainda teria uma desculpa ou explicação : recebemo-lo através de outra língua estran-

ceira, que o traduziu, e fazemo-lo nosso. ¡Como BURGUÊS-FIDALGO não há nada melhor! E' exemplo HENRIQUE HEINE, que todos dizemos HENRI, tradução francesa do HEINRICH alemão... O mesmo com Leão Tolstoi, que pronunciamos à francesa, LÊON, como se o nome fôsse francês.

Êste facto contra o génio, o uso, a longuíssima praxe da língua, prova que ela perde em individualidade e está pronta a se degradar : faz-se serva; desaparece-lhe a capacidade de resistência.

Sei que o purismo, que é a nobreza das línguas, se não pode mais defender sem anacronismo. Desde que as línguas se puseram em contacto directo e immediato umas com as outras; que os homens aprenderam várias línguas; que as literaturas de umas penetraram as literaturas de outras; que os mesmos povos se penetraram uns aos outros com os seus costumes, com as suas curiosidades, com as suas usanças, com os seus modos vários de conceber e dizer — o purismo perdeu, por êste só facto, o seu assento, a sua base. Nenhum escritor, que seja verdadeiramente um escritor vivo, será mais em

língua nenhuma purista, no sentido clássico desta palavra. O material com que êle trabalha pertence por tal forma a vários povos e línguas, às vezes as mais diversas, que já a própria não tem sôbre êle o império do seu vocabulário e da sua sintaxe.

E' o que explica a evolução tão rápida da sintaxe nas nossas línguas modernas, e como no último século os léxicons clássicos de cada uma delas tiveram de sofrer a invasão triunfante de legiões de palavras exóticas. Os que faziam da ignorância das línguas estranjeiras, excepto do latim ou do grego, uma condição de perfeição na própria, do seu ponto de vista de purismo estreito não deixavam de ter razão. Um velho provérbio inglês ainda apoda de patife o que fala mais que a sua língua. De alguma forma a pureza nacional do pensamento depende da pureza étnica da língua; e vice-versa : um pensamento estranjeiro forçando uma forma de expressão estranjeira.

Seria, porêm, mal-entender estes factos, autorizarmo-nos dêles para não zelarmos pela pureza relativa da língua, mantendo-lhe entre as outras os seus foros, as suas

características, as suas distinções, as suas excelências — o que lhe constitui a personalidade.

E' por salvá-la, justamente, que a língua literária, em tôdas as línguas, se afina, se apura, se cultiva...

(Estudos de Literatura Brasileira, 3.ª série, X.)

*
* *

Em todo o Brasil, o grande facto da evolução das línguas, atestado pela linguística, encontra plena comprovação na face que vai tomando a língua portuguesa. Nem podia, é certo, deixar de ser assim, atenta a cooperação de novos elementos étnicos, novos costumes e necessidades. No mesmo Portugal, onde até agora os espíritos eram avessos à forma que está tomando aqui o português, forma que escarneciam e satirizavam, alguns escritores emancipados dos prejuízos nacionais, e educados nos métodos da sciência moderna, conhecem e explicam êsse facto naturalíssimo, compreendendo que as línguas estão

sujeitas a evoluções fatais e tanto mais características, quanto mais diferentes são os meios para que são transportadas e onde servem de veículo ao novo pensamento de novas gentes.

A êste respeito assim se expressa o sr. Teófilo Braga : « Na moderna nacionalidade brasileira a língua tambêm se vai alterando, constituindo um verdadeiro dialecto do português; cada um dos elementos de mestiçagem contribui com as suas alterações especiais. O elemento colonial modifica a acentuação fonética de um modo mais exagerado do que nas ilhas dos Açores; o som *s*, como o *ch* galego, torna-se sibilante e mavioso, sobretudo nos plurais; as construções gramaticais distinguem o *se* condicional do reflexo *se*, e os pronomes precedem os verbos, como : *me disse*, em vez de *disse-me*. No vocabulário o português conserva os seus provincialismos actuais e os arcaísmos de tempo da colonização. Da parte do elemento ante-histórico, uma certa indolência da pronúncia exerce a grande lei da queda das consoantes médias e vogais mudas : assim, *senhor* é *siô; senhora* é *sinhá;* os finais das palavras vão-se contraindo, perdendo os seus su-

fixos característicos, como : *pió*, em vez de *pior*, *casá* em vez de *casar*. Na parte do vocabulário é que se nota mais profundamente a acção do elemento anti-histórico, pela profusão imensa de palavras de língua tupi, introduzidas na língua familiar de todo o Império. »

Nem seria caroável desconhecèr esta séria alteração da língua portuguesa no Brasil sob a acção combinada, embora inconsciente, de diferentes factores étnicos, climatéricos, etológicos, etc.

Não sabemos, nem agora nos importa saber, se tal transformação nos leva a um dialecto português, tendo apenas com êste relações de parentesco; mas o que nos parece averiguado é que a língua que nós falamos aqui não é já absolutamente a mesma que se fala na antiga metrópole, embora a língua escrita lá e aqui seja, salvo caso de incorrecção censurável, perfeitamente a mesma. Ora, é sabido por todos que as formas linguísticas começam por ser faladas e assim levam muito tempo, antes de se fixarem pela escrita, o que é apenas um trabalho de secundária erudição.

Alêm de milhares de expressões de

origem estranjeira (brasílio-guarani, africana, espanhola, francesa, etc.), que fazem parte do vocabulário corrente do povo brasileiro, muitíssimas palavras portuguesas mudaram de significação entre nós, ou, conservando em parte o seu verdadeiro sentido, adquiriram novos.

Aqui no Amazonas temos *sítio*, lugar e pequeno estabelecimento agrícola; *queimada*, particípio do verbo e substantivo significando roça que se queimou para plantio; *montaria*, canoa; *ajuntar*, reunir e tambêm apanhar, levantar; *furo*, canal; *doce*, açúcar; *manteiga* com a significação própria e mais a de óleo, etc.

Não julgo errado pensar que esta evolução não ficará sómente aqui, porêm se passará ao próprio Portugal. Assim como é actualmente enorme a superioridade material do Brasil sôbre a antiga metrópole, tempo virá em que essa proeminência passará à ordem moral tambêm, porque a nossa nacionalidade, crescendo em número, crescerá igualmente em importância política e civilização, e então não é impossível que a língua falada por cincoenta ou cem milhões de homens actue fortemente sôbre a língua falada por cinco, dez, ou

mesmo quinze milhões, pois que nada autoriza a acreditar em um maior aumento da população portuguesa.

Acresce ainda que, atenta esta diferença de população — que já é bem sensível hoje — maior expansão terá a nossa civilização; mais numerosa e naturalmente mais notável será a nossa produção literária; a qual, chamando sôbre si, em virtude mesmo da nossa importância política, a atenção dos povos estranjeiros, dará a supremacia à língua em que fôr escrita, isto é : ao português falado no Brasil.

Um facto que vem abonar êste nosso asserto é que se sente já em Portugal, nas províncias do Norte principalmente, onde abundam os Brasileiros, como ali chamam aos Portugueses idos do Brasil, já lá se sente a influência da língua e dos costumes brasileiros, como tive ocasião de verificar. ¿O que não será, pois, quando essa corrente de acção brasileira, fazendo-se em máxima escala e por maior número de anos, centuplicar o seu valor numérico, e por isso mesmo a sua influência efectiva? ¿E, principalmente, quando, em virtude da grande naturalização — que é de im-

prescindível necessidade decretar — a immigração para o Brasil não fôr sómente de campónios do Minho, mas também das classes esclarecidas do Reino, em procura de novo campo para exercício de sua actividade?

Êsses, de volta um dia à Pátria — os que voltarem — tendo sofrido a acção inevitável do meio, ali influirão ainda com mais efectividade do que aqueles, no sentido do abrasileiramento da língua portuguesa. O já citado sr. Teófilo Braga verificou na história da literatura portuguesa factos de influência brasileira sôbre o lirismo português no século XVIII. Ora, se um tal influxo foi possível quando a Metrópole tinha uma incontestável superioridade material e moral sôbre a Colónia, com maioria de razão poderá dar-se quando, como vai acontecendo, os papéis estiverem invertidos.

Por outro lado, se Portugal, como parecem acreditar os seus pensadores mais esclarecidos, — num futuro que sinceramente desejo remoto — vier a perder a independência em uma reunião forçada ou voluntária com a Espanha, perderá então também a sua língua, que passará defi-

nitivamente ao Brasil, legítimo herdeiro do enorme legado (1).

Cogitando neste facto possível, e até provável, assim se expressa o notável filólogo português sr. Adolfo Coelho :

« A língua portuguesa, no Brasil, em Ceilão, tem padecido modificações que se reproduzirão em parte no Continente, se perdermos a nacionalidade e ela deixar de ser língua literária; o — R — desinência de *infinito*, deixará necessáriamente de ser pronunciado, como sucede no Brasil.

(*Scenas da Vida Amazónica*, 1886.)

---

(1) ... recebe-o, guarda-o,
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio...

GARRETT.

LVII

Epifânio Dias

(1841-1916)

CAMÕES, da mesma maneira que os espíritos mais cultos da Renascença, possuia vastíssima instrução humanística.

Era muito versado na literatura antiga, nos seus diferentes períodos, e da língua de Vergílio assenhoreou-se a tal ponto, que às vezes a frase portuguesa dos LUSÍADAS, por nímiamente conforme ao tipo latino, perde um tanto a limpidez. Da literatura grega naturalmente há-de entender-se que fôsse bom conhecedor, pelo menos por meio de traduções; mas neste particular não há indícios claros, senão quanto a Homero e por ventura Plutarco. Bastantes passos das suas obras dão testemunho de que tambêm o cativava a leitura da Bíblia. Das literaturas modernas

eram-lhe familiaríssimas a castelhana e a italiana; e desta última conhecia não só os representantes mais ilustres, mas até poetas de ordem inferior, tais como António Minturno. As leituras latinas do nosso poeta abrangiam também escritores modernos, nomeadamente, de entre os portugueses, André de Resende; de entre os italianos, Sannazzaro.

Êste conhecimento da literatura latina antiga e moderna, ajudado já pela leitura dos poetas estranjeiros, em particular de Petrarca, autor favorito de Camões e tão exuberante de erudição; já pelo manuseamento de livros auxiliares do estudo da literatura clássica e de obras de história geral, explica o amplo saber do autor dos Lusíadas em mitologia e história antiga.

Para a história geral dos tempos posteriores à queda do império romano ocidental valeu-se Camões dos trabalhos de vulgarização que já no seu tempo existiam. A história pátria estudou-a, em geral, já nas crónicas, que no seu tempo corriam manuscritas, de Duarte Galvão, Rui de Pina e Fernão Lopes, já nas obras de Castanheda e João de Barros.

Da geografia, nas suas diferentes partes,

e das narrativas de viagens, foi estudiosíssimo. Os conhecimentos cosmográficos hauriu-os principalmente, creio eu, na enciclopédia que tem por titulo *Margarita philosophica*. Do que digo no comentário à estrofe 86 do canto X, parece-me que tem de concluir-se que leu o *Tratado da Sphera* de Pedro Nunes. Das obras relativas a viagens há-de citar-se a *Raccolta* de Ramúsio...

(*Os Lusíadas comentados*, Pôrto, 1910, Tomo I, Introdução, pág. XVIII.)

LVIII

Sílvio Romero

(1851-1914)

Um dos factos mais tocantes que a história do século que se inicia terá de registar foi, ao abrirem-se as sessões do Congresso Pan-Americano, reunido no México, a repentina saudação das repúblicas hispano-americanas à sua velha mãe-pátria...

Creio que o delegado do Brasil, seguindo o exemplo, não cairia em êrro, se houvera levantado igual saudação ao velho Portugal, essa parte complementar da Península Hispânica, que representa na fase das descobertas e conquistas, que abriram a era moderna, o papel salientíssimo de iniciador...

... Temos gasto milhares e milhares de contos de réis para atrair massas de determinada nacionalidade, de escolhida raça, para certas zonas do país, que nos veem

perturbar o andar natural da evolução histórica, política e social da nação, e cujos poderosos e compactos núcleos, inassimilados, constituem verdadeiras soluções de continuidade do território da pátria, sítios êsses onde os estranjeiros somos nós, onde não se fala a nossa língua!...

... Todos os dias os jornais falam dos ingentes e incessantes esforços da Rússia para apagar o alemão das suas antigas províncias germânicas; da Alemanha, para extirpar o polaco das suas províncias eslavas; da Inglaterra, para extinguir o italiano na pequena Malta; porque compreendem a necessidade de nacionalizar tôdas as populações dos respectivos estados. E entretanto, são línguas faladas por seus donos desde tempos immemoriais.

Nós aqui, não; deixamo-nos invadir lentamente, e nem ao menos temos coragem de impôr o ensino da nossa língua, dentro dos limites do nosso território, ¡ nem até daquelas mesmas escolas que pagamos com o nosso dinheiro! Vêde bem: não se trata de proibir o uso das duas línguas concorrentes (1); seria medida irremediável-

(1) O alemão e o italiano.

mente acima da nossa fraqueza; trata-se apenas de prescrever o ensino da língua de Camões (que já foi noutros tempos a língua exclusiva do país) ao lado das duas intrusas, que já a suplantaram em vários sítios e ameaçam fazê-la recuar cada vez mais.

Sob êste aspecto e no tocante a êste assunto, teem-se dado no país alguns factos verdadeiramente típicos em sua inqualificável anomalia. Dêste número é, certamente, um narrado não há muito pelos jornais : « Em uma dessas singularíssimas indemnizações que o Brasil tem sido tão repetidamente obrigado a pagar de certo tempo a esta parte, parece que o dinheiro a dividir foi tão considerável, que excedeu as reclamações exigidas e voltou parte dêle, de torna-viagem, a fim de ser aplicado *às escolas italianas no Brasil*...

Se êsses novos empossadores do país ligam tanta importância às suas línguas que não poupam esforços para as conservar entre nós, evidente se torna pela lição dêles mesmos, o valor dêsse extraordinário sinal nacional. ¿E como o descuramos nós?

Nos países que recebem immigrantes — os Estados-Unidos, a Argentina, o Chili...

— êsse inqualificável desastre não se deu jàmais e não se dará nunca. Quem não aprende, por exemplo nos Estados-Unidos, o inglês, morre de fome; e é por isso que ali não existe um palmo de terra em que a língua do país tenha desaparecido para dar lugar a outras. Estas são faladas particularmente em casa : não tomaram conta de regiões inteiras. Era maravilha reservada ao Brasil.

Em partes várias dos Estados do sul — em Blumenau, Joinville, Bruschy, Dona Januária, São Leopoldo, Nova Hamburgo, e trinta outras localidades — a língua portuguesa brilha pela ausência. Dada a inércia dos Brasileiros e a fraqueza de seus governos, êste terrível estado de coisas é irremediável, e, infelizmente, já até é tarde para protestar, e, o que é mais, é perigoso tratar êste assunto...

... Latino Coelho disse uma vez (e êste dizer do distinto escritor, de então por diante, tem sido repetido em todos os tons) que duas grandes obras tinha Portugal produzido — *Os Lusíadas*, e o Brasil. Êle queria significar que o povo português se dava por bem pago na História, por haver criado no mundo do pensamento

aquela obra imortal, extraordinária, aquele poema cavalheiresco, que é a primeira epopeia moderna, porque é aquela em que aparece pela primeira vez o elemento industrial, inaugurador dos novos tempos; — e por haver criado no mundo da política o Brasil, herdeiro de suas glórias, notável pelo papel que deveria representar no futuro, tendo a missão de guardar, como um tesouro a zelar pelos séculos adiante, a sua língua, a língua do poema, a língua de Camões.

Mas creio que vai nisto certa dose de ilusão. Não duvido, antes quero crer, que a língua portuguesa deva ser eterna em grande parte do Brasil; mas, se as coisas continuarem como vão, ela, em certas zonas do país, terá de desaparecer, e, o que é mais grave, de algumas já desapareceu!

Mas de onde ela nunca se há-de apagar é justamente de lá: é de entre a Galiza a foz do Guadiana. Ali a língua portuguesa não há-de morrer, porque está prova de ferro e fogo, à prova de tôdas as peripécias da História. Não haverá conquistadores tão ousados que a consigam apagar da alma dos homens.

E, como uma aspiração nacional, como um ardente desejo, nós devemos tambêm esforçar-nos para que esta língua, GRANDÍLOQUA E SONOROSA, seja tambêm perpétua, seja eterna em nossas almas, para que nunca mais desapareça das plagas de Guanabara, nem de tôda esta imensa e amada terra que vai do Amazonas ao Prata!

(Da *Conferência* feita no Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, em maio de 1902. *In* « Discursos », Porto, 1904. pág. 161.

IX

Guilherme de Moniz Barreto

(1863-1899)

Se lançarmos os olhos sôbre o conjunto da nossa produção literária neste século, veremos que não nos falta a capacidade, mas o que escasseia é uma forte corrente directriz de actividade crítica.

A ausência desta acção salutar explica o naufrágio de tantas vocações que, convenientemente aproveitadas, poderiam manifestar-se por uma producção valiosa.

Se interrogarmos a Crítica sôbre o que nos convêm fazer para não nos deixarmos afundar na esterilidade e na ruína intelectual, ela nos responderá com três conselhos :

1.º — A regressão ao génio nacional, pelo conhecimento das nossas aptidões étnicas peninsulares e especiais portu-

guesas; pela preferência dada aos temas nacionais nas criações literárias, e pela convivência com os nossos grandes mestres da Renascença e do Romantismo;

2.º — O estudo das literaturas estranjeiras, no que elas possam ter de largamente humano ou particularmente análogo ao nosso génio;

3.º — A elevação da cultura filosófica, que, na aparência estranha à Literatura e à Sociedade, inspira a primeira e governa a segunda, e, pela sua ausência ou inferioridade, determina a decadência e a morte de ambas.

A nossa indiferença pela literatura nacional é completa; e êste funesto esquecimento é igualado pela nossa ignorância das literaturas estranjeiras, limitada a nossa curiosidade aos sucessos ruidosos e efémeros da livraria francesa.

O nível do pensamento filosófico é entre nós muito inferior; e, se um grande poeta (1) traduz nas suas criações líricas as verdades e os sonhos do monismo germânico; se um historiador ilustre (2)

(1) Antero de Quental.
(2) Oliveira Martins.

submete tôda a sua actividade à disciplina positiva; se um professor eminente (1) emprega a sua rara capacidade de abstracção e a sua inexcedível precisão de linguagem em transmittir num instituto superior a doutrina neo-kantista : — estes exemplos são raros. A maioria vive num materialismo rasteiro, ou num positivismo exteriormente compreendido.

À geração que se levanta abre-se pois um vasto campo de actividade e reforma. Neste campo, largo é o terreno para a criação literária, e oportuna a intervenção do espírito crítico.

(*A Literatura Portuguesa Contemporânea*, in *Revista de Portugal*, núm. 1, Pôrto, julho de 1889, pág. 39.)

(1) Teófilo Braga.

LX

Olavo Bilac

(1865-1918)

A literatura portuguesa é um rio soberbo, estendido no leito do tempo, pelo curso prodigioso de sete séculos. Vejo-o, trémulo fio de água, brotando das humildes taliscas da agreste rocha da Idade-Média, sepultada na floresta da barbarie brava e intonsa, desordenadamente viçando sôbre as ruínas dos templos da civilização romana devastada : — os primeiros trovadores portugueses, as lendas medievais, e Vasco de Lobeira, o admirável « Amadis de Gaula », onde transluzem as grandes virtudes da raça, a fôrça e a generosidade, a fúria e o lirismo, o desinterêsse e a fidelidade da cavalaria andante.

Adensa-se o arroio, e já o seu caminho se bifurca, e o idioma português separa-se do castelhano. Nascem os poetas palacianos e os primeiros historiadores...

Logo depois, engrossado, expande-se o ribeiro, liberta-se do ergástulo da selva nativa, esplende ao livre sol, retrata na toalha líquida o infinito azul do céu. E' a era clássica : três séculos de fecundidade e de magnificência : os quinhentistas, os seiscentistas, os árcades.

Ás margens do curso risonho rebenta uma flora suave. Bernardim Ribeiro, alma formosa, sorri. Todo o vale, em cujo fundo deslisa a corrente fresca, ressoa; cornamusas e charamelas enfeitiçam o ar com a sua harmonia ingénua; povoam-se os prados de bucolistas, de novelistas da Cavalaria, de rimadores de pastorais. E' a idade da graça e da inocência, a primavera da língua, a puberdade da raça.

Mas, em breve, o rio, mais demorado, remansa-se e espraia-se; mais grave é a sua voz e majestoso o seu fluxo; parece que o seu vigor se concentra, aprestando-se para próxima crise. E' o meio dia, o trabalho depois do devaneio, o pensamento depois do sonho. Gil Vicente funda o Teatro; surgem os autos e as farsas; e Sá de Miranda, Ferreira e a Pléiada dão sangue e fibra ao idioma já feito.

E ei-la, de repente, a crise... O terreno

levanta-se, alcantila-se, suspende-se e escava-se. E a massa formidável das águas eleva-se, roda no ar, cascateja em rebojos rutilantes, precipita-se em mós atroadoras, ganha o espaço em saltos, em rugidos, em remoínhos, em vórtices — e reboa, e desaba, e cai, no auge da fôrça, no supremo poder do sangue e do génio... E' Camões, que enche o século!

A calma, em seguida, e o remate polido da obra : o seiscentismo, o culteranismo e a Arcádia; as tragi-comédias e as comédias; o apuro da idealização, o apogeu do classicismo, o latinismo de Filinto Elísio, a métrica incompáravel de Bocage.

Opulenta, a corrente ainda mais se enriquece, recebendo o tributo dos afluentes do Romantismo francês, como antes acolhera o subsídio dos acorrentes da Renascença italiana : os dramas românticos, os romances de ardente amor, a poesia dos ultra-românticos, o tradicionalismo de Herculano, o nacionalismo de Garrett, e, depois, o naturalismo de Eça, e, em-fim, o moderno lirismo de João de Deus e Guerra Junqueiro...

Hoje, estamos na foz imensa, no radiante estuário. Alongo os olhos para todos os

lados, e não vejo raias no horizonte sem fim...

*
* *

... Infelizmente houve um momento em que, à tona destas aguas puras, boiou uma vegetação verde-negra, estendal de sargaços venenosos. Foi a literatura da ironia, mãe da descrença e do impatriotismo. ¡ Amaldiçoada e sinistra, esta germinação de ervas daninhas !...

... ¡ Mas rejubilemo-nos ! A fase ignóbil passou. Fatalmente devia passar. A duração longa de tal moléstia seria a senectude nacional irremediável, o marasmo e a morte. E uma nação — todo um povo forte, tôda uma raça no pleno viço do outono — não poderia ser sacrificada por um bando de loucos amorais, sem coração e sem génio. Porque os ironistas relapsos e os irredutíveis sem-pátria nunca são homens de coração e de génio...

... Dissipou-se o pesadelo. Varramos de nós a lembrança dessa literatura, que nasceu e morreu sem ter vivido. A nossa literatura, aqui e no Brasil, é hoje nacio-

nalista, e será nacionalista. Na vastidão do seu domínio, o rio soberano recorda e venera as suas origens; e, essencialmente, sente-se o mesmo fio de água nascente, o mesmo arroio infante, o mesmo ribeiro adolescente que foi outrora...

*
* *

... ¿Que fôrça espantosa aumentava o corpo daquele gigante, filho de Neptuno e da Terra? Podia Hércules subjugá-lo quando o levantava do solo. Mas, quando os seus pés tocavam no chão, o lutador ganhava novo alento : revigorava-o a Terra; o contacto do seio materno tornava indomável o seu corpo e divinizava o seu espírito. Só é grande homem quem é bom filho...

Mas, Portugueses e Brasileiros, não sejamos apenas artistas, e bons artistas : sejamos educadores, e bons educadores. Somos nós os legítimos depositários da nossa civilização. Demos o nosso carinho, o nosso conselho, a nossa direcção aos talentos que se estão formando e aos que

teem de nascer. Devemos dizer-lhes : « ¡ Sêde *vós ;* sêde a vossa terra ! Sêde *vós*, e não sejais imitadores dos outros; sêde *vós*, nos assuntos da vossa idealização. ¡ E prezai a vossa língua, respeitando-a, e libertando-a de feios aleijões, do calão pesado que a desonra, e dos estranjeirismos inúteis que a sobrecarregam ! »

Não sou inimigo irreconciliável de todos os peregrinismos, porque amo e admiro enxertos formosos que possam opulentar e alindar o nosso idioma. Mas o exagêro é sempre hediondo. As línguas são como as mulheres : vestidas com pureza e simplicidade, são enlêvo para todos os olhos artistas e para tôdas as almas finas; mas, como cortesãs ou ídolos bárbaros, arreadas de ouropéis vistosos e untadas de cosméticos enganadores, são apenas agrado de sentidos grosseiros e instintos baixos.

Também não sou purista estremado, de um purismo que se abeire da caturrice. Será ridículo que os nossos netos falem e escrevam exactamente como falaram e escreveram os nossos avós. Também seria ridículo que o nosso estilo de hoje fôsse a reprodução fiel do estilo dos quinhentistas. Mas se o tesouro do vocabulá-

rio, o movimento das locuções, o ritmo das frases, podem e devem ser variados e aperfeiçoados — a sintaxe, que é a estrutura essencial do idioma, é perpétua e imutável.

Digamos isto aos nossos continuadores. Digamos-lhes ainda que somos latinos, e queremos ser latinos em nossa descendência. E para isto, pelo exemplo e pela lição, prèguemos a decência do pensar e do dizer, a graça, a justeza e a sobriedade — virtudes máximas do génio latino.

(Do *Discurso* proferido no banquete da *Atlântida*, no *Grande Hotel Central* de Lisboa, em 31 de março de 1916.)

*
* *

... Em verdade, o meu nacionalismo é filho do meu tradicionalismo. Quero que a minha pátria se orgulhe da sua história.

Diz um inepto brocardo que as nações felizes são as que não teem história. O que quere dizer : as que nunca tiveram guerras, nem revoluções, nem terremotos,

nenhum cataclismo físico ou moral. Apagada e miserável felicidade essa : a felicidade dos pântanos, na estagnação e no apodrecimento... ¿Mas que nações puderam jámais viver nessa estúpida bem-aventurança?

O sofrimento é a essência e a razão de ser da vida. Nem os rudimentares acampamentos bárbaros da antiguidade, nem as mais obscuras aldeias selvagens de África, nem as mais ignoradas tabas do alto Mato Grosso, nem as mais remotas galerias dos castores e as mais negras tocas das formigas, no fundo da terra, podem lograr vida sem sofrimento.

Não quero que a minha nacionalidade tenha uma vida sem passado e sem provações. Não quero que ela viva como essas plantas inferiores, que subsistem sem glória e sem martírios, como as algas errantes sôbre as águas, sem lar; como as acróbias, que se nutrem do ar, sem tentáculos de nutrição; como as epífitas sem alicerce próprio, agarrando-se a rochas ásperas; como as parasitas que, hóspedas importunas, se alimentam de seiva alheia, vegetando sôbre outros organismos generosos. Quero que ela seja uma dessas grandes e

belas árvores, de longas e profundas raizes, aferrando-se no mais remoto e secreto seio da terra, no âmago do solo consagrado pelos tempos, regado pelo suor, fecundado pelas lágrimas, lavrado pelo sacrifício de muitas gerações de trabalhadores. Quero que a sua copa livre, autónoma, soberana, alargue no amplo céu a sua mocidade e a sua independência; mas quero também que, com a sàdia verdura das suas fôlhas, com a formosura das suas flores e com o sumarento viço dos seus frutos, ela reconheça a fôrça do humus da terra de que se fêz a sua seiva, e abençoe a nobreza dos séculos que a robusteceram...

(Do *Discurso* proferido na sessão nocturna da Academia das Sciências de Lisboa, em 30 de março de 1916. *In* «Atlântida», Ano I n.º 6, pág. 573.)

A LÍNGUA PORTUGUESA

Êste soneto de Olavo Bilac foi a primeira vez tornado público em Portugal pela leitura que dêle fêz, na sessão da Academia das Sciências de Lisboa em que o grande poeta brasileiro foi recebido sócio correspondente, o seu confrade português sr. Alberto d'Oliveira (30 de março de 1916).

Última flor do Lácio, inculta e bela,
E's, a um tempo, esplendor e sepultura :
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela
E o arrôlo da saùdade e da ternura !

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo !
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi : « Meu filho ! »
E em que Camões chorou, no exílio amargo
O génio sem ventura e o amor sem brilho !

FIM

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

I — Preliminares XI
II — Dois símbolos XVII
III — A «verdadeira aurora das letras».. XXIII
IV — D. Duarte, Fernão de Oliveira e Sá de Miranda XXVII
V — Barros e Ferreira XXX
VI — Riquezas da nossa língua XL
VII — O Português e o Italiano..... LII

PALADINOS DA LINGUAGEM

I — D. Duarte, rei de Portugal 3
II — Fernão de Oliveira..... 5
III — Francisco Sá de Miranda..... 8
IV — João de Barros 10
V — Francisco de Morais Cabral 19
VI — Luís de Camões 20
VII — Jorge Ferreira de Vasconcelos.... 21
VIII — Diogo Bernardes 23
IX — Dr. António Ferreira..... 24
X — Miguel Leite Ferreira..... 31
XI — D. António Pinheiro 32
XII — Fernando Álvares do Oriente 34

XIII — Domingos Fernandes 36
XIV — Amador Arráiz 38
XV — Pêro de Magalhães Gandavo ... 41
XVI — Vasco Mousinho de Quevedo ... 45
XVII — Diogo Mendes Quintela 46
XVIII — Duarte Nunes de Leão 48
XIX — Francisco Rodrigues Lobo..... 63
XX — Frei Bernardo de Brito 71
XXI — Álvaro Ferreira de Vera 74
XXII — Manuel Severim de Faria..... 76
XXIII — Frei Manuel do Sepulcro..... 88
XXIV — Jacinto Freire de Andrade 92
XXV — Frei António da Purificação.... 94
XXVI — António de Sousa de Macedo ... 95
XXVII — Padre António Vieira 97
XXVIII — Frei Agostinho de Sousa 98
XXIX — Duarte Ribeiro de Macedo..... 99
XXX — D. Rafael Bluteau..... 100
XXXI — Manuel Bernardes..... 102
XXXII — António de Melo da Fonseca (José de Macedo)..... 105
XXXIII — Francisco José Freire *(Cândido Lusitano)* 109
XXXIV — Correia Garção 115
XXXV — Francisco Dias Gomes 120
XXXVI — António Pereira de Figueiredo . 131
XXXVII — Francisco Manuel do Nascimento 135
XXXVIII — António das Neves Pereira 149

XXXIX — José Agostinho de Macedo..... 153
XL — Cardial Saraiva (Frei Francisco de S. Luís)..... 157
XLI — António Feliciano de Castilho.... 159
XLII — José Inácio Roquete..... 164
XLIII — Almeida Garrett..... 166
XLIV — Alexandre Herculano..... 174
XLV — José Silvestre Ribeiro..... 177
XLVI — Camilo Castelo Branco..... 183
XLVII — João de Deus..... 185
XLVIII — Júlio de Castilho..... 186
XLIX — Eça de Queiroz..... 195
L — Ramalho Ortigão..... 198
LI — Machado de Assis..... 203
LII — Júlio Moreira..... 206
LIII — Gonçalves Viana..... 213
LIV — Adolfo Coelho..... 222
LV — Fialho de Almeida..... 225
LVI — José Verissimo..... 228
LVII — Epifânio Dias..... 245
LVIII — Silvio Romero..... 248
LIX — Guilherme de Moniz Barreto..... 254
LX — Olavo Bilac..... 257

ERRATA

Foi êste livro composto quási todo em Paris e todo impresso em Lisboa, tendo sido revistas na Foz do Douro grande parte das suas provas tipográficas. Vindo de França em *matrizes*, estereotipado em Portugal, não pôde o seu texto ser emendado com a devida eficácia, contribuindo outro-sim para a imperfeita revisão as demoras e embaraços desanimadores a que lamentàvelmente tem estado sujeita a indústria nacional de tipografia.

Esperamos, pois, que o Leitor nos perdoará quaisquer incorrecções que encontre, e pedimos-lhe que tome nota da seguinte, por nós descoberta ao reler as fôlhas já impressas:

A data da *Introdução*, pág. LXIV, deve ler-se *30 de Maio de 1920*, e não *de 1910*, como saiu impresso.

ERRATA

Pág. 55, linha 18, *onde se lê:* nenhumas e alongou, *leia-se:* nenhuma se alongou.

Pág. 254, sob o título, *onde se lê:* 1899, *leia-se:* 1896.

Pág. 256, nota, *onde se lê:* Teófilo Braga, *leia-se:* Jaime Moniz.

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

LISBOA—73, Rua Garrett, 75

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

A série da **ANTOLOGIA PORTUGUESA**, *que virá a constar de uns trinta volumes, pelo menos, não será apresentada ao público com numeração editorial. Cada possuidor a ordenará como entenda, ou cronológicamente, ou por poetas e prosadores, segundo o seu critério e vontade.*

VOLUMES PUBLICADOS:

Manoel Bernardes, 2 volumes.
Alexandre Herculano, 1.º volume.
Frei Luís de Sousa, 1.º volume.
Barros, 1.º volume.
Guerra Junqueiro, verso e prosa, 1 volume.
Trancoso, 1 volume.
Paladinos da linguagem, 1 volume.
Fernão Lopes, 1 volume.
Lucena, 1.º volume.

NO PRELO:

Lucena, 2.º volume.

EM PREPARAÇÃO:

Camões lírico, Antonio Vieira, Eça de Queiroz, Bocage, Damião de Góis, Castilho, Sá de Miranda, Camilo, Os Cancioneiros, Fernão Mendes Pinto.

LaPor .Gr
P1535
403750
Paladinos da linguagem. Vol.1. (Ed.2.)

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED